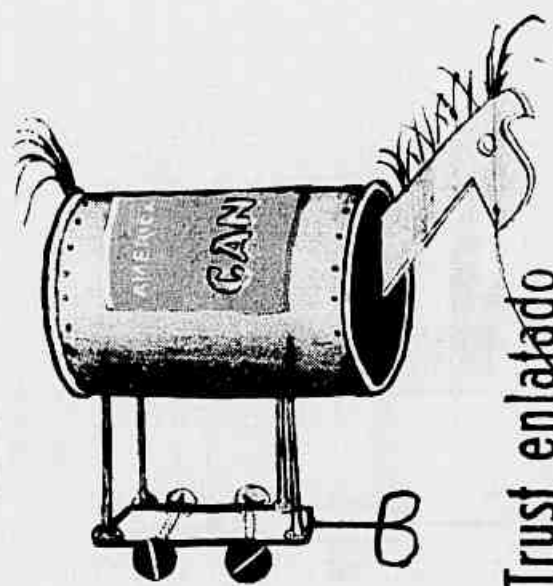


Semana

REVISTA DA

março 58 — Cr\$ 10.00



Trust enlatado



ROSSANA
PODESTA

Ibrahim
Sued
casou
sem calos

O que
significa
a volta
de Prestes

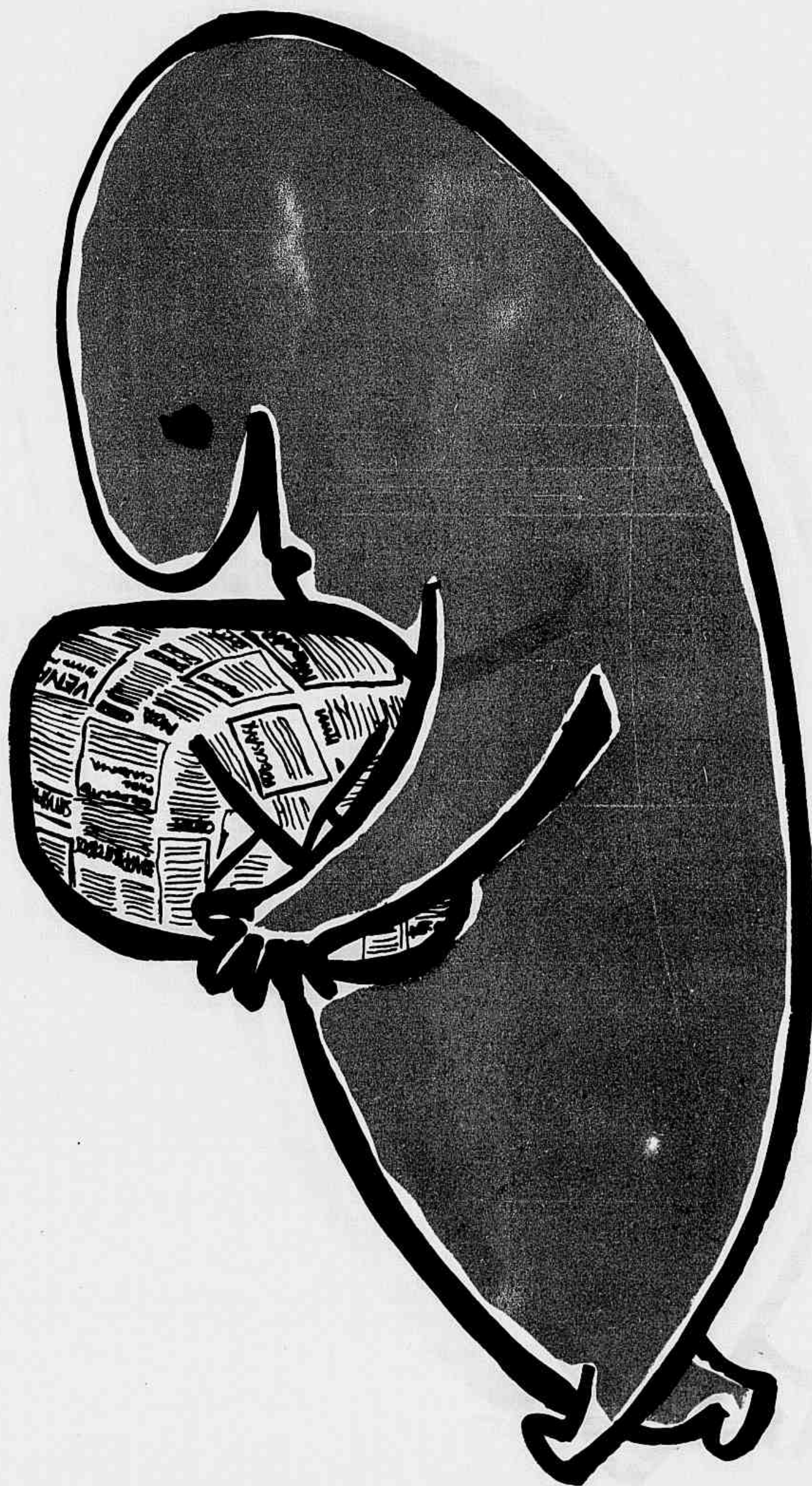
O D.E.

(Departamento Especializado)

foi
a Punta
Del Este

Leia o

JORNAL DO BRÁS



CHADWICK

O departamento
Especializado
Com simpatia

Renato Costa



Semana

REVISTA DA

Ano 57, N.º 13, Rio, 29-3-1958

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURO**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES**: Internacional — Ste-
jan Baciu. Política — Murilo Melo Filho. Feminino — Nazareth. Esporte — Arthur Paraíba. Cinema — Ely Azeredo. Rádio &
TV — Ricardo Ramos. Literatura — José Roberto Teixeira Leite. Artes Plásticas — Maria Inês Duque Estrada. Ciência — Frie-
drich Hoe. Psicologia — Fernanda Barcelos. Humor — Luís de Azevedo. Médico — Sílvio Lima. No Espaço — Cónego O'Grady.
Teatro — J. Fomm. Sociedade — Lady Maxwell. Economia Doméstica — Bernardino de Araújo. — **REVISTA DA SEMANA** —
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderêço Tele gráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação —
22-9370. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. As-
sinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

Diretor-Comercial — **JOFFRE AMADO**

Diretor-Secretário — **ALUIZIO ALVES**

LEIA:

- NACIONAIS** 8 — As latas passaram por trás de Lott
- TEATRO** 10 — Os 13 demoraram a cear
- NO ESPAÇO** 11 — O homem no espaço não vai comer, beber ou respirar
- DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO** 13 — No Festival de Punta del Este
- HUMOR** 20 — Mr. Abernathy
25 — O Trôco
- COQUETEIS** 21 — Luís, diário de um gastrônomo
- MODA** 22 — St. Laurent fuge do sucesso
- BOXE** 28 — Luizão sambou antes da hora
- POLÍTICA** 35 — O que significa a volta de Prestes
- CINEMA** 38 — René Clair também se mata por ternura
- NOVELA** 44 — O Urso
- LIVROS** 47 — Aurora Lívida ou Tristonho Ocaso
- PSICOLOGIA** 49 — Como ensinar as crianças
- MEMÓRIAS** 50 — Rafael Corrêa de Oliveira
- INTERNACIONAL** 53 — Eles cairão nesta ordem
- SOCIAIS** 58 — Ibrahim Sued casou sem os calos
- OPINIÃO** 66 — Recado ao Presidente — Aluízio Alves

PAG. 31

PAG. 58

I BRAHIM; tem uma menina de Minas, muito bonita, que vai ser candidata a Miss Elegante Bangu pelo Clube Naval. Você podia dar uma nota sobre ela.

Foi assim que, pela primeira vez, I.S. ouviu falar em sua noiva. Quem falou: Maluh de Ouro Preto.

Dias depois (Ibrahim deu a nota, sem conhecer Glorinha), numa festa na casa de Jorge Dória, ele viu a moça. No dia seguinte a "Reportagem Social" ("O Globo") noticiou: "Pelo que esta coluna tem observado, Glorinha Drumond é a mais forte candidata ao título de Miss Elegante do Clube Naval".

Na festa do C.N. eles foram apresentados. Glorinha já estava escolhida Miss Elegante. Dançaram juntos. Ibrahim errou o passo. Foi assim que começou, em 1956.

Em dezembro houve "Uma Noite no Rio", em Nova Iorque. Glorinha foi convidada. Ibrahim também. Passearam juntos. Foram ao "Chapeau Rouge". Na coluna: "Aconselho aos namorados que vierem a esta cidade o "Chapeau Rouge", um clube onde tudo é perfeito".

Um ano depois, quando I.S. voltava de outra viagem aos Estados Unidos (quando foi cobrir a visita da rainha Elizabeth) depois de muitas cartas pra lá e pra cá; no Salão da Alfândega, no Galeão, Glorinha disse a ele: "Vamos marcar para o dia 19 de março que é o dia de São José".

O 19 de março está na página 58.

A CARTA:

"Nunca vi consagração maior do que a do público uruguaio a Dogomar, pela vitória sobre Luizão. Foi (com o perdão do lugar-comum) uma coisa indescritível. Imagine o Flamengo ganhando um tetra-campeonato ou o Brasil ganhando a Copa do Mundo, dando no Uruguai de banho.

"Os melhores lugares do estádio estavam com os jornalistas uruguayos e tivemos que fotografar com um inferno de cordas pela frente. Chamo a atenção para as fotos de crianças lutando no ring, depois da luta, e para título sugiro: "Luizão sambou antes da hora", dando a foto dele sambando em Montevideu para os jornalistas.

"Sigo para Buenos Aires.

"Inacrevi no nosso Departamento Especializado uma gata que fará grande furor. "Saquel" — como eles dizem por aqui — umas fotos dela de biquíni, coisa de deixar qualquer um doido. Nunca tivemos coisa igual.

"Até a próxima e um grande abraço

Polito".

○ "Vampiro das Rosas", que abriu o primeiro Concurso Original do Conto, já provocou cartas: seis a favor e duas contra. As duas contra salientam "a ousadia do tema" e "a crueza do detalhe central", mas, como as outras, reconheciam em Nathaniel um bom contista e no "Vampiro das Rosas" um conto "não direi antológico para não me levarem na conta de um exagerado" (Hélcio Martins, DF).

"O Trôco", de Wander Pirolí (p. 25) é o segundo do Concurso, que será permanente e nas seguintes bases: conto ruim não serve; tamanho não é documento; nem só de datilógrafos vive a Literatura; não temos preferência pela fita vermelha ou preta de máquina, pelo espaço 1, 2 ou 3, pela tinta verde ou azul lavável da sua caneta esferográfica ou Parker; o papel ofício deve ser reservado para os ofícios; não nos interessamos por pseudônimos ou envelopes fechados — nós poderíamos abrir os envelopes; os originais talvez sejam devolvidos, mas não garantimos; plágios, desde que bem feitos, serão bem recebidos; nosso redator-chefe gosta de contos de humor; e de contos policiais.



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
São Paulo — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"



"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA" PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brückmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

EU SEI TUDO

A VENDA EM TODAS AS BANCAS
OS JORNALEIROS CR\$ 10,00

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

**ANTI
INFECTUOSA
I.B.M.**

VACINA ANTI-PYOGENA POLYVALENTE
SERIE UNICA DUAS DOSES
Aprov. m 731 13-3-1923

CARTAS

AGRADECIMENTO

"... e saiu uma beleza a reportagem sobre o meu teatro. Estamos gratíssimos. Abraços de todo o elenco à RS".

Cacilda Becker, D.F.

FA

"Sou leitora assídua da R.S. e gostaria que ela publicasse também fotos de Anilza Leoni, Liris Castelani, Angelita Martinez, Wilza Carla e Eloína, assim como fizeram com Valéria Amar. É que coleciono fotos de artistas".

Vanda Solange Silva
Salvador

HOMENAGEM

"A R.S. foi homenageada como "Grande Amiga e Colaboradora do Diretório Acadêmico "Filadelfo Azevedo", da Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro".

Francisco Araújo
(presidente), D.F.

PRESTÍGIO

"O América Futebol Clube do Rio de Janeiro agradece à R.S. pelo relêvo emprestado em suas páginas brilhantes ao nosso tradicional baile infantil".

Oscar Montelro
(secretário), D.F.

REVISÃO

"... e a R.S. tem agradado muito em casa. Mas, entre alguns de seus defeitos mais graves, cito a revisão. É muito comum encontrar erros em suas páginas".

Fernando Soares, S. Paulo

FUTEBOL

"Por que a R.S. não publica mais reportagens sobre futebol, principalmente agora nas vésperas da Copa do Mundo?"

Vitor Mendonça, B. Horizonte

PROCURA

"A R.S. diz em seu número 10, na reportagem sobre Valéria Amar: "onde pode ser encontrada — tomando banho de mar no Arpoador". Sou freqüentador do Arpoador mas nunca vi Valéria Amar".

Jorge Figueiredo, D.F.
§ Seus horários devem ser diferentes.

Editor

"SALOON"

"... e a expressão "Índias nuas no "saloon" ficou muito bem para a reportagem do número 4..."

Amílcar Tavares, B. Horizonte

CINEMA

"As reportagens de cinema da R.S. poderiam falar também sobre a vida íntima dos artistas".

Vera Jordão, D.F.

NOVELA

"Não gostava da novela "O Vagabundo e o Menino".

Ruth Silveira, D.F.

ALBA

"A beleza da mulher do governador Muniz Falcão e o seu temperamento extremamente feminino impressionaram-me".

Alcides Ribeiro, Vitória



LUA

"Gostei da reportagem "O homem chegará à Lua delatado". Quem fez?"

Marilla Vieira, D.F.

§ Nosso Editor Astronáutico, cônego O'Grady.

Editor

MODA

"Poderia a R.S. publicar mais reportagens sobre Yves St. Laurent, o sucessor de Dior".

Amélia Gonçalves, D.F.

§ Aguarde.

Editor

GUITARRA

"A guitarra do ministro da Fazenda continua funcionando. Precisa haver mais denúncias".

J. S., Belo Horizonte

POLÍTICA

"O senador Juracy Magalhães vai levar a UDN para um acôrdo com os comunistas nas próximas eleições, diante da linha realista que quer imprimir ao partido. Aliás, a UDN não ganhou eleições até agora porque sempre desprezou os comunistas, no que concordo. Discordo, portanto, da linha realista do sr. Juracy Magalhães".

M. F., São Paulo

FERDINANDO

"... e estava bem feita a reportagem "O Homem que Inventou Ferdinando Buscapé" (R.S. n. 11). Mas me deixou com algumas dúvidas sobre a integridade física do desenhista Al Capp. Diz a reportagem em certo trecho: "... usando perna mecânica por causa de um desastre de bonde..." e mais adiante: "... disse que não viaja de avião há quatro anos, pois ficou com medo uma certa vez. Nunca sofreu desastre e não sabe a razão do medo..." Não acham os senhores que houve ambiguidade do redator nos trechos transcritos?"

Ayrton Baffa, D.F.

§ Não. Ele nunca sofreu desastre de avião. O desastre de bonde não é motivo para que ele tenha medo de desastre de avião

F.B.

DIREITA

"Sou uma moça muito moralista e não pude concordar com a escandalosa reportagem sobre Valéria Amar publicada na R.S. número 10. As revistas no Brasil, em sua grande maioria, estão ficando, cada vez mais, sem aquela sobriedade tão característica das revistas européias".

Maria Auxiliadora de Mendes, Pôrto Alegre

ELAINE

"Elaine Stewart ainda se corresponde com Ibrahim Sued?"

Marisa Pereira, D.F.

§ Não.

Editor

HUMOR

"Sou pelos bonecos antigos de Ambrozio".

Milton Fernandes, D.F.

PERSONALIDADE

"... e Ambrozio não devia mudar seu humor só porque foi imitado. Ele tem de ter personalidade e deixar que os imitadores caiam por si mesmos".

Augusto Soares, Vitória



ELOGIO

"Gostei muito da piada de Raf sobre o pau-d'água".

Maria Ferreira, B. Horizonte

...e o Coelho encantado atendeu ao seu pedido



Record 3132

Mais do que as fadas e os "gênios", as mães entendem a linguagem das crianças. Sua tranquilidade pede o Talco Eucalol. Mais fino e mais balsâmico, o Talco Eucalol evita as assaduras, brotoejas e irritações da pele do bebê... e também da mamãe!

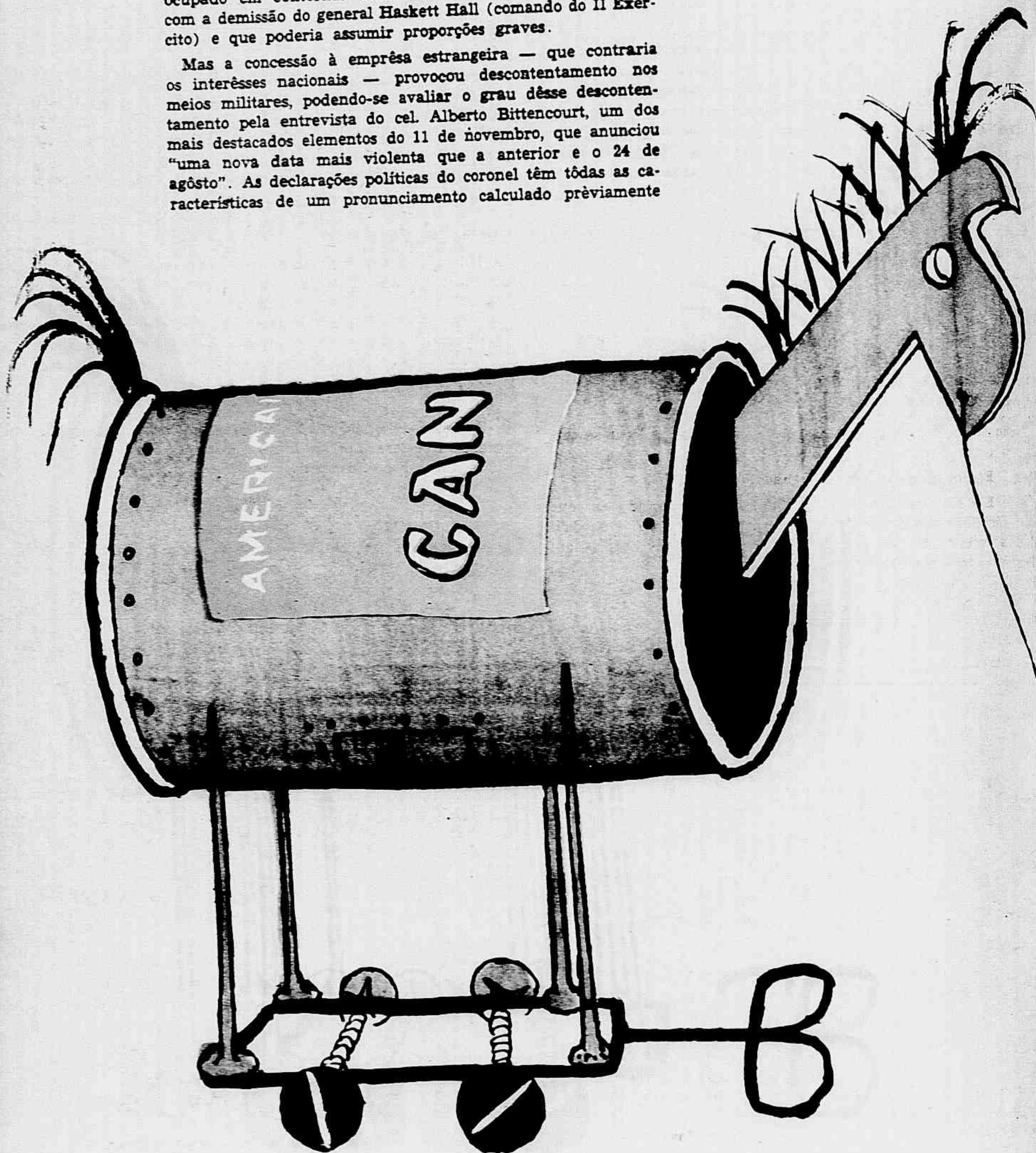
TALCO Eucalol
Produto de qualidade *myrta*

SEIS HOMENS E UMA SENTENÇA

AS LATAS PASS

A SUMOC SÓ APROVOU a transferência da American Can (indústria de laticínios) para o Brasil porque pegou desprevenido o general Teixeira Lott: o ministro da Guerra estava ocupado em contornar uma crise militar, que se esboçava com a demissão do general Haskett Hall (comando do II Exército) e que poderia assumir proporções graves.

Mas a concessão à empresa estrangeira — que contraria os interesses nacionais — provocou descontentamento nos meios militares, podendo-se avaliar o grau desse descontentamento pela entrevista do cel. Alberto Bittencourt, um dos mais destacados elementos do 11 de novembro, que anunciou “uma nova data mais violenta que a anterior e o 24 de agosto”. As declarações políticas do coronel têm todas as características de um pronunciamento calculado previamente



SARAM POR TRÁS DE LOTT

nos setores que ele representa e que parecem ter sido igualmente responsáveis pela iniciativa de sua publicação num vespertino.

Por trás de tudo isso está aquela sentença do general Lott, ultimamente várias vezes repetida: "Os governos caem pela violência e pela corrupção".

Ninguém duvida: há dente de coelho nessa história da American Can.

De acordo com a Instrução 113 da SUMOC, esta deve ouvir a Confederação Nacional da Indústria sempre que se trate de decidir sobre a entrada, no país, de mercadoria e indústrias sem cobertura cambial. Feito o pedido, a SUMOC o encaminha a CNI que, por sua vez, consulta a todas as federações estaduais, para saber se há inconveniências em atendê-lo, se há similares no país, etc. Sempre foi atendido o parecer da CNI. Em 300 casos, o da American Can foi o primeiro decidido contra ele.

Mas não inicialmente. Ao julgar pela primeira vez o caso, a SUMOC rejeitou a pretensão da empresa norte-americana por 5 votos contra 1. Depois, como no filme "Doze homens e uma sentença", os votos contra foram-se transformando em favoráveis. Um dia só faltava mudar o sr. Tancredo Neves. Mas ele também mudou e nesse dia a American Can venceu na SUMOC por 6 votos contra zero.

Não se conhecem os bastidores dessa mudança, mas se tem como certo que:

1. Ela custou um preço elevado.
2. Ela se processou, não por acaso, num período em que era fácil não despertar atenções: entre o Carnaval e as dificuldades causadas ao "Dispositivo de Novembro" pela reconvocação do general Denis.

COM A VITÓRIA da American Can, lavraram um tento os grupos econômicos que atuam junto ao Ministério da Fazenda e o grupo de políticos e economistas que os representam e

agem em seu nome — e cujos representantes mais categorizados são os srs. Lucas Lopes (Banco de Desenvolvimento) e José Maria Alkmim.

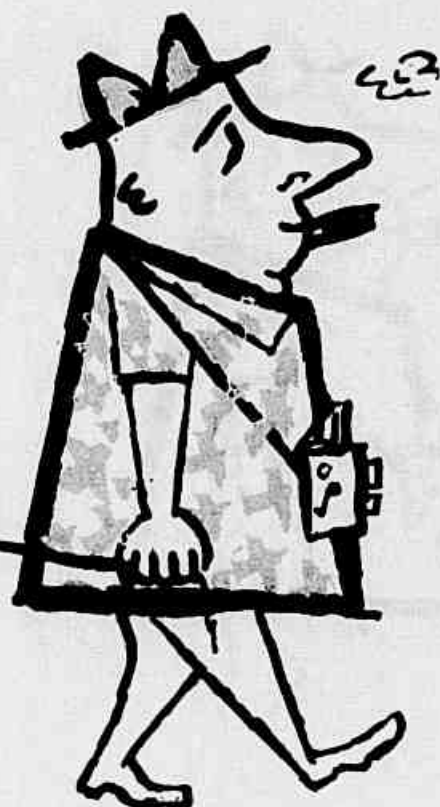
Esse grupo traça a política econômico-financeira do país e é principalmente contra ele que se volta o descontentamento dos setores militares que tutelam o governo — o "Dispositivo de Novembro".

O "Dispositivo" considera-se responsável por garantir "a moralidade" do governo cuja posse e estabilidade assegurou e continua assegurando e por garantir, também, uma orientação nacionalista. E para isso intervém abertamente nos assuntos do Ministério da Fazenda, inclusive na política do café, sobre a qual o Estado-Maior das Forças Armadas já chegou a fazer um relatório-advertência ao presidente, que obrigou o sr. José Maria Alkmim a ir explicar-se perante o general Teixeira Lott.

Por isso mesmo os interesses econômico-financeiros que estão por trás do chamado "grupo mineiro" (Lucas-Alkmim-Tancredo, etc.) têm um objetivo político comum: "fortalecer o poder civil" — isto é, livrar-se da tutela do "Dispositivo de Novembro" e manter o poder nas mãos do "grupo mineiro", inclusive assegurando a este a sucessão de JK (não excluindo a possibilidade de prorrogação do mandato do atual presidente).

Aí estão os bastidores da última tentativa (fracassada) de afastar o general Lott do Ministério da Guerra, primeiro passo para golpear o "Dispositivo de Novembro".

NOS ÚLTIMOS DIAS foi anunciado que a SUMOC reexaminaria a decisão anterior. O ministro da Fazenda, porém, nada informa oficialmente. Sabe-se, no entanto, que é grande a pressão no sentido do reexame — não só de industriais como de setores parlamentares e militares. Por sua vez, estudantes e sindicatos operários realizam reuniões públicas e colam cartazes nas paredes, exigindo que seja revogada a concessão.



Os treze demoraram a cear

SANTANON PERTENCE à classe dos comediantes que produzem uma diversão simples, elaborando um teatro sem pretensão, dirigido a um público não muito exigente. Como tal, Santanon tem o seu lugar nos palcos contemporâneos. "Treze à Mesa" se alonga em 3 atos, tendo um tema principal as peripécias de uma família superstitiosa a fim de evitar que o número de pessoas à mesa de sua casa de Natal seja o 13. Alguns acontecimentos à parte dão oportunidade para que a comédia cumpra o tempo necessário. Embora a história seja um tanto boba e por vezes cansativa, convencionamos que tem algumas qualidades de bom efeito.

Com o atual elenco do TBC variado, era necessário apresentarem uma comédia com papel destacado para Celia Evar que, na verdade, já é um nome conhecido no Rio, capaz de ser atração. Celia já havia criado essa peça em São Paulo há alguns anos, destacando-se num elenco de categoria, ao lado de Paulo Autran, Luiz Linhares, Cláudia Maccioni, Waldemar Wey, etc. Nessa atual montagem, entretanto, seus companheiros foram outros, com menos experiência, tendo sobresaltado com mais forte razão. Isso não desmerece o trabalho elogiável de Tereza Raquel, que interpretou a temperamental estrangeira. Mauro Mendonça, no anti-título, compõe a contento o trio principal de "Treze à Mesa". Newton Prado teve a infelicidade de caracterizar-se de velho, empregando atitudes juvenis, não convencendo o seu "Dr. Pelourdan". Francis Maria Pompeu e Sebastião de Campos, respectivamente em "Terminica" e "Jean-Louis". Boas as rápidas intervenções de Laércio Lavreli no mordomo.

A direção de Alberto D'Aversa (como reza o programa) pouco fez o cenário de Mauro Francini evidenciou bom gosto, enquanto a tradução de Bandeira Duarte e Renato Alvim não foi muito perfeita.

A título de curiosidade, transcrevem um trecho de artigo que "descobrimos" no programa do TBC de São Paulo quando encenaram essa comédia de Santanon, em 1953: "A peça de Marc Gilbert Santanon faz parte justamente desta série de peças para rir, que a direção do TBC costuma intercalar em seu programa de obras de maior valor artístico e cultural".

Isso foi em 1953; hoje o espírito do grupo está completamente diferente. Basta observarmos a seqüência "Adorável Júlia", "Dama de Copas" e "Treze à Mesa".

MORAL EM FALÊNCIA FRAUDULENTA

Abílio Pereira de Almeida em "Moral em Concordata" pretende "dar uma sacudida nas consciências adormecidas acomodadas sob uma cortina de fumaça, que só um vendaval poderia desfazer" — conforme confessa. Transporta à cena a história de uma vigarista vinda da miséria que consegue atingir uma boa si-



tuação financeira. Essa mulher tem uma irmã mal casada, sofredora, mãe de dois filhos, a quem ajuda. A vigarista (Rosário) reconhecendo embora a sua vitória no mau caminho, tem momentos de revolta e indignação ao ver que sua irmã (Estréla) após abandonar o marido, também decide enveredar pela vida fácil. Acaba por convencer-se de que não deveria impedir Estréla de progredir por conta própria, já que esta iniciou-se com grandes prognósticos, amigando-se com um velhote milionário.

Em "Moral em Concordata" nota-se a tendência facciosa do autor apenas querendo fazer um elogio à prostituição, usando termos vulgares, situações banais,

esquecendo-se da situação das moças à margem da sociedade (referimo-nos à sociedade no seu legítimo significado, isto é, a comunidade), das consequências terríveis que refletirão na educação dos filhos do casal separado, cuja mulher optou pela vida fácil, etc. É incontestável, porém, que o diálogo seja vivo, fácil e espontâneo, no decorrer dos 3 atos da peça:

A interpretação foi satisfatória. Assim tivemos Maria Della Costa, Glaucê Rocha, Serafim Gonzalez, Elísio de Albuquerque, Diana Morel, Antônio Ganzaroli, Joaquim Guimarães, Geraldo Ferraz, Sadi Cabral, perfeitamente equilibrados nos seus trabalhos. Benjamin Cattani e Elsa Rian, um tanto destoantes do elenco, enquanto que Bema de Castro tira bons partidos do seu papel — uma italiana do Brasil, se bem que abuse um pouco do tom declamatório. Errado, também, o fato de interromper a atuação para acolher as palmas que algumas pessoas da platéia resolveram lhe dirigir. Um reparo na vestimenta de Glaucê Rocha ao aparecer no 3.º ato, usando uma saia não condizente com a elegância que deveria aparentar.

O cenário dos 1.º e 2.º atos representa com fidelidade o ambiente exigido; o do 3.º ato, entretanto, perde o seu efeito com o papel pintado, lembrando cenário de "sketches" de revistas.

INTERNACIONAIS

HÁ POUCOS dias o TNP, ainda dirigido por Jean Vilar, fez nova montagem de "Ubu Roi" de Alfred Jarry, um dos clássicos franceses do fim do século passado. No espetáculo atual, a imprensa manifestou-se favoravelmente à peça e aos intérpretes.

NA BROADWAY, as irmãs Gish (Lillian e Dorothy) prepararam-se para estreiar numa versão de "Le Pavillon des Enfants", de Jean Serment. Desde 1902 as famosas atrizes da velha guarda americana não trabalhavam juntas. Em 1953 Lillian tentou um retorno ao palco em Nova Iorque, mas a peça foi condenada pela crítica, permanecendo apenas alguns dias em cena.

NO ESPAÇO

O HOMEM NO ESPAÇO NÃO VAI COMER BEBER OU RESPIRAR



MARIUS

Os americanos anunciam: vão lançar um homem

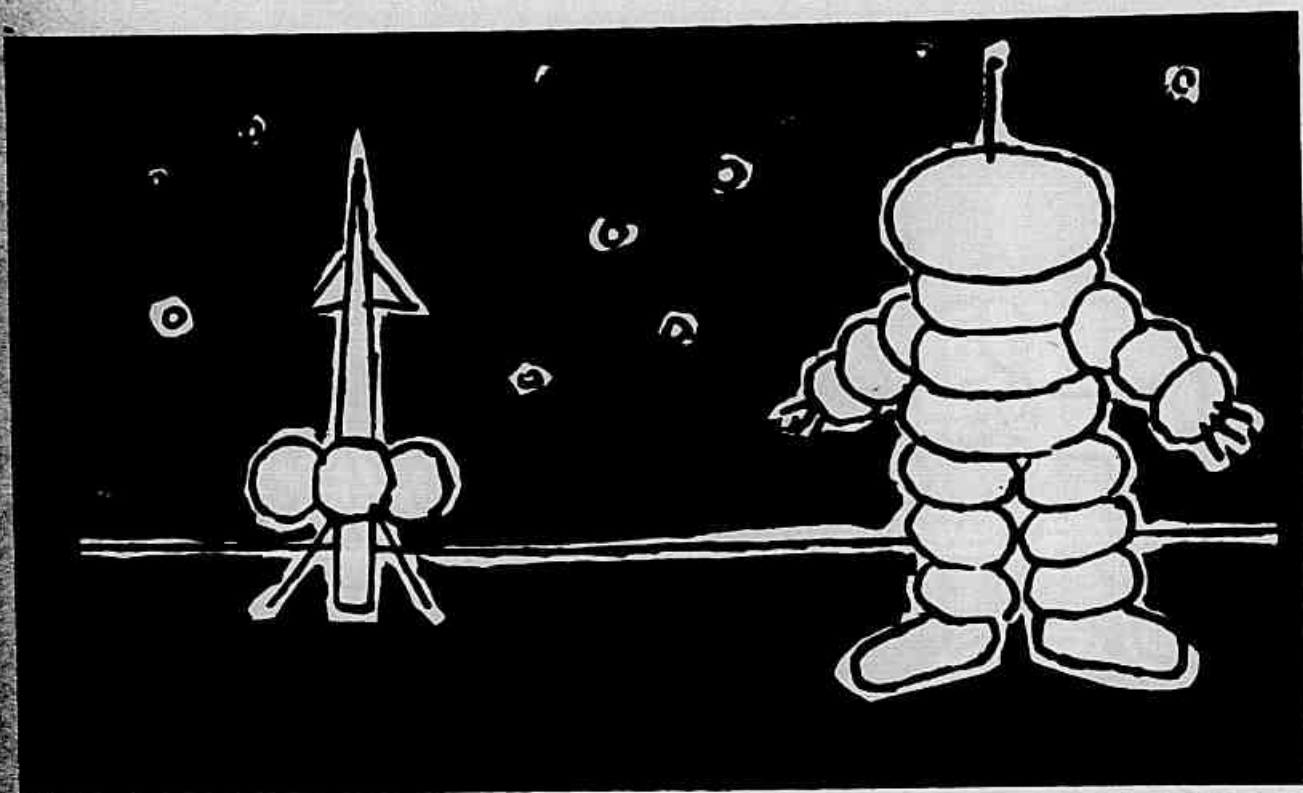
PERGUNTA

O dr. James B. Edson, do Departamento de Pesquisas do Exército Americano, declarou esta semana que "os elementos de vanguarda da Medicina Espacial estão trabalhando no aperfeiçoamento de uma substância que tornará desnecessário respirar, comer e beber durante os vôos interplanetários".

Quais são as possibilidades de que isso venha a acontecer, e quando?

RESPOSTA

As possibilidades são muito grandes, já que, do ponto de vista da Ciência, isso é perfeitamente realizável, já havendo teoria a respeito.



Quando, é difícil precisar. Mas pode ser para um futuro bem próximo, para a nossa geração, com toda a certeza.

PERGUNTA

Que substância será essa e como atuará?

RESPOSTA

Não foram tornados públicos os detalhes das pesquisas do Exército americano. Mas, pelas teorias, só pode se tratar de duas coisas: ou é uma droga que provoque a perfeita hibernação artificial ou algo que supra — no estado de vigília ou de sono normal — as necessidades vitais do organismo. Assim, a respiração do homem no espaço não será mais pulmonar e sim celular; a alimentação não será gastro-intestinal e sim celular; e a hidratação também será feita celularmente. Será, assim, abolido o lado externo das funções vitais, sendo estas direta ou intimamente mantidas por intermédio da tal substância que está sendo aperfeiçoada.

É preciso notar que o dr. James Edson não se refere a "tentar descobrir" a substância, dizendo, textualmente, que já estão trabalhando "no aperfeiçoamento" dela. Isso parece indicar que a substância já foi descoberta e deu algum rendimento quando aplicada.

PERGUNTA

Qual a vantagem que esta substância pode oferecer ao homem, quando aperfeiçoada?

RESPOSTA

Ela resolverá um dos maiores problemas atuais do homem que pretende viajar pelo espaço: vai aliviar o peso morto

que, por enquanto, é indispensável. O peso do oxigênio, da água e dos alimentos necessários para uma grande viagem.

PERGUNTA

É verdade que os norte-americanos já têm pronta a primeira cidade espacial?

RESPOSTA

Tudo leva a crer que pelo menos os planos da "ilha do espaço" já estejam prontos. O dr. Werner Von Braun já tem inclusive adiantado detalhes: a ilha será em forma de roda, de "nylon" impregnado de matéria plástica. Pesará sete mil toneladas e vai girar com a velocidade de 25 mil quilômetros por hora em torno da Terra, numa órbita situada a 1730 quilômetros de altitude. Cada volta da ilha do espaço em volta da Terra levaria duas horas.

A "ilha" será construída no local, isto é, num ponto determinado da órbita. Foguetes levarão da Terra as partes separadas, para que equipes especialmente treinadas façam a montagem das vinte partes em que se dividirá a roda. Depois da montagem, a roda será inflada e impulsionada por outro foguete.

PERGUNTA

E os russos já têm planejado algo de semelhante?

RESPOSTA

Dizem eles que sim. Mas não forneceram ainda detalhes a não ser que a ilha soviética será "um completo laboratório intersideral".

PERGUNTA

Os norte-americanos estão anunciando o lançamento de um homem ao espaço exterior. Há possibilidades de que isso seja para breve?

RESPOSTA

Há. Mas não para tão cedo quanto querem fazer crer os telegramas. Os técnicos americanos ainda não resolveram satisfatoriamente uma série de problemas e só se lançarão a uma empresa dessas quando estiverem absolutamente a coberto de riscos desnecessários.

Basta ver que só agora conseguiram lançar com sucesso o Vanguard, presos que estavam a pequenos detalhes.

PERGUNTA

O Vanguard I fez alguma vantagem sobre o Explorer I?

RESPOSTA

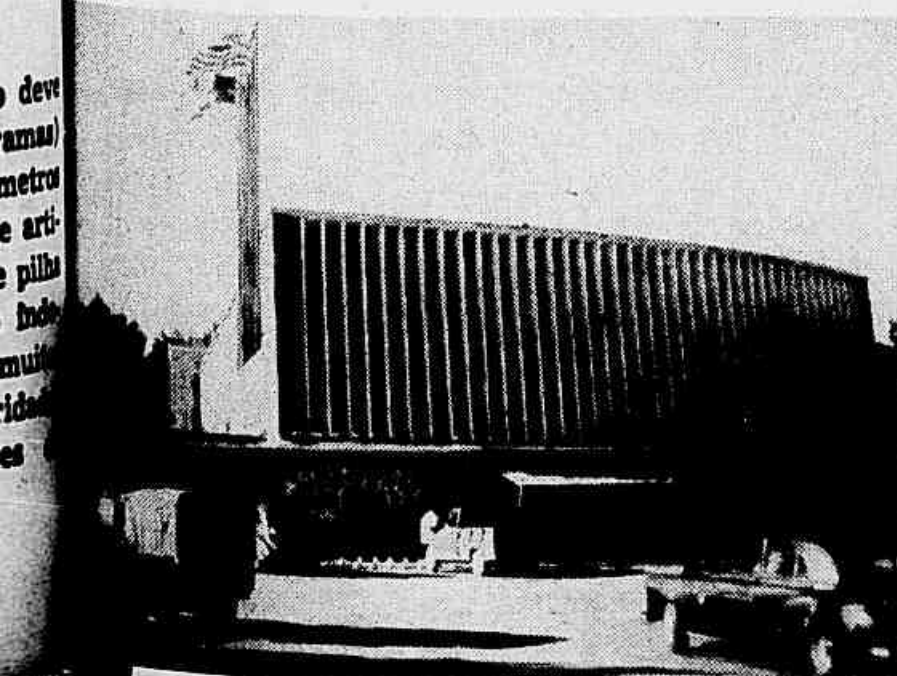
Fêz. E sobre os Sputnik também. O Beta 1958 (como deve ser chamado), pelo seu peso muito pequeno (1640 gramas) foi posto a uma grande altitude (máxima de 4 mil quilômetros e mínima de 640), a maior já alcançada por um satélite artificial. Além disso, está equipado com um transmissor de pilha solar que permitirá transmissões contínuas por tempo indefinido. Enquanto durar o Beta 58 — e ele vai durar muitos anos, devido a altitude média de sua órbita — as autoridades científicas americanas ficarão recebendo informações mais alta importância.

**EM PUNTA
DEL ESTE
DOIS PONTOS
CHAMARAM
A ATENÇÃO**

Palácio do Festival: poucos filmes de longa metragem agradaram.



Sonja Ziemann: metragem 104-96-59-67-25: agradou muito.





Até o chefe (seção fotográfica) do Dep. Especializado ficou assim, assim...

Ives: não houve paz entre as mulheres

PUNTA DEL ESTE, 58, março, 7-14: Festival de Cinema não foi grande sucesso como festival de cinema por causa da má qualidade dos filmes apresentados ponto Festival de Cinema foi sucesso somente por causa de Rossana virgula Magali Noel e Antonela Lualdi isto para os uruguaiois e de Ives Montand isto para as uruguaiaias ponto Departamento Especializado da REVISTA DA SEMANA viu tudo e fez novas inscrições ponto Polito.



... foi ficando assim...

... e acabou assim.



Trenzinho azul com Ives Montand de foguista : pili!



Adivinhem só quem está aí com Rossana e Sônia.

"Uma questão de liberdade de imprensa"

NÃO, POR FAVOR, não façam isso, não, meu marido não quer, não insistam, não, tá bem, vocês querem assim... e Antonela Lualdi foi tirando a blusinha de seda, foi tirando devagarinho e tirou.

Aí os fotógrafos que queriam aquilo mesmo começaram a trabalhar muito satisfeitos, todos estavam contentes, até Antonela que sorriu menos um: o senhor Franco Interlegghi, que estava a dois metros de Antonela e dos fotógrafos e coçava muito a cabeça e andava muito de um lado para outro com as mãos para trás.

O senhor Franco Interlegghi é o marido de Antonela Lualdi e por causa de que os fotógrafos tiraram fotos do busto de sua mulher coberto apenas com a parte número dois do biquíni eles brigaram, discutiram.

Mas depois fizeram as pazes, ela disse que aquilo era só para publicidade e tudo acabou muito bem, perfeitamente.

16 horas: "Não, não..."



16.01: "Não, por favo



Franco: "Por que você fez isso, Antonela?"



16.02 : "N..."

...E Magali entrou para o D. E.

Aí ROSSANA PODESTÁ disse para Magali Noel: "Eu, não. Esses fotografos são muito perigosos e meu marido está aqui, ele dorme de olhos abertos". E como Magali estava sem marido porque o seu noivo ficou em Paris disse que Rossana tinha lá suas razões mas ela ia ao seu chalé. E foi. Quando entrou no chalé deu uma voltinha e a saia subiu, subiu e os fotografos, que não dormem nem com olhos abertos, estavam presentes.

Por isso Magali ficou muito famosa no Festival de Punta del Este e foi considerada por todos como a melhor entre as estrelas. E ganhou inscrição no nosso Departamento Especializado.

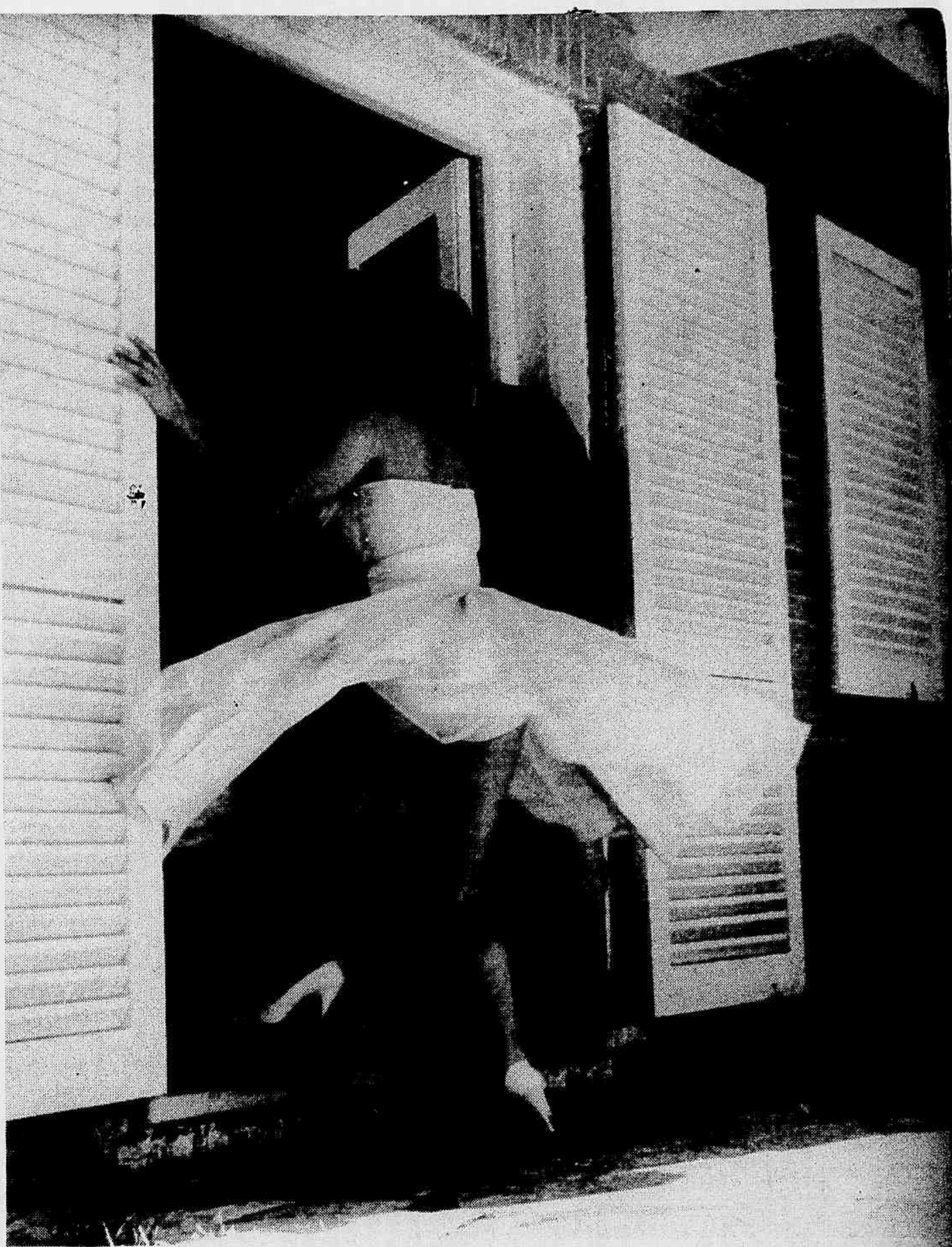
"você não pode Rossana, mas eu posso..."



"... danço o calipso..."

"... e também o cha-cha-cha..."





“... ah! tem fotógrafo aqui?”

“... fim”.





12 COQUETÉIS 10

Luis.

Brillat-Savarin tem uma frase assim: "O cozinheiro está acima do escritor e o bom preparador de coquetéis acima do cozinheiro, porque a cagarola é melhor meio de expressão do que a pena e a coqueteleira não depende do forno".

Este senhor, um dos mais conceituados "gourmets" de que se tem notícia, ficaria muito surpreso se abrisse hoje um livro de receitas. Motivo: em cada livro aparecem dezenas de receitas iguais mas com o nome trocado.

Para você, Luis, que ainda não está pronto para ser iniciado nos segredos da cozinha, vão aqui doze coquetéis Nota 10, inclusive o simplíssimo Martini em três versões, que a maioria das pessoas faz errado. Mas não se impressione com nomes.

MARTINI SÊCO — Misture 2/3 de gin, 1/3 de vermute sêco italiano e limão; acrescente limão ou laranja à vontade, desde que não chegue a atingir 1/3 da medida. Sacuda e sirva.

MARTINI MÉDIO — Misture 1/3 de gin, 1/3 de vermute doce francês, 1/3 de vermute sêco italiano. Ponha uma azeitona verde e sirva.

MARTINI DOCE — Misture 1/3 de gin e 2/3 de vermute doce francês; acrescente um pouquinho de suco de laranja doce. Sirva com uma cereja.

Nos Martinis, o gelo é colocado no misturador. Quando se serve o coquetel, o gelo fica para trás.

É um erro muito grave bater o Martini.

PLAZA — 1/3 de gin, 1/3 de vermute doce, 1/3 de vermute sêco, um pouco de suco de abacaxi. Servir com pedacinhos de abacaxi boiando. O gelo, neste caso, pode ir acompanhando. Misturar um pouco.

PERFECT COCKTAIL — Misture 1/3 de gin, meio de vermute doce francês e meio de vermute sêco italiano. Colocar gelo bem picado na coqueteleira. Bater bem. Acrescentar meio suco de laranja. E servir.

PRINCESS MARY — Esse coquetel, Luis, foi servido no casamento da atual rainha-mãe da Inglaterra. Misture 1/3 de gin, 1/3 de licor de cacau e 1/3 de creme de leite. Sacuda e sirva. Há quem acrescente gelo, mas isto é um erro.

PINK-ROSE — Uma clara, uma colher de granadine, uma colher de caldo de limão, uma colher de creme de leite, 2/3 de gin. Sacudir bem e servir em cálice. Gelado ou não.

GIN RICKEY — Ponha no copo um pedaço de gelo; derrame por cima o caldo do limão, lentamente; acrescente um cálice de gin e acabe de encher com água gasosa.

LADY COCKTAIL — 1/3 de gin, 1/3 de vermute doce, 1/3 de vermute sêco e o caldo de meia laranja. Misture devagar. Sirva com pedacinhos de laranja. O gelo deve acompanhar. E lembre-se, Luis: quanto mais gelo você põe num copo, mais devagar ele derreterá. Assim, se você quer que o coquetel permaneça no ponto por muito tempo, use bastante gelo em blocos grandes.

LE ROI — Misture uma gema, 1/6 de Curaçao, 1/6 de conhaque, 1/6 de gin, uma colher de chá de xarope, uma colher de creme de leite e uma colher de caldo de limão. Mexa. Conforme seja o xarope, você tem um "Rei de Amora", "Rei de Framboesa", "Rei de Guaraná", "Rei de Groselha", etc.

BLOODHOUND — Esse coquetel, também chamado "du Le Duc", foi introduzido pelo duque de Manchester. Misture 1/3 de gin, 1/3 de vermute sêco, 1/3 de vermute doce e dois ou três morangos, sendo que um deles deve ser ligeiramente amassado. Mexa e sirva.

BRANDY-FIX — Ponha na coqueteleira um torrão de açúcar, um colher de chá de água, o caldo de meio limão, meia medida de licor sherry-brandly e uma de conhaque. Encha a coqueteleira com gelo e sacuda. Sirva com uma rodela de limão.

Uma última palavra: quando usar azeitona no coquetel, dê preferência às azeitonas sem caroço. Aliás, só se deve usar azeitona com caroço enquanto seus convidados estiverem tomando coquetéis que devem estar sempre acompanhados por queijo com molho inglês por cima, azeitona e presunto cortado fino. Isso é o mínimo. Diga à sua senhora que é muito desagradável encontrar uma azeitona com caroço na salada ou dentro do empadão.

Divirta-se e durma bem.

P.N.



YVES ST. LAURENT FOGE DO SUCESSO

MODA

As "terríveis senhoras" não largam Yves um só instante.
Mesmo quando ele vai almoçar.



St. Laurent
Para a tarde



Esta foto pode ser considerada excepcional: Yves raramente ri, mesmo para os amigos.

Yves St. Laurent: 21 anos, filho de um vendedor de seguros, dirige hoje o "império de Dior".



YVES ST. LAURENT, chamado de "O tímido gênio da moda", fugiu novamente. Desta vez, do seu sucesso.

Quando deveria estar se exibindo em festas, recepções e reuniões sociais, fugiu para um lugar sossegado, deixando a maliciosa dúvida de que, apesar de seu sucesso, seu gênio tenha pouca duração, que exageraram o seu talento e que seu progresso foi por causa do sentimentalismo em torno da morte de Christian Dior.

Pergunta-se se o "sucessor espiritual" de Dior continuará sendo um fugitivo ou se transformará numa poderosa força entre os bastidores dos salões perfumados.

UMA MULHER PEQUENA e tímida, coberta com um abrigo antigo, que deixava aparecer um grande cinto, chegou à porta principal da Casa Christian Dior, em Paris. Era o instante da exibição das novas coleções.

Ela não tinha convite e o porteiro imediatamente a identificou como uma "falsa compradora", expulsando-a incontinentemente.

Não quis ouvir os seus protestos e a mulher foi para um pequeno bar localizado na ruazinha oposta à Avenida Montaigne e telefonou para seu filho, Yves Mathieu Saint-Laurent.

"Alô, Yves? Não compreendo o que se passa. Queria lhe fazer uma surpresa, mas não me deixaram entrar na sua casa. O que sucede?"

Madame St. Laurent, mãe do modista, extraordinariamente jovem, havia chegado da Argélia nesse mesmo dia e queria se juntar aos espectadores que estavam na Maison Dior. Seu plano fracassou.

Yves St. Laurent foi ao bar segundos depois. Mas não se mostrava irritado nem sequer desgostoso com o tratamento dado a sua mãe. Seu rosto, pelo contrário, estava molhado de lágrimas.

O TÍMIDO "PRÍNCIPE da Moda", Yves St. Laurent, fugiu novamente, mas desta

Condenado à morte o maiô biquíni

vez daquilo que mais deseja e teme: o sucesso.

Nesta hora de vitória, o gênio de 21 anos, com o rosto escondido atrás de grossas lentes, fugiu de Paris para desviar-se de elogios (que já se transformavam em histeria) à sua primeira coleção de primavera.

St. Laurent, o "sucessor espiritual" de Dior, compreende perfeitamente que longe de sua mesa de desenho, sob as luzes cálidas, suaves e íntimas de um salão perfumado é uma figura deprimida e até ridícula.

O jovem alto e descarnado que surpreendeu Paris com 500 formosas criações na melhor tradição Dior é muito insignificante em reuniões sociais, incômodo entre as senhoras e nervoso diante da luz brilhante da fama.

Seria muito difícil que por sua própria personalidade superasse as terríveis provas da fama, representadas pela tortura dos coquetês, as exhibições de modelos e o exame crítico dos que buscam um novo deus para adorar.

Entretanto, não é esta a primeira vez que ele se livra do resultado de sua incomparável capacidade de modelista.

Quando era um estudante de 17 anos, filho de um vendedor de seguros, Yves

ganhou facilmente o primeiro prêmio de um concurso de modelos organizado pelo Secretariado Internacional de La Lana. Era o ano de 1954 e o jovem pegou seu prêmio de 300 libras esterlinas (\$40 dólares) e ameaçou fugir. O presidente do Júri, emocionado e em lágrimas por causa das criações de Yves, fez-lhe um presente pessoal: seu cartão.

O cartão permitiu que Yves entrasse em contato com Christian Dior, o homem que logo preparou o tímido Yves para ser seu sucessor.

AGORA, COM A sua ausência e fuga da popularidade, alguns dos que se movimentam no brilhante mundo de St. Laurent começaram a satisfazer seu desencanto dizendo que o gênio do modista terá pouca duração.

E até alguns comentaristas de modas, entre os que o escolheram para legítimo herdeiro de Dior, duvidam da sua capacidade para dirigir o "Império Dior", cujos lucros sobem a 15 milhões de dólares anualmente, além de significar prestígio inigualável.

Apesar do extraordinário êxito dos modelos para 1958, alguns dizem que sua assombrosa capacidade foi exagerada, que seu gênio é um mito e que foi levado à

fama porque espalhou-se muito sentimentalismo por causa da morte do seu querido professor. Estes críticos — em sua maioria freqüentadores assíduos do salão exterior da Maison — elegeram como ponto mais fraco de St. Laurent a sua personalidade.

Ou será que o próprio Dior subestimou a capacidade de direção, a faculdade latente de dar ordens de seu jovem protegido, um estranho que ainda deve dar provas de seu valor perante si mesmo, seus colegas e rivais?

ELE É APOIADO na fama por três "terríveis senhoras" — Madame Raymond Zenhacker, uma das mais fiéis colaboradoras de Dior desde a fundação da casa; Madame Marguerite Carré, chefe das cortadoras, e Mitsa Bricard, responsável por acessórios e guarda-chuvas.

É inegável que este "Alto Conselho" deve dirigir a inspiração e a intuição de Saint-Laurent. Mas todo o peso das decisões graves cai sobre os ombros débeis do jovem modista.

Uma das razões de seu desaparecimento pode ser também escapar da influência terrível dessas três mulheres, uma das quais o acompanha constantemente, ainda que em seus rápidos almoços num pequeno bar nas proximidades da Maison.

Desde que conquistou a fama, St. Laurent é um recluso, que prefere trabalhar só, secretamente, antes de se expor à enlouquecedora multidão que freqüenta as casas de moda.

Sua ausência e sua tímida presença nos círculos sociais pode provocar maliciosos rumores entre as senhoras que desejam sempre um modista para fazer-lhe o "culto à personalidade", como reconhecimento à sua capacidade.

Este é um dos difíceis problemas a que devem fazer frente "as terríveis damas", que entre elas somam 92 anos de experiências sobre como manter-se na fama.

É provável que os cuidadosos planos destas veteranas senhoras estejam relacionados com as emocionantes cenas que se registraram em frente ao salão de exhibições depois da primeira e sensacional mostra da nova coleção desenhada por St. Laurent.

Yves, perturbado pela forma extraordinariamente quente com que foi recebida sua coleção, foi levado a um balcão para receber os aplausos e exclamações da multidão reunida numa rua. Mas, como disse o comentarista de modas de um importante diário de Londres: "Não há dúvida... que houve multidões e aplausos. Mas se apareceram três ou quatro câmaras cinematográficas em frente ao salão de um modista de Londres, apesar de um homem gritar por um microfone e um par de centenas de mulheres elegantemente vestidas, não acreditam vocês que

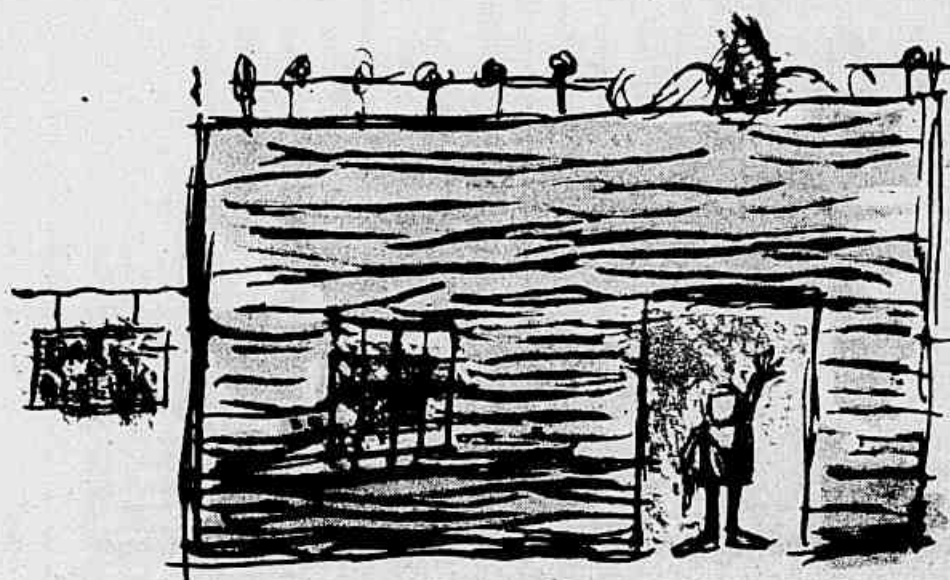
(Cont. na página 46)





Jaquar

Wander Piroli



A TROCO

um sorriso dependurado no lábio superior apoiando-se no de baixo com auto-suficiência. Postou-se à minha frente, vertical, mas sem palavras. Olhou-me, e seu olhar dizia baixinho:

— Que deseja, senhor?

Comovido com tamanha e inesperada delicadeza, convenci-me da inutilidade das palavras — grosseiro instrumento de comunicação. Portanto ergui apenas a so-brancelha esquerda.

— Gelada? — indagou-me ainda com o olhar.

— Gelada — dei a entender somente franzindo o nariz.

Afastou-se mancando com uma perna e a outra.

— 2 —

O AMBIENTE pitoresco assanhava a curiosidade. Inicialmente as mesas se impuseram como objeto de interesse: pobres, castigadas pelo uso e pelos anos, agonizavam sobre pés corroídos. Coitadas! Pareciam implorar aos fregueses o obséquio de não se apoiarem nelas — ficariam em pedaços e seriam rebaixadas a lenha.

— Aqui está, senhor.

Era o garção de volta, e munido de palavras. Sua voz, comparada com um grunhido de porco púbere, tinha um timbre suave.

— Por favor, não tem mais gelada? — perguntei, depois de segurar a garrafa, pois antes seria uma safadeza imperdoável. Ele apanhou o frasco com os olhos tingidos de desprezo, esse típico desprezo que os garções devotam aos fregueses — e foi-se.

Não sei se por interesse ou desconfiança pedi a meus olhos que tivessem a bondade de observar-lhe os movimentos. Abriu a porta de um troço parecido com geladeira e fingiu pegar outra garrafa. Modificou a posição de alguns frascos e tornou a fingir. Fingiu mais duas vezes espiando-me com o rabo do olho. E só depois de fingir novamente é que voltou. Trazia de volta a mesma garrafa.

— Está geladinha — garantiu imprimindo no rosto sinais inequívocos de sinceridade.

— Muito obrigado.

A cerveja estava péssima. Contudo, menos péssima do que os romances de Coelho Neto.

— 3 —

ALGUNS ELEMENTOS caracterizadores do Bar Aleluia se destacavam do conjunto, impondo-se. No chão, por exemplo, faltavam alguns ladrilhos; ou melhor, alguns ladrilhos permaneciam teimosamente no chão. As aranhas haviam erigido suas frágeis arquiteturas no teto; uma delas, talvez a mais ousada, lançava-se no espaço presa por um fio como um trapezista. Na parede, imóvel e atenta, uma lagartixa avaliava as possibilidades

nutritivas da aranha. Os mosquitos e pernilongos — muitos — reincidiam em demonstrações de perversidade, consequência, sem dúvida, da falta de educação religiosa. Talvez Freud pudesse nos explicar por que sentiam tanto prazer em pinicar a incauta freguesia. Quando dois deles pousaram no meu braço, havia uma expressão de cínica alegria em seus lábios.

— Mais outra, senhor?

Vendo que a garrafa esvaziara, o garção mostrou-se atencioso.

— Pode trazer mais uma — disse-lhe coçando o braço que fica do lado esquerdo do meu tronco.

As garrafas nas prateleiras tentavam refutar a lei do equilíbrio dos corpos; se não caíam, era exclusivamente por preguiça ou pirraça.

No mais, o Bar Aleluia parecia-se com os outros: sujo e avacalhado. O que me inspirou essa frase, que deixo para a posteridade: "A imundície é o denominador comum de todos os bares".

— 4 —

OS FREQUENTADORES podiam ser contados a dedo. De vez em quando alguém entrava, pedia uma pinga e saía fazendo cara de gente feia. Houve um que não quis cachaça. Entrou apressado, pálido e suando. Perguntou ao garção: "Onde é?". O garção disse-lhe: "Não tem". Então o homem urgente comprimiu a barriga e saiu numa disparada louca. Ao passar pela porta esbarrou num gorducho; este encheu o pulmão de ar e comentou desfavoravelmente certas particularidades das relações da mãe dele.

Perto de minha mesa quatro rapazes discutiam literatura. Três citavam o nome de um escritor, o quarto tirava os óculos de tartaruga, franzia a testa e sentenciava:

— É uma bêsta.

— E Maugham?

— Ora Maugham... Maugham não é romancista, é industrial. Montou uma fábrica de livros.

— E Gide? Você acha que ele também é uma bêsta?

— Não. Gide é apenas um degenerado de grande sensibilidade.

— E poesia. Você já leu Carlos Drummond?

— Ah, meus amigos. Conheço bem esse homem magro de cara calada. Poderia ser tão grande quanto Pablo, mas certas vantagens adquiridas, o conforto da poltrona, estão cretinizando a sua poesia.

Nisso, o óculos de tartaruga entristeceu e com a voz muito soturna começou a dizer o "Canto ao homem do povo Charles Chaplin".

Do outro lado, mais ao fundo, havia um casal. Como dois namorados que se prezam estavam inteiramente compenetrados de suas funções líricas. Conversavam com as mãos, com os olhos e até com palavras; mas, principalmente com as mãos. Talvez, além de namorados, fossem

alunos da faculdade de medicina estudando para a prova oral de anatomia.

— 5 —

A TERCEIRA cerveja, pois eu havia pedido mais uma, finalmente estava gelada.

— O senhor é um homem alegre, não? — perguntei ao garção, intrigado com o seu sorriso permanente.

— Às vezes. Hoje, por exemplo, estou alegre.

Esperou que eu lhe perguntasse o motivo. Para pirraçá-lo fiquei calado.

— Trabalho aqui há quatro anos — prosseguiu — e a partir de hoje o sr. Santuella me autorizou a mexer na registradora.

— Isto é assim tão significante para o senhor? — exclamei.

— Claro. Significa que dentro de pouco tempo eu levanto o meu barraco.

— Puxa!

— Não se espante. Se o senhor soubesse... O garção que eu substituí conseguiu isso com três meses.

Não podia acreditar nessa história, mas o garção parecia desinteressado em mentir. Tinha qualquer coisa de absurdo. Trajava uma calça azul-marinho e um paletó que, em tempos idos, fôra branco. Um sapato no pé esquerdo, extremamente parecido com o do pé direito, salvo um, dois, no máximo três arranhões; uma gravatinha borboleta ensebada, etc. O outro garção, sempre atrás do balcão junto com o proprietário, vestia-se igualmente. Era mais baixo e, não satisfeito com os seus olhos, usava óculos. Se algum retardado mental da literatura visse o dono do bar, diria que ele era uma flor de tão interessante. Tinha exatamente dois olhos, um normal e outro vermelho, e apenas a orelha esquerda. Mais tarde o garção contou-me que a direita fôra perdida na guerra de quatorze.

— 6 —

UM JORNALEIRO entrou e pediu meia dose de conhaque. Comprei-lhe um dos jornais. Corri os olhos nas notícias principais. Nada de novo, a mesma monotonia habitual. Na China milhões de camponeses morreram de fome; Garcia Lorca foi assassinado na Espanha; a polícia carioca dissolveu uma reunião a pancada, um soldado não simpatizou com a cara de um bilheteiro e, para provar a sua antipatia, deu-lhe uma facada no bucho; um moço suicidou-se deixando um bilhete à amada infiel.

Após acender um cigarro, consultei o relógio: dezessete e trinta. Pedi a conta.

— Dezoito mil réis.

Dei ao garção uma nota de cinquenta.

Durante uns cinco minutos esperei o troco. Inútil. O garção encostado na registradora, numa atitude napoleônica, sorria absorto. Chamei o vaca.

— Prontinho — disse ele alargando o sorriso.

— Meu trôco, faz favor.

Olhou-me; em seu olhar havia um ponto de interrogação muito bem feito.

— Qual trôco, cavalheiro?

— Ora, eu lhe dei cinquenta mangos.

— Quanto?

— Cinquenta. Uma nota novinha em folha.

Silêncio. O sorriso contraiu-se.

— Bem, eu vou verificar.

Diabo, pensei comigo, nesse ritmo o homem é capaz de levantar o barraco em menos de quinze dias.

Sempre considerei os garçons como gente safadíssima, não por natureza, mas por necessidade do ofício. Sei que são capazes de embrulhar até um bispo.

Dois minutos depois:

O senhor está enganado. Realmente a nota é nova mas é de vinte, de vinte mil réis.

— Não senhor — afirmei categórico. — O amigo deve estar brincando. Tenho certeza absoluta de que foi uma de cinquenta.

— Cavalheiro, eu jamais brinquei na minha vida.

Os lábios recolheram o sorriso permanente. Apunhalou-me com os olhos e prosseguiu lento e grave como um desembargador aposentado:

— Cavalheiro, eu jamais brinquei na minha vida.

Acrescentou em seguida, mudando de tom mas com idêntica gravidade, dessa vez parecendo um desembargador no exercício de suas funções:

— Eu jamais brinquei na minha vida. Jamais, cavalheiro.

Ante a minha perplexidade ele coçou o nariz. Mas, eu tinha certeza, absoluta certeza. Tinha dado mesmo cinquenta mil réis. Engraçado: se fossem vinte, e os dois pilas? Não. Estava julgando-me um otário... A coisa não poderia ficar assim. Com habilidade talvez eu consiga, matutei comigo.

— Garção, o senhor me desculpe. Pensando bem é possível que eu esteja enganado. Todo mundo se engana. Mas peço-lhe por favor, queira verificar mais uma vez.

Ele não gostou. Minha delicadeza, no entanto, deixara-o desarmado.

— Vou ver de novo — disse sêcamente.

Meus olhos saltaram das órbitas e foram atrás do garção. Ele conferia o dinheiro na registradora. Estaria mesmo procurando a nota que eu lhe dera? Franziu a testa e resolveu, imediatamente, ficar pensativo. Depois coçou o olho que fica do lado direito, e fez sinal para o outro garção aproximar-se. Os dois trocaram algumas palavras. Calaram-se. Permutaram mais oito ou nove palavras. Então, o mais baixo fez um "psiu" para o dono do bar. Este consertou a calça, assungando-a, e caminhou na direção deles. Os garçons disseram qualquer coisa no único ouvido do homem, que piscou o olho vermelho. Começaram a cochichar.

Eu, da minha mesa, acompanhava-os atento, tentando distinguir nos débeis sons que me chegavam uma ou outra palavra. Súbito tive a impressão de que haviam chegado a uma conclusão, ou duas, talvez três, quando muito quatro ou cinco, embora não me faltassem motivos para acreditar que fossem seis; sete, porém, não.

Vieram trazer-me o resultado, o garção mais baixo e o garção mais alto. Postaram-se à minha frente, em silêncio. Interroguei-os:

— Então?

Não obtive resposta. Olhavam-me dos pés à cabeça como se os estivessem avaliando as minhas possibilidades de defesa. Sem saber qual atitude tomar, logicamente não tomei nenhuma. Duplicou o meu embaraçamento. Felizmente os dois se afastaram.

Houve nova conferência com o proprietário. Debateram o assunto vários minutos. Depois cada um se calou. Metade de silêncio; seguiu-se outra metade: silêncio completo. Aproveitei o ensejo para fazer alguma coisa. Precisava agir. Premeditei um pigarro. O danado falhou. Tentei novamente. Dessa vez fui feliz. Foi um pigarro macho. Em consequência dêsse feito brilhante, fiquei muito satisfeito comigo mesmo. Nesse ínterim, o dono do Bar Aleluia pegou algo com a mão esquerda e escondeu-o nas costas. Aproximou-se, acompanhado de perto pelos garçons. Embora não tivesse visto, julguei que aquele negócio que ele trazia escondido não poderia ser boa coisa. Pus-me de sobreaviso.

— Cavalheiro — disse ele sorrindo com as gengivas, porquanto não tinha dentes — venho apresentar-lhe minhas desculpas.

Estranhei-lhe as palavras e tom em que foram ditas. Tanta conversa, murmúrios e cochichos para, afinal, vir apresentar desculpas? Disse a mim mesmo: cuidado, João, esse negócio não está cheirando bem. Ia dizer muitas outras frases a mim mesmo, como o príncipe Hamlet, mas o homem que não entendia pipoca de teatro shakespereano não permitiu:

— Espero que o senhor não leve a mal o sucedido.

— Oh, não... — exclamei como um palerma.

— Isto — prosseguiu — acontece em todos os lugares. Sou um homem viajado, conheço a Itália (minha terra), Paris, Portugal, o sul da Espanha, e já vi milhares de casos iguais. O garção estava distraído, meu senhor. Sua velha avó anda passando mal de coqueluche e ele, preocupado, justamente preocupado, às vezes perde a cabeça. Peço a fineza de levar isto em consideração, do contrário não poderá desculpar-lhe a falta.

Suas palavras, não obstante o sotaque, tiveram o efeito de um sedativo. Aproximei-me fixando-o com atenção. Descobri em meu rosto que estava de acordo, ele prosseguiu:

— Pois bem. Agora que tenho a certeza de estar falando com um cavalheiro de alta compreensão, sinto-me à vontade.

Fêz uma pausa a fim de engolir um pouco de saliva e perguntou em seguida:

— O cavalheiro tomou três cervejas, não foi?

— Sim, três cervejas. E dei uma nota de...

— Está bem, está bem. O senhor tomou três cervejas e o garção lhe deu o preço de seis mil réis. Mas houve um engano, nós cobramos aqui sete por garrafa. O cavalheiro tomou três; três vezes sete são vinte e dois, consoante os bons manuais de aritmética; ora, o senhor pagou dezoito, quando o certo seriam vinte e três cruzeiros, como acabei de demonstrar.

— Não há dúvida, está perfeitamente correto — conformei-me com o pensamento no trôco.

— Pois é, distinto cavalheiro, o senhor concorda que a conta soma vinte e quatro mil réis, não é? Portanto o senhor deve cinco mil réis à casa.

Quase desmaiei. Não o fiz atendendo a duas e meia ótimas razões. Primeira razão — o chão era muito duro; segunda — o chão nunca fôra lavado; meia razão — os desmaios já foram prescritos da literatura e, hoje, um personagem que se preza não usa dêsse artifício. Pensei em protestar. Seria um protesto veemente não fôsse aquele negócio escondido nas costas do sr. Santuela, que eu julgava ser um porrete, dêsses que os policiais se utilizam para quebrar cabeças de bêbedos.

Entretanto, no meio da minha confusão nasceu uma idéia. Uma ótima idéia. Mastiguei-a bem, estudando as possibilidades de executá-la com êxito, e disse sorrindo amavelmente:

— Perfeitamente, respeitável senhor. Está certo, certíssimo.

Meti a mão no bolso:

— Aqui estão os cinco mil réis.

A satisfação de uma vitória conseguida percorreu os olhos do sr. Santuela.

Levantei-me sério e, após consertar o colarinho, perguntei:

— O senhor permite que eu me apresente?

O dono do bar pensou em levar um susto e levou-o realmente. Piscou os dois olhos, primeiro o vermelho, depois o normal e expôs as gengivas.

— Como não, cavalheiro. Será uma honra para mim.

— Meu nome é João Beltrano.

— Muito prazer. Eu me chamo Giovano Calabria de Santuela Fiori.

Depois do apêto de mãos despedimo-nos num forte abraço à moda italiana.

— 7 —

O sr. Santuela acompanhou-me até a porta. Despedimo-nos novamente. Retirei-me rápido. Após dobrar a primeira esquina, não resisti à curiosidade: na carteira do sr. Giovano Calabria de Santuela Fiori havia um retrato, mais oitocentos cruzeiros.



O QUE SIGNIFICA A VOLTA DE P

Em 1945 Prestes deixa a prisão, enquanto um policial faz continência. Agora saiu de lugar diferente.

— MINHA FILHA, soltei o sputnik.

Com estas palavras o juiz José Epaminondas Monjardim Filho anunciou a sua mulher, pelo telefone, que acabara de anunciar aos jornais, a revogação da prisão preventiva do sr. Luís Carlos Prestes.

Aos jornalistas o juiz explicou que antecipara o anúncio de sua decisão, marcada para dois dias depois, porque aquele dia (19 de março) era de São José (de quem era devoto) e também considerado "o dia da Sagrada Família": ele, que é muito cristão, quis dar à família do líder comunista a alegria de conhecer a liberdade de seu chefe "na data da família".

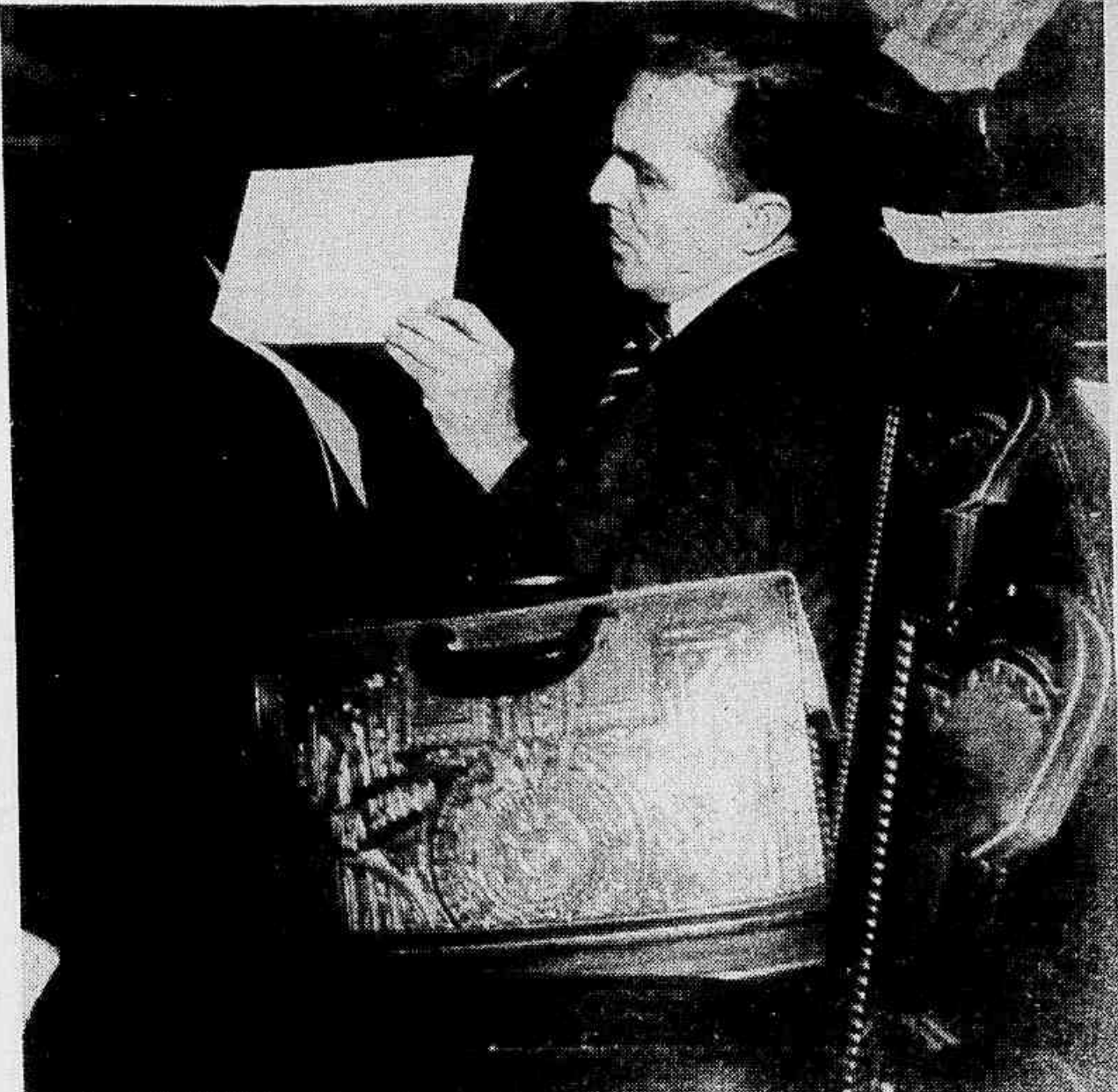
O juiz divulgou sua decisão depois de sete meses de estudos nos doze volumes do processo (mais de 800 mil palavras) e de escrever 45 laudas justificando a medida, já antes concedida a outros envolvidos no mesmo processo, entre os quais alguns dos mais influentes chefes do PCB que, atualmente, vivem na legalidade.

Depois disso o juiz descansou. Os repórteres, que o procuravam diariamente, desde as 5 horas da manhã (para os vespertinos) deixaram-no em paz por alguns dias.

A POLÍCIA perseguiu Prestes durante quase dez anos, em todo o país. O atual delegado da DOPS, coronel Danilo Nunes, disse várias vezes que "sabia onde ele estava", mas nunca o prendeu. Uma vez — conta um advogado do líder comunista



PRESTES



Prestes no Senado. Agora poderá voltar e tudo indica que vai disputar uma cadeira no Congresso.

— policiais e agentes do Serviço Secreto do Exército localizaram-no numa grande residência do subúrbio carioca. Bateram à porta e atendeu uma alta patente militar, fardada, que mandou os agentes perfilarem-se, fazerem continência e retirarem-se.

OUTRA VEZ O secretário-geral do PCB "foi localizado" em Copacabana. Um vespertino, autor da "descoberta", deu manchete três dias. Policiais revisitaram apartamentos de um edifício, abriram guarda-roupas, gavetas e geladeiras, etc. — em vão. O coronel Danilo ficou muito tempo de calção, na praia, até que o sol se pôs. Prestes ia lendo tudo nos jornais.

NO DIA EM que o juiz Monjardim Filho reuniu os jornalistas para ler sua decisão, a Polícia mandou 10 camionetas com homens armados para a rua Dom Manuel, dizendo que se o juiz negasse o pedido de Prestes (como a polícia esperava) "ia prendê-lo".

O ADVOGADO FRANCISCO Chermont passou a ser o homem mais solicitado pelos jornais. Repórteres, fotógrafos, camionetas e jipes dos jornais seguiam-no em toda a cidade, esperando que ele fosse buscar o líder comunista a qualquer momento. A senhora Chermont ficou muito contente porque, tendo que atender a tantas solicitações, não tinha tempo de comer nem dormir, e perdeu quatro quilos.

PRESTES TEM 60 ANOS. Nasceu em Porto Alegre, de uma família "bem" mas pobre.

SÃO AS SEGUINTEs as principais consequências da libertação de Prestes:

1. Reorganização da cúpula do Partido Comunista. Apesar do que dizem

os dissidentes, ele ainda tem condições de unir os descontentes do partido em torno de seu nome. É muito provável que, à exceção do sr. Agildo Barata e de algumas dezenas de antigos militantes mais ou menos influentes, a dissidência "volte ao aprisco". Assinala-se que, mesmo antes de estar livre, o secretário-geral do PCB conseguiu reconduzir muitos transviados nos contatos que com eles manteve, apesar das dificuldades de uma clandestinidade rigorosa.

2. Atemorização do governo, com possibilidades de obtenção de muitas concessões de JK, a título de pagamento do apoio dado à chapa JJ.

3. Facilidade para acordos políticos. Prestes estará em condições de realizar diretamente entendimentos parciais com diversas legendas, elegendo vários deputados comunistas às câmaras Federal e estaduais, principalmente no Rio e São Paulo. Além disso, Prestes poderá exercer influência direta na campanha para eleição de vários governadores.

4. Incentivo às campanhas nacionalistas, aos movimentos operários por aumento do salário-mínimo, etc.

5. Eleição do próprio Prestes para a Câmara Federal. Sua presença na Câmara não somente lhe garantirá imunidades, como lhe facilitará enormemente a atuação política.

6. Estímulo à formação de frentes nacionalistas para concorrer às eleições, o que poderá influir consideravelmente na conduta dos partidos do centro.

O SR. LUIS Carlos Prestes não se apresentou imediatamente após o recolhimento do mandado de prisão porque não desejava aparecer no fim de semana, o que prejudicaria a repercussão na imprensa e rádio. Além disso quer ter certeza absoluta de que não correrá riscos desnecessários.

Enquanto isso, dezenas de repórteres e fotógrafos continuam de plantão, esperando o sinal do advogado, que já declarou que ninguém terá a exclusividade de Prestes: ele só se apresentará numa entrevista coletiva.

QUANDO O ADVOGADO Francisco Chermont foi pedir ao sr. Herbert Moses o auditório da ABI para a coletiva de Prestes, o presidente da Casa do Jornalista disse: "Dou, mas antes você me arranja uma entrevista exclusiva para o 'O Globo'. E deu o salão sem a entrevista.

DEZENAS DE POLÍTICOS, com instruções (alguns com carta-branca) de seus partidos, estão à espera de Prestes: eleições em outubro.

NA MESMA HORA em que a "Tribuna da Imprensa" publicava a notícia de que o sr. Plínio Salgado fôra ao Catete protestar contra a libertação de Prestes, a "Última Hora" publicava uma declaração de Plínio: "Foi uma vitória da lei da Democracia. O juiz Monjardim não podia agir de outra maneira, dentro da lei".

O SR. JUSCELINO Kubitschek repudia as versões que dão a liberdade de Prestes como parte de um acordo eleitoral, pelo qual ele, JK, ganhou os votos do PCB na última eleição.

Mas o sr. Nereu Ramos comentou: "Não deve ter havido interferência, mas ele tem muita sorte".

QUANDO SOUBE DA decisão do juiz Monjardim, o general Amauri Kruehl, chefe de Polícia, recostou-se na poltrona de sua mesa de trabalho, olhou para os repórteres e disse, muito sério:

— Acataremos a decisão da Justiça. Não prenderemos Prestes.



Lady Maxwell informa

NO DIA DO CASAMENTO de Ibrahim Sued eu estava tão cansada que mal pude trabalhar. Não fôsse a ajuda do simpático Jayme Negreiros e não haveria reportagem.

Quero agradecer à Pomona Politis que fez, hoje, esta coluna por mim, com a eficiência de toda uma equipe de auxiliares. Até a próxima semana.

LADY MAXWELL

O NOIVADO de Glorinha e Ibrahim foi desfeito três vezes.

GLORINHA nasceu em Ponte Nova, Minas, é professora e assistente social. Seu pai, Cantídio Drummond, deputado, prefeito, ardoroso participante da campanha civilista de Rui Barbosa, era amigo do presidente Artur Bernardes.

A CAPELA da Reitoria estava toda decorada com crisândalias brancas.

NOTOU-SE muito a extraordinária elegância da senhora Stela Marinho, num vestido branco e chapéu amarelo. Também de branco e turbante **imprimé** arrematado por um belo broche de brilhantes, a senhora Candinha Silveira.

GLORINHA chegou com mais de uma hora de atraso. Alegou várias coisas, mas, o certo é que o culpado foi o vestido de noiva. Era em Points d'Esprit com bordados em ponto de sombra e pequenos detalhes azuis. Os sapatos também eram azuis e o véu do mesmo **tule** francês, curto, arrematado por um diadema de **muguets**, botões de rosa e botões de laranjeira. O pequeno laço azul era um detalhe muito romântico. O buquê era feito com as mesmas flores do diadema.

QUASE ninguém ouviu o sermão de Dom Hélder, que falou baixinho.

UMA DAS pessoas mais emocionadas era o sr. Alberto Sued, irmão do noivo.

O SR. GILSON Amado compareceu de fraque, em companhia de sua filha Camila.

A SRA. CAMEM Therezinha Mayrink Veiga voltou de viagem à Europa e aos EE.UU. ainda mais bonita. Sua **redingote** linha saco preta foi comprada em Nova Iorque.

A SUAVE senhora Guiomar Magalhães também usava um elegante modelo "made in New York".

MUITO pouca gente sabe que a capela da Reitoria é, para a Igreja, a capela de São Pedro Alcântara.

A ELEGANTÍSSIMA senhora Ivone Lopes num **deux pièces** branco, estava num dia muito feliz.

A SENHORITA Marta Marinho (filha do senador e senhora Gilberto Marinho) estava um amor.

SOB O comando do prefeito Negrão de Lima e com a acessoria do nosso embaixador, em Bruxelas, sr. Hugo Gouthier, reuniu-se na capela um grupo mineiro.

O EMBAIXADOR João Neves da Fontoura estava muito **kar**, como diria o noivo.

LIBANESA de São Paulo, estava muito bonita a sra. Yvone Khoury, esposa do "Chargé des Affairs" da Embaixada do Líbano.

ILDE GARAVAGLIA, sempre "glamour-girl", em companhia da srta. Ma-

rina Melo Franco Mesquita — dizem — nova colunista social da cidade...

A SRA. LÊA Pena e as senhoritas Vera e Heloisa Dolabela estavam muito "top" na linha trapézio, bem moderada e feminina.

PREDOMINARAM os chapéus de aba larga.

O MILINARIO Sanchez Galdeano, depois do noivo, foi a pessoa mais requisitada pelos fotógrafos.

EXTREMAMENTE simpática a sra. embaixador Ellis Briggs.

O SR. FERNANDO Aguinaga, que também foi padrinho do noivo, era um dos mais queridos e velhos amigos de Ibrahim.

O SR. ZACARIAS (Pierrot) do Rêgo Monteiro acompanhou a sra. Cândida Guzman, criadora do vestido da noiva.

A SEMPRE bonita sra. Eunice Modesto Leal estava com um elegante **imprimé** sobre tons verdes.

UMA IMPONENTE figura o ministro Carlo Enrico Giglioli, encarregado dos negócios da Embaixada da Itália.

DE JEANNE Lafaurrie era o vestido da sra. Clotilde Melo Viana. O chapéu de Dior. De Dior também o modelo **imprimé** verde e preto da senhora Josefina Jordan, que foi recebida com palmas, à entrada da Igreja, pela sua elegância.

A SRA. LOURDES Catão, num **ensemble** linha **fuseau** verde, também foi aplaudida pelo pessoal do "sereno".

A SRA. ANDRÉA de Morgan Snell era uma das mais elegantes, com a sra. Paulo Silveira Martins Leão.

O ELEGANTE sr. Hélio Guerreiro estava com sua esposa norte-americana. Ela chamou muito a atenção pela sua beleza. Houve comentários das sras. Maria Teresa Figueira de Melo e Gilda Sampaio.

AS JOVENS amigas sras. Claudine Magiolaro e Thais Ferraz de Abreu estavam muito bem.

MUITO RENOIR o chapéu da sra. Evinha Monteiro de Carvalho. Notadas as suas jóias em brilhantes.

HOVE MUITA conversa de política.

A MAIS alta patente presente era o marechal Eurico Gaspar Dutra.

DE MONTEVIDÉU PELA VARIG

ACRESCENTANDO um nocaute (espetacular) à sua série (pequena, porém sincera) de vitórias por K.O., Dogomar Martinez manteve o título de campeão sul-americano dos meio-pesados e passou por Luizão, campeão brasileiro e único adversário considerado capaz de ameaçar-lhe o título, atualmente.

Dentro de noventa dias, em São Paulo, "Dogo" dará revanche a Luizão, "o homem que nunca perdeu uma revanche".

Indo a nocaute (sem perder os sentidos) no 14º assalto de uma luta programada para 15, Luiz Inácio, o Luizão perdeu "a maior oportunidade que um brasileiro já teve de ser campeão sul-americano de boxe", segundo os observadores esportivos.

No início da luta (no Estádio Centenário de Montevideo, Uruguai, na noite de terça-feira, 18), o brasileiro conseguiu martelar insistentemente o campeão, provocando um ferimento no supercílio esquerdo, que sangrou durante toda a luta.

Mas, aos poucos, ainda no 1º assalto, Dogomar foi mudando a luta para dentro do seu sistema e Luizão aceitou, errando, desobedecendo inclusive as determinações do seu treinador.

Segundo os observadores, Luizão só poderia ganhar lutando à distância,



Luizão disse: "Dogomar é o campeão". Os uruguaiois choraram com a vitória.

LUIZÃO NUNCA PERDEU UMA REVANCHE

E Dogomar manteve o nariz

acumulando pontos e esperando uma oportunidade para tentar o nocaute.

Esses observadores diziam que Dogomar estava "preparado como nunca, física e moralmente" e que, com a mesma idade de Luizão, não chegaria ao final da luta cansado, sem fôlego, como Luizão pareceu esperar.

Com maior envergadura e maior altura, Luizão permitiu (erradamente) que Dogomar lutasse de perto. Além disso, Luizão não estava tão bem preparado fisicamente quanto dizia estar. A crítica uruguaia salientou o fato de Dogomar ficar em retiro, enquanto Luizão ficava na cidade. E salientou também o fato de Luizão ter ido a nocaute, quando Dogomar não é tido como nocauteador. "Basta ver", diz o crítico de "El Plata", que, em 52 lutas anteriores, o campeão só nocauteou 8 vezes e contra adversários sem muita expressão".

Antes do 14º assalto, Luizão caiu duas vezes, sendo que da primeira, num escorregão. Não chegou a haver contagem em qualquer dos "knock-downs".

A série de golpes que liquidou a luta começou no "corner" de Luizão com um esquerdo-direito no fígado, a um minuto e vinte e oito segundos do 14º assalto e terminou com "punches" cruzados na cara, que fizeram Luizão cair e ficar no chão por sete segundos. Ao chegar à contagem de sete, Luizão já estava de pé, "pero indefenso y sin comprender que sucedia asu alrededor", como disseram os jornais uruguaio. O juiz ar-

gentino (acertadamente) considerou Dogomar vencedor por nocaute técnico.

Jacob Nahum: "Luizão podia vencer Dogomar. Perdeu, bisonhamente, por faltar-lhe classe. Fêz o jôgo do adversario quase o tempo todo e, a partir do 10.º assalto, ainda quis fazer valentia"

Kid Joffre: "Luizão ganhava até o 10.º assalto, mas vinha permitindo muito corpo a corpo onde sempre levava a pior. Vamos agora sair para a outra, em São Paulo".

Dogomar Martinez: "Luizão me resultó un adversário sumamente peligroso, dado que tiene mano pesada. A partir del 10.º round, observé que pegando abajo Luiz Inácio se resentia. En esa forma, el brasileño cayó vencido, pero tras demostrar gran guapeza. És buen boxeador y, depurando su técnica, puede brillar en el pugilismo sudamericano".

Luizão: "Dogomar é o campeão. Mas espero voltar a encontrar-me com ele no ring".

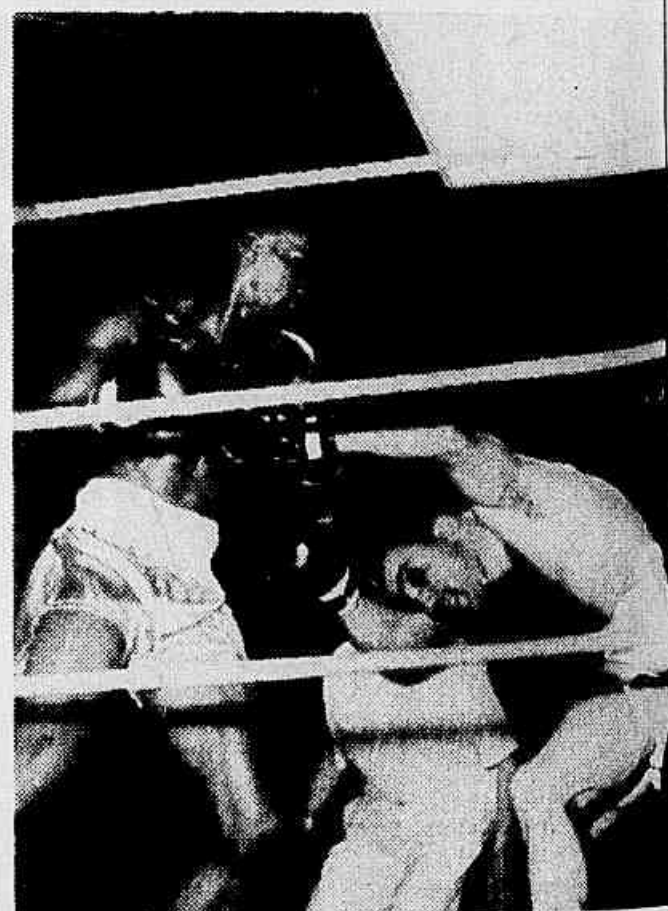
Na revanche em São Paulo não estará valendo o título de campeão sul-americano, mas, vencendo a Dogomar, Luizão continua com o direito de desafiá-lo.

Luizão, até hoje, só perdeu quatro lutas: duas por KO, uma por pontos e esas última por KOT. As duas que perdeu por KO foram para Humberto Loyaza e Win Snoeke. Eles deram revanche a Luizão e o paulista venceu a todos dois (a Loyana por KO). A luta que perdeu por pontos foi para Archie Moore que ainda não deu revanche.

Agora é Luizão contra as cordas.



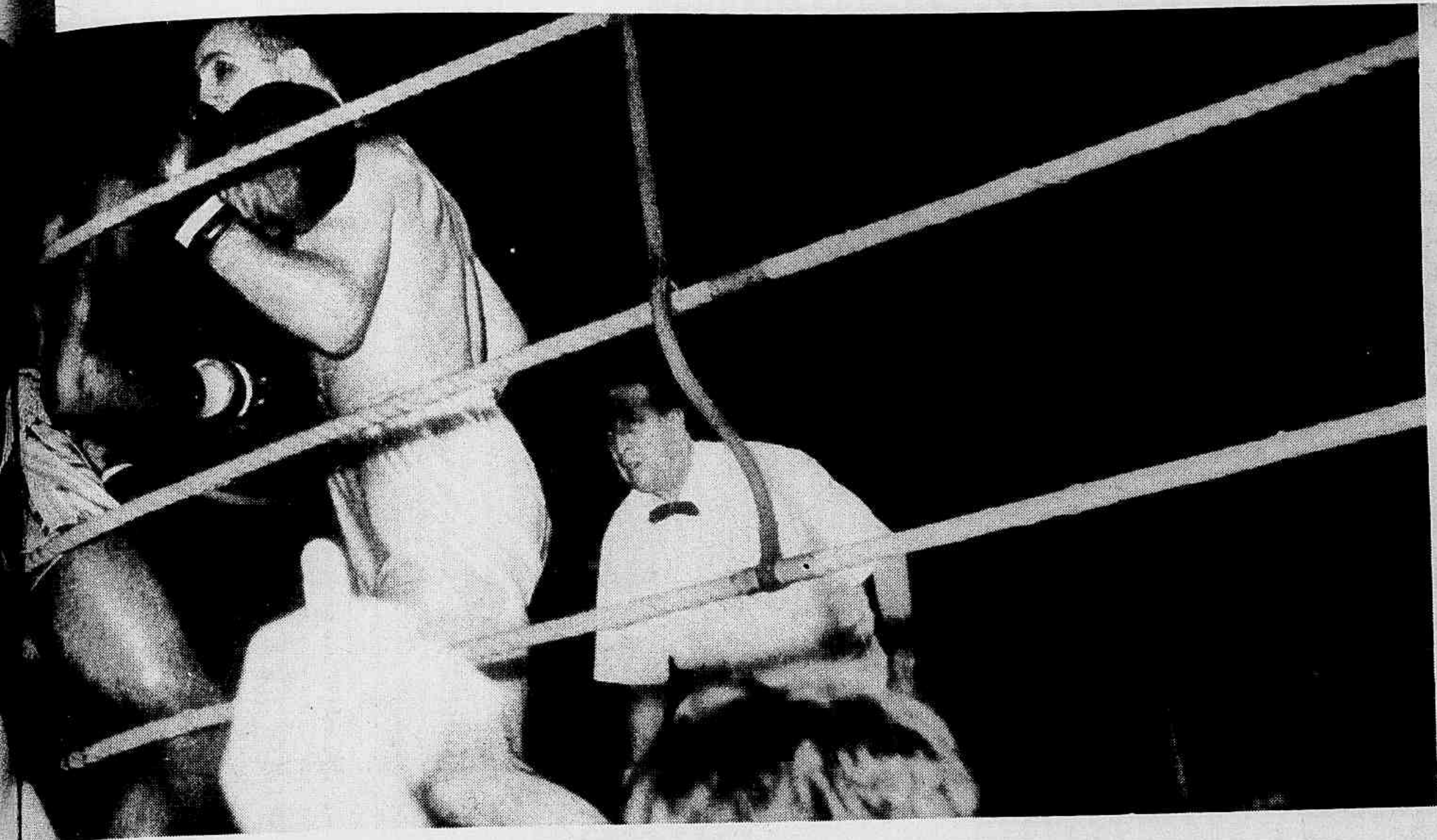
Luizão prepara-se para cair, depois do



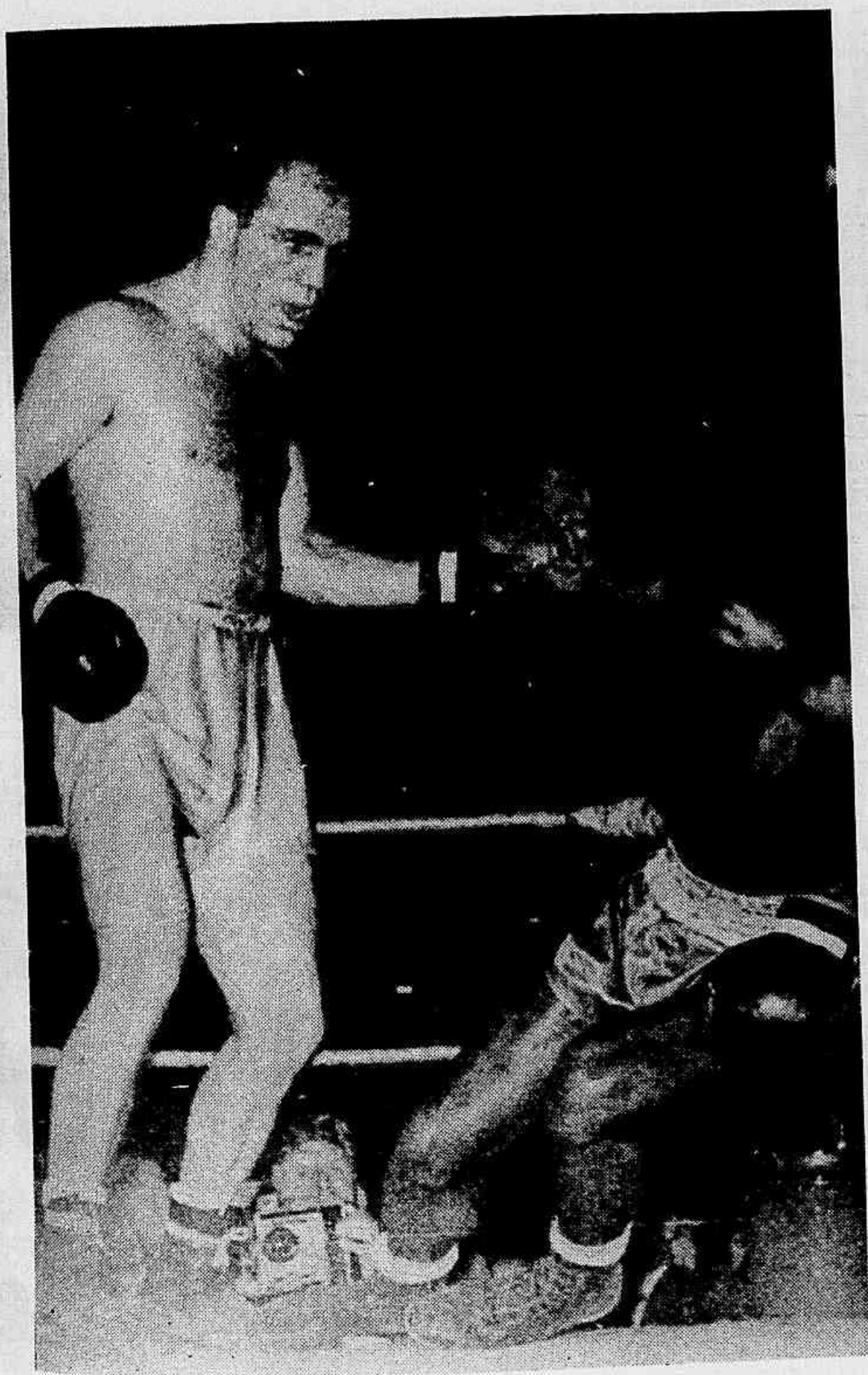
Dogomar jogado nas cordas.



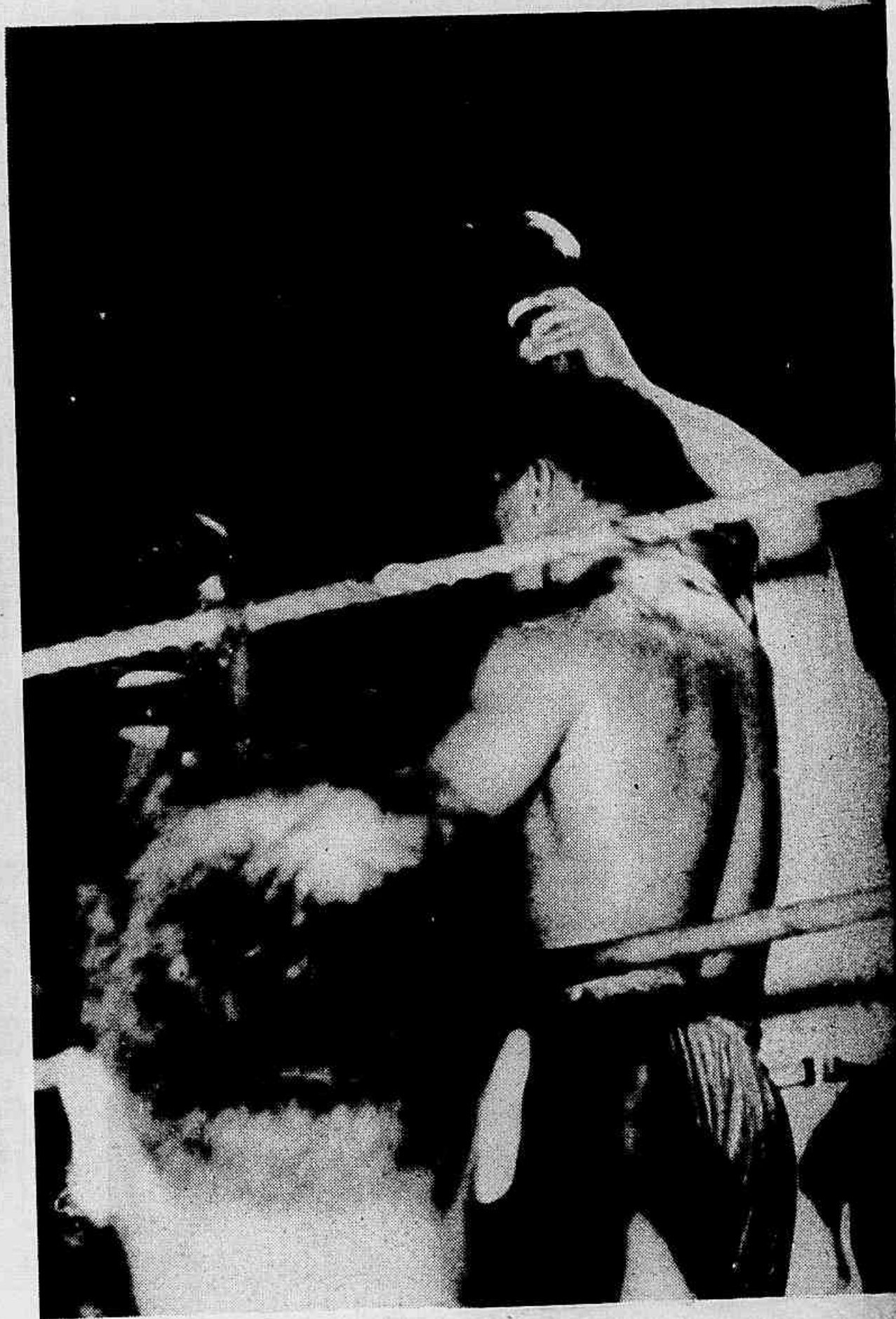
Adivinhem quem está aí?



série de golpes desferida por Dogomar. Era o fim da luta.



Luizão vai cair.



Sinal da vitória.



Adoro esportes mas sou um pouco preguiçosa, disse Sharry.

"LES GIRLS"

DIANE GOSTA

DOS

BRASILEIROS,

SHARRY É

PREGUIÇOSA

TRACY

AINDA FAZ

"CHEESECAKE"



Diane, Tracy e Sharry já lançaram "Les Girls" na Austrália, Havai, México, Porto Rico, Porto Príncipe e Jamaica.



Tracy nasceu na Califórnia, é esgrimista, pinta a óleo e joga xadrez.



"OS HOMENS BRASILEIROS me agradam muito: são educados, bonitos e sempre dizem "obrigado" por qualquer gentileza nossa", disse à **REVISTA DA SEMANA** a loura Diane Cannon, que com a ruiva Tracy Morgan e a castanha Sharry Layne forma o trio de "girls" que está viajando pelo mundo para lançar o filme "Les Girls". (Metro) onde Gene Kelly dança músicas de Cole Porter.

Diane, vestida pela linha "saco", com um jeito todo especial de andar, sabe dizer em português: "Eu gosto muito do Brasil". Ganhou vários concursos nos Estados Unidos porque "representa em qualquer ocasião a verdadeira moça americana" e seu eleitorado mais forte está enquadrado no Exército e na Marinha.

Diane nasceu num 4 de janeiro, em Tacoma, Estado de Washington, e muito pequena foi estudar piano e canto.

"Hoje eu faço outras coisas além de tocar piano. Estou bem crescadinha", disse Diane, que aos 7 anos montou um teatrinho no quintal de sua casa e fazia questão de se exhibir sempre de maiô.

A ruiva Tracy Morgan ficou fã da Baía de Guanabara que avistou do terraço do Hotel Glória, mas perguntou ao repórter se "a baía iria se acabar porque estava sendo aterrada".



Diane coleciona jóias antigas e cozinha bem.

Tracy parou várias vezes de conversar pedindo "desculpa" para espirrar. É a mais alta das três "girls", gosta de tirar fotografias, não se incomoda quando o vento levanta sua saia, adorou Montevideu e disse que veio pela primeira vez ao Brasil.

"Danço o "rock'n'roll", minha côr preferida é o branco, detesto beber leite e usar meias".

Quer ser atriz um dia, mas não tem pressa por enquanto. "Submeto-me ainda a "cheesecake", como toda moça que começa no cinema", disse Tracy, que é fã de James Mason, de Frank Sinatra e de Audrey Hepburn.

A menor "girl" é a castanha e delicada Sharry Lane, solteira como as outras. Sua pele é suave, seus olhos são azuis e suas medidas plásticas são invejáveis.

Sharry nasceu em Oregon, foi modelo quando deixou a escola, depois trabalhou como secretária e garôta-propaganda em programas de televisão. Depois foi para o cinema, levada pelo produtor Sol C. Siegel.



NA SEXTA-FEIRA, À tarde, com batedores de motocicleta à frente, "Les Girls" pararam na esquina de Uruguaiana com Assembléia. As três moças foram fazer um desfile de modas.

Convidadas pela "Exposição Carioca", desfilaram no lançamento (exclusivo) das capas "Les Girls" (uma criação Dragutin).

Seis moças que trabalharam na seção de modas da "Exposição" votaram: "a mais interessante é a loura (Diane)" que foi também a mais aplaudida.

Cada moça apresentou quatro modelos. Os que fizeram mais sucesso:

1. Uma "capa agasalho para o inverno", de gabardine vermelha abricó, manga $\frac{3}{4}$ com guarnições de lontra (Sharry apresentou);

2. capa "double-face", azul de um lado e dominó branco e preto do outro. Um guarda-chuva faz conjunto, em tecido estampado dominó igual a uma das faces da capa (Tracy apresentou, desfilando com uma pulserinha de ouro no tornozelo);

3. capa de gabardine bege, com estola. Na estola, aplicação de pele de tigre. (Diane apresentou. Foi a "capa mais aplaudida");

4. Sharry, capa em homenagem a uma das "girls". "Double-face" azul de um lado e branco com guarda-chuvinhas pretos do outro (Sharry);

5. Ludmila, capa azul e bege, em homenagem à jogadora tcheca que fez sucesso no último Campeonato do Mundo. (Diane).

Depois, as moças cantaram uma das músicas do filme, deram autógrafos e ganharam capas como presente. Nas capas, uma dedicatória:

"To Diane (ou Sharry, ou Tracy)

with compliments from

Dragutin Rain Coats

and Exposição Carioca

Rio de Janeiro — Brasil".

Mas Tracy disse: "Achei uma coisa maravilhosa especialmente aquela que Diane desfilou (com aplicação de pele de tigre)". Ganhou também.

Vermelho-abricó, mangas $\frac{3}{4}$
com guarnição de lontra.

Gabardine bege, com aplicação
de pele de tigre na estola.

"Les Girls"

(as moças)

desfilaram

vestindo

"Les Girls"

(as capas)



Para terminar, Mária desfila com uma capa de nylon branco



"Double-face": azul de um lado e domínio do outro.



"Double-face" (azul e branco) estampado com guardachuvinhas.



Sharry deu o seu nome para uma das capas do desfile.

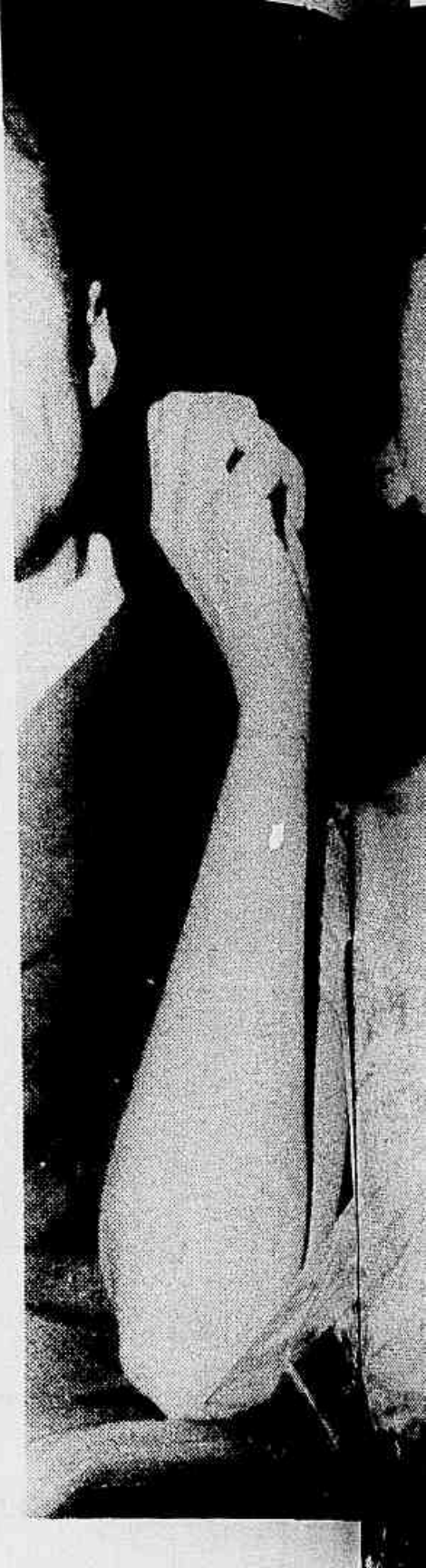


"Les Girls" já podem cantar na chuva.

com "pois" pretos. E oferece uma orquídea para cada "girl"



ROSSANA VOTA EM SOPHIA CONTRA LOLLÔ



"AS ESTRELAS ITALIANAS mais populares junto ao nosso público são Sophia Loren, Anna Magnani e ainda Gina Lollobrigida", disse-nos Rossana Podestà, omitindo talvez involuntariamente Giulietta "Gelsomina" Masina, mas fazendo questão de frisar que não gosta de Gina. E diz que Loren já deixou longe o cartaz de Lollobrigida.

Após a partida de Irene Cefaro e Fiorella Mari para a Itália, de volta de Punta del Este, os casais Podestà — Marco Viccario e Antonella Lualdi — Franco Interlenghi ficaram no Rio por conta própria. Antes que partissem para conhecer Salvador e Recife, a REVISTA DA SEMANA interrompeu o namôro Rossana & Copacabana para uma entrevista exclusiva e (inesperadamente) na areia. Admirando nossa capa do n. 12 ("Maria Helena Gioia? Quem é?") e preocupando-se com a sua ("Será que sai bem?"), a estrela foi satisfazendo nossa curiosidade.

"Que tal o Festival de Punta del Este?"

"Gostei. Não são verdadeiras as críticas a Punta del Este que me foram atribuídas por uma revista daqui. É um festival ainda jovem e que tende a tornar-se maior atração no futuro".

"Os filmes agradaram?"

"Muito bons. Meus favoritos foram "Le Notti di Cabiria" ("As Noites de Cabiria", o último filme de Fellini com Masina) e "Un Condamné à Mort s'est échappé" ("Um Condenado à Morte Escapou", de Robert Bresson; ambos já conhecidos nos festivais europeus, como quase todos os filmes programados). N.R.: Os parêntesis são da redação.

"Está gostando da praia?"

"Copacabana supera tôdas as expectativas. Aliás, mal posso acreditar que estou aqui. Há muito tempo que queria vir".

"Durante a Semana do Cinema Italiano (que a Unitália acaba de programar, em princípio, para fins de junho e princípio de julho, simultaneamente no Rio e São Paulo) não aproveitará a oportunidade para vir com a delegação de artistas?"

"Gostaria muitíssimo. Se eu tiver uns dois dias livres talvez faça uma pequena visita. Mas justamente em junho



vai começar a filmagem de "Mara", uma coprodução italo-espanhola em que faço o principal papel. Será dirigida por Franco Rossi".

"E Hollywood?"

"Estou sob contrato com a Universal. Terminei, há pouco, "Vento Selvagem", que essa companhia produziu na Itália, com Jeff Chandler". (Para Hollywood, Rossana fez antes "Helena de Tróia" e "Santiago".)

"Sabe que a Universal interrompeu a produção temporariamente?"

"É. Mas nosso contrato é para apenas um filme por ano. O próximo deverá começar no fim de 1958. Aliás, faço questão de conservar minha liberdade. Não quero ser atriz americana".

"Não gosta de Hollywood?"

"Gosto, mas não quero ficar presa. Este ano, além de "Mara", italo-espanhol, vou fazer dois na França: primeiro, "A Ilha no Fim do Mundo", direção de Edmond T. Gréville, com Henri Vidal; e, lá por outubro, "A Ave Fênix", direção de Henri Decoin, provavelmente com um ator americano.

"Quais as atrizes de Hollywood favoritas dos italianos?"

"Audrey Hepburn, por exemplo. É popularíssima".

"A ida de Linda Darnell, Hedy Lamarr, Rhonda Fleming, o aproveitamento de figuras de Hollywood por Fellini (Broderick Crawford, Richard Basehart, Anthony Quinn), e outros, não provoca entre os atores italianos uma reação coletiva?"

"Não. Só reclamam certos elementos decadentes ou envelhecidos, que já não têm chances de estrelato. Acho que o intercâmbio de artistas e cineastas só pode ser útil, estimulante".

"Que você acha da dublagem?" (Com exceção de um pequeno número de cópias, todos os filmes estrangeiros são dublados, na língua do país, não só na Itália, como também na França, Inglaterra, Estados Unidos, etc. E muito raros são os filmes italianos em que os diálogos são gravados no ato da filmagem. A gravação, no caso imprópriamente chamada de dublagem, é feita depois.)



"É horrível a dublagem na Itália. Mas só fui dublada por outras atrizes em dois filmes, quando principiante. Eu não tenho problemas, porque falo inglês, francês e espanhol. Faço questão de dublar as versões de meus filmes nessas línguas. Vão à Espanha e à França só para isso".

"Tem um gênero predileto?"

"Gosto de todos. Acho que uma boa equipe pode fazer um bom filme em qualquer gênero. Gosto do neo-realismo, mas não tenho preferências rígidas por qualquer escola."

"Que diretores prefere?"

"Visconti... Fellini... Franco Rossi." (Rossi, diretor novo, inédito aqui, ficou famoso com um filme de crianças, "Amici per la Pelle" — título intraduzível, que quer dizer "grandes amigos".)

"Que viu de bom, recentemente?"

"Cabiria", "I Sogni nel Cassetto", "Il Ferroviere". "L'Ultimo Paradiso", entre os italianos. Estrangeiros, gostei muito de "A Hatful of Rain" (Cárcere sem Grades) e "A Face in the Crowd" (Um Rosto na Multidão)."

"E "Um Rei em Nova Iorque"?"

"Não vi. Não gosto muito de Chaplin. Admiro muito é Kean".

"Faz teatro e televisão?"

"Odeio a TV. Gosto muito de teatro e tenho recebido convites insistentes. Mas não sobra tempo. E nada se compara ao cinema".

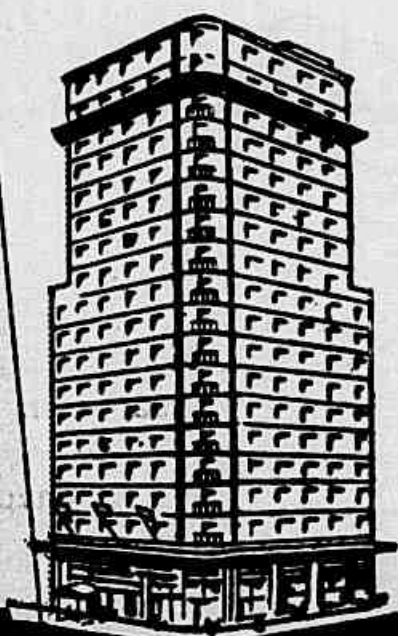
"Com que ator gostaria de trabalhar em Hollywood?"

"Anthony Franciosa. Gostaria imensamente de contracenar com Tony. E também com Glenn Ford... Henry Fonda... Gary Cooper... Bem, Gary Cooper não, que está muito velho..."

Rossana sorriu à espera de novas perguntas, sem fazer caso dos banhistas que paravam para olhar à pequena distância. Não é todo dia que Helena de Tróia se exhibe de maiô no Pôsto 2. Mas não mais suportaríamos um momento sequer ao lado de Podestà. Bem, podemos explicar: estávamos de terno tropical e gravata, ao sol do meio-dia...

HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



*Enderêço permanen-
te dos mais ilustres
visitantes*

Restaurante com ar
condicionado. Bar
com atrações tôdas
as noites. Jantar
dançante aos do-
mingos.

Serviço de restau-
rante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 — FONE 51-9181
SÃO PAULO



INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

'Mil' lhe oferece:



ALMOFADAS
ASSENTOS VENTILADOS
Cadeiras PARA CRIANÇAS
PALHINHA - COURO - PLÁSTICO

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



"Linda, Go Home"

PORQUE Linda Christian não o deixa em paz e para se vingar de declarações que ela teria feito em Punta del Este e em São Paulo, Baby Pignatary organizou uma passeata até a porta do Hotel Excelsior, em Copacabana, onde a estrela estava hospedada, no apartamento 519.

O ex-secretário fundador do "Clube dos Cafagestes" alugou dez táxis, quatro corne- teiros, uma bateria, 50 homens a Cr\$ 100 a hora e soltou-os todos na Avenida Atlântica, com cartazes que diziam:

"Go Home, Linda".

Linda não apareceu para receber as mani- festação, que duraram dez minutos. O Hotel chamou a polícia. Duas guarnições de Rádio Patrulha foram mandadas ao local, mas che- garam tarde.

Ao repórter da REVISTA DA SEMANA Linda disse que "tudo não passou de uma brincadeira de mau gosto" e que "isso não entrará nas minhas memórias".

Baby disse: "Aqui isso pode ter chocado muita gente. Mas Linda não pode levar a mal. Ela sabe que nos Estados Unidos quando uma pessoa é indesejável faz-se isso mesmo, o que é muito normal".

O "Life" e o "Time" estavam presentes, con- vidados para fazer a cobertura do aconteci- mento.





EXTRA

PORQUE LEU "No sítio do Picapau amarelo" (Monteiro Lobato) o estudante espanhol Felix Pardo Ruiz foi expulso do Brasil depois de ser considerado "perigoso agente de Moscou". Ele morava há muito tempo em Recife, onde estudava e o processo começou lá com uma denúncia do representante da Cruzada Anticomunista em Pernambuco. Queriam devolvê-lo à Espanha, mas a UNE interveio e conseguiu que ele ficasse preso esperando o resultado do julgamento de um "habeas-corpus".

NUMA CERIMÔNIA DIFERENTE foi feito o registro de nascimento do filho de Rainier — Grace de Mônaco, o príncipe Albert. Depois de registrado o menino recebeu de seu pai o título de marquês de Beaux.

ELAINE STEWART está liderando em Hollywood uma campanha contra as atrizes estrangeiras que estão tomando o lugar das americanas nas companhias cinematográficas. Argumentos de Elaine: "Chegou a hora de acabar com as várias Brigitte Bardot, Sophia Loren, Lollobrigida. Temos mulheres muito boas e tão bem (ou melhor) proporcionadas do que elas". E citou o exemplo: Marilyn Monroe.

DIZENDO QUE A PRÓPRIA imperatriz Soraya "deve conhecer os sentimentos de Sua Majestade", o senador Djalma Emmani, do Irão, disse que o Xá está muito triste com a separação de Soraya porque ela não lhe pôde dar um filho. "O Xá está muito magoado" — acrescentou.

RECEBENDO UMA COMISSÃO de mulheres americanas o presidente Eisenhower disse que encara, sem pânico, a atual depressão econômica dos Estados Unidos e a conseqüente crise de desemprego. Disse mais que vai tomar providências para estimular a economia americana mas sem "impressão de pânico". Ike é favorável à redução dos impostos para "facilitar uma recuperação econômica sadia".

FOI CONDENADO a 15 dias de prisão simples e ao pagamento de multa de 2 mil cruzeiros o tenente Ulisses Dias da Mota, que comandou a aterrissagem dos pára-quedistas do Exército sobre o 5.º distrito policial meses atrás. Por outro lado o juiz Eliezer Rosa absolveu o sargento José Reinaldo Guimarães e reconheceu que o tenente estava embriagado. E mais: condenou o "excesso de zelo dos homens da Rádio Patrulha" no dia do incidente à porta do edifício São Borja.

O EX-PRESIDENTE boliviano Mamerto Urriolagoitia foi multado pelo Tribunal Alfandegário de San Sebastian, Espanha, "por prática de contrabando". O ex-presidente conseguiu entrar nessa cidade com 300 quilos de cádmio e 300 quilos de níquel e ferramentas de precisão — tudo escondido no seu automóvel.

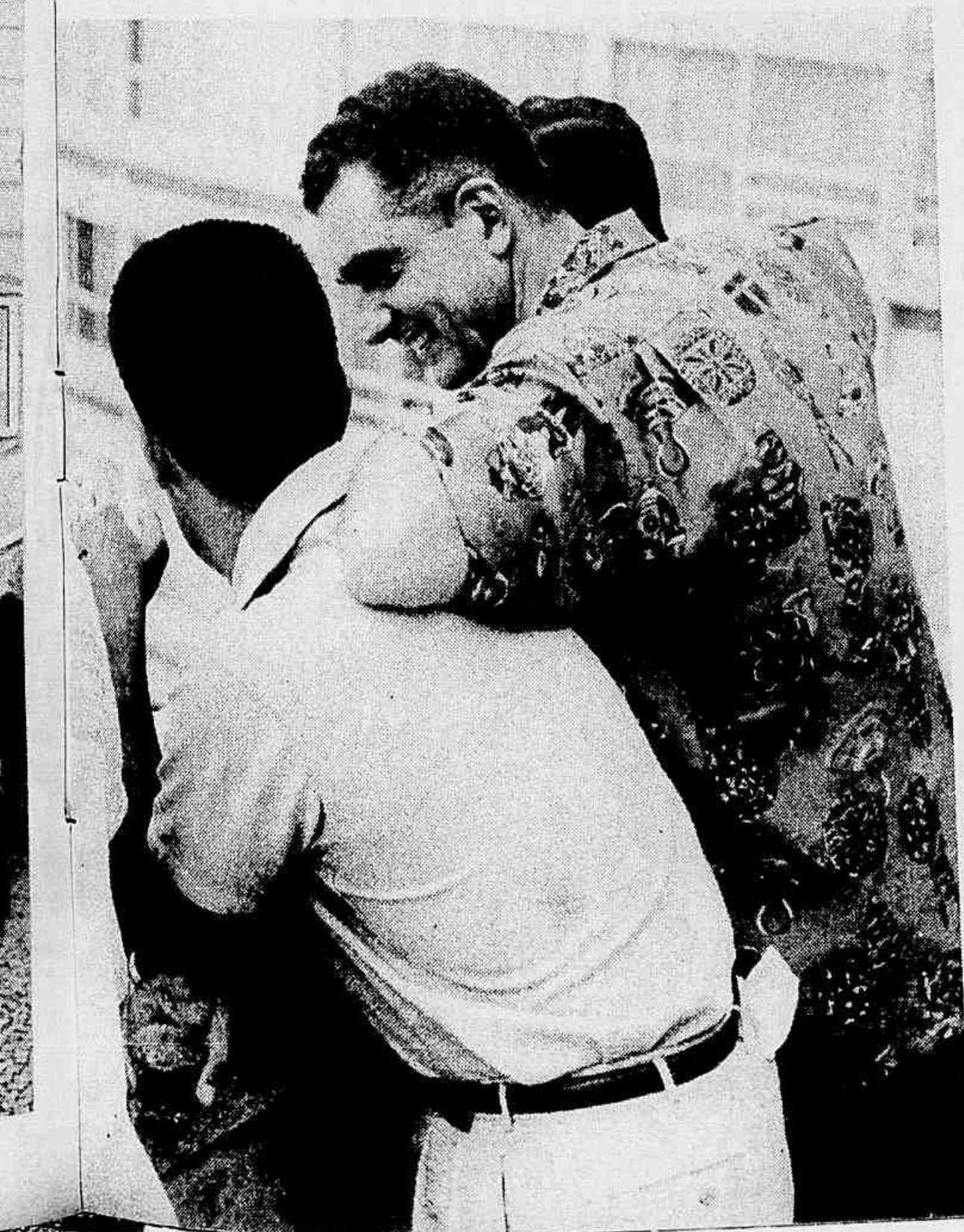
O MARIDO DA ATRIZ Elizabeth Taylor, o produtor de cinema Mike Todd, morreu sexta-feira (21-3-58) num desastre com seu avião particular quando se dirigia do Novo México para New York a fim de participar de um banquete em sua homenagem.

Mike Todd, que alcançou fama mundial com seu filme "A Volta ao Mundo em 80 dias", tinha 50 anos e revolucionara a indústria cinematográfica com seu sistema de projeção "Todd-Ao", sem grandes telas.

Causa do desastre: formação de gelo no exterior do avião.

Morreram com Mike Todd o argumentista de cinema Art Cohn e um seu amigo, cujo cadáver ficou irreconhecível.

Elizabeth Taylor também viajaria com Mike Todd, mas não embarcou porque estava adoentada.





EUROPA LIVRE

NO DIA 18 o Centro Brasileiro da Europa Livre escolheu o Conselho Administrativo "que regerá os destinos da entidade em 1958".

Foi eleito presidente o sr. Henryk Alfred Spitzman Jordan; vice-presidente Executivo e antigo ministro da Tchecoslováquia, Jan Reisser e vice-presidentes o antigo ministro da Bulgária, Alexandre Nikolaeff, o antigo ministro da Letônia, Peter Ollins, o ministro da Lituânia, Frikas Meieris, o cônsul da Estônia, Karl Ast.

Para secretário-geral foi eleito o tenente-coronel Eduardo Ressel; para tesoureiro-geral o sr. Cristo Boyadieff; para secretário-executivo o sr. Christoph de Kallay; para secretário-geral adjunto o sr. Konrad Kowalewski.

Foram escolhidos membros: os srs André Mazay, Jean Diamandy e Carlos Batkay.

A presidência de honra do Centro ficou assim constituída: embaixador Assis Chateaubriand, senador Alencastro Guimarães, vice-governador Arthur Bernardes Filho e professor Hamilton Nogueira.

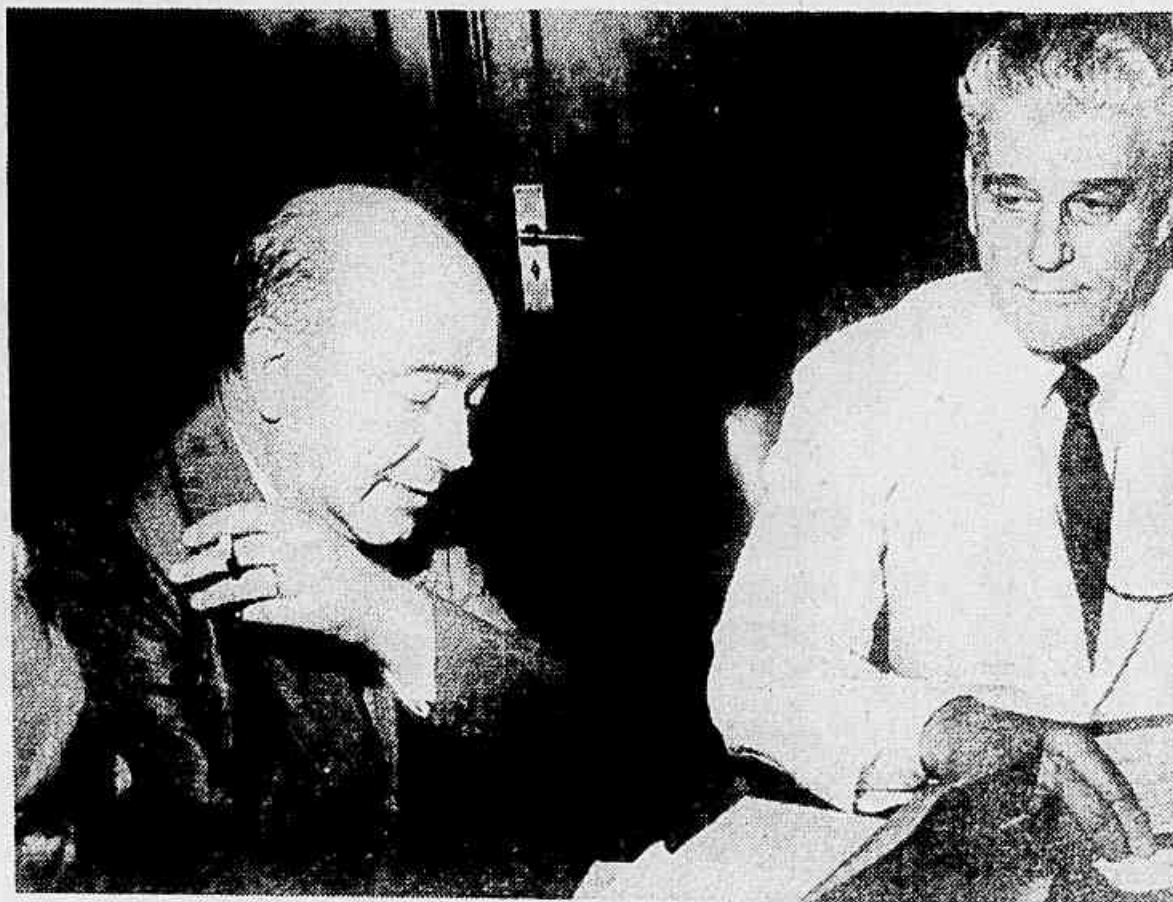
Foi ainda eleito o Conselho Consultivo: sr. Roberto Marinho, presidente; sr. Austregésilo de Athayde, vice-presidente; e srs. Pedro Calmon, Augusto Frederico Schmidt, Konrad Wrzos, Elmano Cardim, Arnon de Melo, Jarzy Zbrozek e Francisco Sousa Brasil, membros.

O presidente do Conselho Administrativo, sr. H. A. Spitzman Jordan, após as eleições, fez um discurso, que os jornais publicaram, quando disse:

"O Centro da Europa Livre é um baluarte da defesa do Hemisfério Ocidental contra as correntes subversivas".

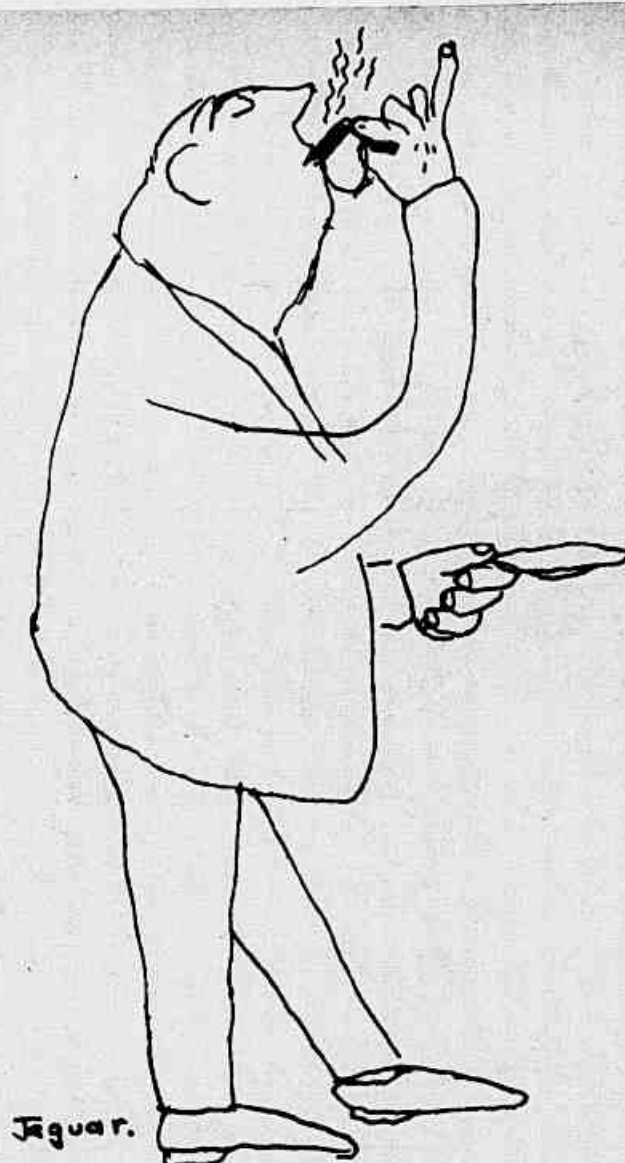


Da esquerda para direita: sr. F. Meieris (ministro da Lituânia), sr. J. Reisser (antigo ministro da Tchecoslováquia), sr. Austregésilo de Athaide, sr. H. A. Spitzman Jordan (presidente do Centro), senador Napoleão de Alencastro Guimarães, embaixador Assis Chateaubriand, sr. A. Nicolaeff (antigo ministro da Bulgária), sr. K. Asst (cônsul geral da Estônia), prof. J. Zbrozek, sr. A. Mazai (ucraniano) e sr. Ch. Boyadjieff (búlgaro).



O sr. Spitzman Jordan e o senador Alencastro Guimarães.

CÂMERA LENTA



FALANDO SOBRE o tema sempre atual — café — devo dizer que o destino do Brasil está por demais ligado a esse produto. Até o Palácio do Catete foi construído com dinheiro ganho no café pelo barão de Nova Friburgo, que levou o primeiro cafeeiro para o Estado do Rio. O Palácio foi construído na beira da rua porque — dizem — a baronesa achava que para ver árvores ela ficava mesmo na fazenda e dizia: "Casa de cidade só na beira da rua".

A PALHA DE CAFÉ tem o cheiro e o sabor quase iguais ao do café e muito do produto torrado que encontramos à venda tem certa quantidade de palha. Houve tempo em que esta palha do café despulpado era comprada para fabricar cafeína, mas a venda foi proibida depois para evitar seu emprego nas torrefações. Em alguns lugares do Brasil, como em Blumenau, o milho já foi misturado com café torrado. No Uruguai e na Argentina torra-se café com um pouquinho de açúcar para que a bebida fique mais preta. A Nestlé quis montar no Brasil a indústria de fabricação de café em pó para exportar. Os técnicos alegaram que isso prejudicaria a venda do produto no exterior. Só mais tarde, ela conseguiu fabricar (para consumo interno) o Nescafé.

CONHECI O SR. Café Filho na Câmara dos Deputados, lutando na Oposição para contestar o diploma do candidato do governo. Fazia "blague" com seu nome e dizia: "Aproveito a ocasião por que estou muito alto agora". Mas ele nada conseguiu, porque naquele tempo a Oposição não passava do nome.

O ATOR JAIME Costa, que ficou com o papel de D. João VI no desembarque histórico na Praça 15, começou sua vida como

o presidente Juscelino Kubitschek: telegrafista. O poeta Ribeiro Couto, que acaba de traduzir para o francês um livro de versos de sua autoria, quando está no Rio tem a mania de convidar os amigos para almoçar na Parreira de Vizeu.

AINDA SOBRE CAFÉ: a primeira vez que ouvi falar do produto foi por minha avó, fazendo comentários sobre a Abolição. Dizia que a princesa fizera bem em acabar com a escravidão, mas devia ter acabado aos poucos, para que não houvesse enorme prejuízo, quando quase toda a colheita se perdeu. Depois, foi um velho fazendeiro da família que dizia: "Se o café chegar a 14 mil réis a arroba (15 quilos) pagarei todas as minhas dívidas e ficarei rico". No governo Epitácio Pessoa chegou a 50 mil réis e ninguém pagou as dívidas porque apesar de o preço ter sido bom não se podia vender o produto, que ficava retido nos armazéns reguladores em que se transformaram os antigos comissários de café.

Estes comissários financiavam os fazendeiros, que lhes pagavam as contas com ordens.

O "GENRAL CAFÉ" foi quem derrubou o presidente Washington Luís. Vários generais fizeram o movimento armado e só fui encontrar de novo o "general café" sendo jogado no mar e mais tarde sendo queimado. Quem vinha de Petrópolis encontrava, perto de Caxias, montanhas em brasa que exalavam o cheiro característico. O contrabando de café era feito pela fronteira do Estado do Rio com o Distrito Federal. Eles se livravam da barreira fiscal para não pagar a taxa de quatro "shillings" e a quota de sacrifício que o governo pagava a preço inferior, por certa parte da mercadoria, para que não fosse queimada. O contrabando de café no País deixava um lucro de cerca de 200 mil réis por saca.





O URSO

NOVELA

CAP. III

PENSOU: "SERÁ NO próximo outono". Mas não foi no próximo outono, nem no seguinte, nem no outro. Tinha então 14 anos. Matara o seu primeiro veado e Sam Fathers marcara-lhe a cara com o sangue; e no ano seguinte matou um urso. Mas já antes disso se tornara tão competente, na floresta, como muitos adultos que têm experiência. Num raio de 50 quilômetros, a partir do acampamento, não havia território que não conhecesse: riacho, outeiro, árvore ou atalho. Saberla conduzir qualquer pessoa a qualquer ponto sem hesitação e trazê-la de volta. Conhecia pistas de caça que nem mesmo Sam Fathers conhecia. Aos 13 anos descobrira a cama de um veado, às escondidas do pai pediu a carabina a Walter Ewel, deitou-se à espera do sol raiar e matou o veado quando ele voltava à cama, pois Sam lhe contara como faziam os velhos índios Chickasaw.

Mas não o urso velho. Embora agora já lhe conhecesse melhor as pegadas do que as suas próprias, e não só a pegada da pata aleijada. Quando via uma das outras três distingui-a prontamente. Não era só pelo tamanho: havia outros ursos dentro desses 50 quilômetros, capazes de deixar marcas quase tão grandes: era mais do que isso.

Se Sam Fathers fôra o seu aio, e os coelhos e esquilos do quintal da casa o seu parque infantil, então a solidão selvagem percorrida pelo velho urso era para ele o colégio; e o próprio urso velho, há tanto tempo viúvo e sem filhos, que se tornara o ingênito pai dele próprio, a sua universidade. Mas nunca o via.

Sabia agora encontrar a pegada torta quase sempre quando bem entendia, a vinte, quinze ou dez quilômetros, e por vezes nesses três anos, enquanto esperava, ouvira os cães na pista do urso por acaso. Na segunda vez pareceram seguir a pista, ladrando alto, abjetamente, quase humanos de histerismo — como naquela primeira manhã de dois anos atrás. Mas nunca o urso. Lembrava-se daquela tarde de três anos atrás, a clareira, ele, o urso imóveis durante esse momento na torreira pintalgada e quieta, e parecia-lhe que

aquilo nunca acontecera, que também aquilo fôra sonho. Mas tinha acontecido. Tinham-se fitado, emergido daquela solidão velha como a terra, sincronizados naquele instante por qualquer coisa mais forte do que a carne e os ossos que os envolviam. E tinham tocado, afiançado e afirmado qualquer coisa mais duradoura do que a frágil teia de ossos e carne que um breve acidente podia destruir.

Até que o tornou a ver. Precisamente pelo fato de não pensar noutra coisa já se esquecera de procurar por ele. Andava ainda com a carabina de Walter Ewel: viu o urso atravessar o fundo de um comprido túnel — um corredor que um furacão varrera — atravessando mais por entre a rede de troncos e ramos do que correndo sobre eles, como faria uma locomotiva, correndo com uma rapidez de que nunca o julgara capaz, quase tão depressa como um gamo — porque um gamo passaria a maior parte daquele tempo no ar: mais rápido do que faz uma pessoa para acertar as miras da carabina. E compreendeu então qual fôra o seu erro durante aqueles três anos. Sentou-se num cepo, vacilante e trêmulo, como se nunca tivesse visto a floresta, nem o que havia dentro dela, perguntando a si mesmo, com um espanto incrédulo, como pudera ter esquecido o que o velho índio lhe dissera e o urso confirmara no dia seguinte, e voltara a reafirmar agora, depois de passados três anos.

Agora sim compreendia o que lhe dissera Sam Fathers a respeito do cão necessário, de um cão em que a importância não estava no tamanho. E quando voltou sozinho em abril (não havia escola nessa altura: os filhos dos lavradores trabalhavam no cultivo da terra e o pai dera-lhe, finalmente, licença com a condição de voltar em quatro dias), levava o cão. Era dele o animal — um rafeiro da espécie que os negros chamam fyce, caçador de ratos, ele próprio não muito maior do que um rato, e possuidor daquela valentia que há muito tempo deixara de ser coragem para ser temeridade.

Não precisou de quatro dias. De novo

sózinho, encontrou a pista na primeira manhã. Não era uma cilada: antes uma emboscada. Contou o tempo do encontro quase como se tratasse de um compromisso com um ser humano. Na madrugada seguinte foram à pista, contra o vento — ele agarrando no rafeiro amordaçado com uma saca e o Sam Fathers com dois cães amarrados por um bocado de corda. Chegaram tão perto dele que o urso se voltou sem sequer correr — como se ficasse surpreendido pelo alarido agudo e frenético do rafeiro solto — voltando-se em defensiva, encostado ao tronco de uma árvore, plantado sobre as patas traseiras: o rapaz julgou que ele nunca pararia de se erguer, cada vez mais alto: e até os dois cães pareceram ganhar uma coragem desesperada ao verem o rafeiro seguindo-o na corrida.

Só aí o rapaz compreendeu que o cão não pararia. Saltou, atirou fora a arma, e correu: quando alcançou e agarrou o rafeiro, que rodopiava freneticamente pareceu-lhe que estava diretamente nos pés do urso.

Sentia o cheiro muito forte, quente, espesso, do urso. Agachado, levantou os olhos para o vulto que se erguia e elevava sobre ele, sobranceiro como uma batega de chuva e escuro como uma trovoadas familiar, tranqüila, e até lúcidamente familiar, até que se lembrou: fôra assim que sempre sonhara com ele. Depois desapareceu. Não o viu desaparecer. Ajoelhou-se, agarrando com as mãos o rafeiro frenético, ouvindo o vergonhoso ganir dos cães a afastar-se ao longe, até que Sam veio para perto dele.

— Esta é a segunda vez que o urso vê você com uma espingarda na mão. Desta vez não podia ter falhado o tiro.

O rapaz levantou-se, ainda agarrando o rafeiro. Mesmo nos seus braços e longe do chão, o animal gania furiosamente, aos puxões e aos repelões para seguir o alarido longínquo dos dois cães, como um molho de molas de aço. O rapaz ofegava ligeiramente, mas desta vez não vacilava nem tremia.

— Nem tu! — disse. — Tinhas a espingarda! Também não disparaste!

— E não disparaste — disse o pai. — A que distância estavas ?

— Não sei, pai. Vi uma grande cicatriz na perna direita do bicho. Isso vi. Mas nessa altura não tinha a espingarda.

— E quando tinhas a espingarda também não fizeste fogo. Por quê ?

Mas o rapaz não respondeu. E o pai não esperou que ele respondesse : atravessou o quarto por cima da pele do urso que o filho matara há dois anos e da pele de outro urso maior que ele próprio matara antes do seu filho ter nascido, atravessou o quarto e foi em direção à estante que ficava por baixo da cabeça embalsamada do primeiro veado do moço. O pai chamava de escritório àquele quarto, em que se tratavam todos os negócios da plantação : fôra ali que o rapaz, aos 14 anos de idade ouvira as mais interessantes de tôdas as conversas. O major ia lá e às vêzes o velho general Compson; e Walter Ewel, Boon Hogganback, Sam Fathers e o Jim da Tennie eram também caçadores, conheciam os bosques e tôda a caça que havia nêles.

O rapaz ouvia a conversa, sem falar nem um pouquinho, mas à escuta — a solidão selvagem, a enorme floresta, maior e mais velha do que qualquer documento dos brancos convencidos vaidosamente de que tinham comprado parte dela, maior e mais velha do que qualquer documento dos índios inflexivelmente convencidos de que alguma vez tinham transmitido parte dela. Mas a floresta pertencia aos homens, não brancos nem negros, nem vermelhos, mas simplesmente aos homens, aos caçadores com vontade e audácia de resistir e a humildade de sobreviver — e aos cães e aos ursos e aos veados justapostos e aliados contra ela, ordenados e impelidos pela solidão, na luta antiquíssima e inadiável regida por antiquíssimas e inatingíveis regras que anulavam o remorso e não permitiam quartel. As vozes eram tranqüilas, graves, deliberadas pela retrospectão, pela recordação, pela lembrança exata, enquanto ele se acocorava ao pé do fogo com o Jim da Tennie que só se metia para deitar mais lenha e passar a garrafa de uns copos para outros. Porque a garrafa estava sempre presente : e passado um bocado parecia-lhe que aqueles duros instantes de ânimo, esper-teza, coragem, astúcia, rapidez, se concentravam naquele líquido escuro que as mulheres, os rapazes, as crianças não bebiam, mas só os caçadores — bebendo nêle não o sangue derramado, mas uma condenação do espírito imortal e ardente, bebendo-o moderada, humildemente até, não com a baixa esperança do pagão de obter as virtudes da astúcia, da força e da velocidade, mas em saudação a elas.

O pai voltou com o livro, sentou-se de novo, começou a abrir as páginas. "Escuta" — disse êle. Leu alto as cinco estâncias, com a sua voz calma e ponderada no quarto em que não havia fogo porque era primavera. Depois levantou os olhos. O rapaz observava-o. "Bem" — disse o pai. "Escuta". Tornou a ler, mas desta vez só a segunda estrofe até o fim — até os dois últimos versos. E fechou o



livro, colocando-o a seu lado, na mesa. "Ela não pode morrer, embora tu não consigas ser feliz como pretendes; eternamente a amarás e ela será bela — repetiu.

— Ele fala de uma rapariguinha — disse o rapaz.

— De alguma coisa tinha de falar — disse o pai. E depois: — Falava da verdade. A verdade é eterna. A verdade é só uma. Abrange tôdas as coisas sobre a terra: a honra, o orgulho, a piedade, a justiça, a coragem, o amor. Compreendes agora?

O rapaz não sabia bem. Talvez tudo fôsse mais simples do que aquilo. Havia um velho urso, duro e implacável, não apenas para continuar a viver, mas com o feroz orgulho da liberdade e da independência, suficientemente orgulhoso delas para não sentir medo ou sequer alarma em vê-las ameaçadas. Mais: que "algumas vezes, parecia até arriscar deliberadamente essa liberdade e independência para melhor saborear, para incitar os seus fortes ossos velhos e a carne a manterem-se ágeis e capazes de as defender e conservar".

Havia um velho, filho de uma escrava negra e de um rei índio, herdeiro, por um lado, de um povo que aprendera a humildade no sofrimento e a dignidade nessa resistência que sobrevive ao sofrimento e à injustiça; e, pelo outro lado,

da história de outro povo, mais antigo sobre aquela terra do que o primeiro, mas que já não existia sobre ela senão na fraternidade solitária do sangue estranho de um negro e do espírito selvagem e invencível de um urso velho. Havia um rapaz que queria aprender a humildade e o orgulho para se poder tornar destro e digno da floresta, mas que estava se adestrando tão rapidamente que temia não chegar nunca a tornar-se digno, por não ter aprendido essa humildade e orgulho — embora tivesse tentado aprender — até que um dia, de repente, descobriu que um velho (incapaz de definir qualquer das duas coisas) o levava, pela mão, àquele ponto em que o urso velho e um cãozinho lhe tinham revelado que, possuindo outra, possuiria a ambas.

E havia um cãozinho, anônimo, sem raça, filho de todos, adulto mas com menos de dois quilos e meio de peso, como que dizendo para si: "Não posso ser perigoso, porque nada há muito mais pequeno do que eu: não posso mostrar fúria, porque diriam que era um ruído sem importância; não posso ser humilde porque já estou demasiadamente próximo do chão para poder ajoelhar; não posso ser orgulhoso, porque estaria demasiadamente longe dele para ser possível ver quem produzia a sombra; e nem sequer sei que não vou para o céu, porque já está decidido que a minha alma não é imortal. Só me resta ter coragem, portanto. Mas

está bem. Terei coragem, mesmo que digam que é um ruído sem importância.

E pronto. Era simples, muito mais simples do que um homem, num livro, falar da juventude de uma rapariga por quem nunca precisaria de se afligir, porque nunca lhe seria possível aproximar-se mais dela, ou necessário afastar-se. Ouvira falar de um urso, acabara por ter idade de perseguir o urso, perseguira-o durante quatro anos, e por fim com uma espingarda nas mãos, encontrara-o e não disparara.

Porque um cãozinho... Mas podia ter disparado muito antes de o cãozinho ter corrido os trinta metros até o urso que esperava, e o Sam Fathers podia ter disparado em qualquer altura durante aquele interminável momento em que o velho Ben estivera em cima deles, de pé nas patas traseiras. Interrompeu-se: o pai observava-o gravemente através do maduro crepúsculo primaveril do quarto; quando falou, as palavras foram tão calmas como o crepúsculo — não muito altas, pois não precisavam ser altas, porque seriam duradouras: "Coragem, honra, dignidade" — disse o pai, "piedade, amor da justiça, liberdade". Tôdas elas tocavam o coração; e o que o coração aceita torna-se verdade até onde é possível conhecê-la. Compreendes agora?

O Sam e o Velho Ben e o Nip, pensou o rapaz. E ele próprio, também. Também tivera razão. O pai assim o dissera. — Sim, pai — disse ele.

(Continuação da pág. 24)

se reuniria uma multidão? Algumas pessoas estrategicamente postadas para provocar os aplausos e exclamações, uma bela mulher para iniciar a série de beijos..."

SAINT-LAURENT:

Estamos diante de um homem jovem, com talento e seriedade que não condizem com seus poucos anos — raras vezes sorri — e que se converteu em figura de primeira grandeza. Segundo seus desejos ou caprichos, subirá ou baixará a linha da fama. Mas nada poderá assegurar se continuará atraindo a atenção geral.

Ainda criança, Yves se mostrava muito quieto, suave e quase um estranho em sua própria família. Preferia "brincar de boneca", com suas duas irmãs menores, antes de entregar-se a brincadeiras mais violentas com meninos da sua idade.

Foi considerado "o pato feio" da família St. Laurent. Tímido como uma menina envergonhada, silencioso, só tinha uma paixão secreta: um teatrinho no quintal, que servia de pretexto para loucuras de feitiços de modas. Só as suas irmãs o levavam a sério, aproveitando suas idéias para mandar fazer vestidos.

Yves — diziam — devia ter nascido menina. Aos 12 anos de idade brincava com uma boneca, o que, na opinião do pai, era um insulto à família.

"Se continuar se comportando assim", disse a Yves, "levo você para um colégio interno".



Yves sentiu-se ferido em seu orgulho e abandonou o quintal, a boneca e os vestidos, satisfazendo a seu pai. Aos 16 anos formou-se em filosofia. Durante os estudos, atrás da timidez, Yves mostrava à família sua extraordinária força de vontade.

Como prêmio porque se formou em Filosofia, Yves ganhou uma viagem a Paris, quando visitou todos os centros de atrações, dedicando-se mais a desenhar cenários para teatro e vestidos, num esforço para se convencer de que tinha talento.

Seus amigos logo elogiaram suas criações e Yves decidiu participar de um concurso do "Secretariado Internacional de La Lana".

O primeiro desenho de Yves acordou os jurados, o segundo lhes tirou a respiração e o terceiro fez seu presidente, Pierre Balmain, abandonar seu lugar para felicitar o jovem.

No dia seguinte, com um cartão que Balmain lhe dera, esperou horas em uma pequena sala dourada no salão da Avenida Montagne. Apenas conhecia a quem devia ser apresentado.

Mas Christian Dior estava no auge da fama como profeta da moda e não podia equivocar-se. Sem maior interesse abriu uma pobre pasta timidamente depositada no escritório. Durante um momento ficou silenciosamente olhando os desenhos e logo olhou com admiração para o jovem. Yves St. Laurent havia antecipado a linha "H", o segredo tão bem guardado de Dior para a próxima estação.

O rei da moda levou Yves para sua casa em Milly, onde se dispunha a descansar dos rigores da exibição anual. Desde esse momento, Yves ficou sendo a sombra de Dior, acompanhando-o nas férias e nas viagens comerciais.

Com Madame Zenhacker, que fechou os olhos de Dior quando ele morreu na Itália, em outubro último, Yves ficou sendo parte do universo íntimo de seu mestre.

Em seu testamento Dior disse: "St. Laurent deverá me suceder quando eu morrer".

Mas St. Laurent diz: "Não sou Dior. Ninguém poderá substituí-lo. Poderemos tentar continuá-lo".

Aurora lívida ou tristonho ocaso?

JÁ POR DIVERSAS vezes, nessas mesmas páginas, escrevemos sobre a poesia de Augusto Frederico Schmidt. Quando, por exemplo, a Livraria José Olímpio publicou as "Poesias Completas", em 1956, dedicamos ao livro extenso estudo, em que tentamos definir a posição de Schmidt na poesia brasileira contemporânea, além de esboçar a sua evolução poética. Era um estudo, em última análise, favorável, embora com algumas restrições.

Em verdade, a poesia de Augusto Frederico Schmidt, em que pese sua prolixidade, e a despeito de todos os demais defeitos que a nossos olhos possui, tem o poder de atrair-nos, não raramente de enlevar-nos.

A força do poeta, sentimo-la em peças como "A Volta do Filho Pródigo" (de "Mar Desconhecido"), principalmente nesse maravilhoso poema que é "Destino da Tenebrosa" (de "Fonte Invisível"), peça que, no depoimento do próprio Schmidt, é a mais importante que já escreveu. Uma antologia poética do autor de "O Galo Branco" conteria pelo menos trinta poemas de excepcional beleza poética — entre os quais no mínimo três ou quatro sonetos dos mais belos já escritos no Brasil.

Por tudo isso, porque sinceramente apreciamos a poesia schmidtiana, é que lamentamos essa "Aurora Lívida" que a Simões acaba de lançar, e que constitui praticamente a primeira edição de obra poética de autor relevante a aparecer nesse 1958 ainda pobre de livros (1). Lamentamos porque é um final por demais melancólico para a carreira iniciada em 1928 pelo "Canto do Brasileiro Augusto Frederico Schmidt"; lamentamos porque nesse mesmo momento, última o poeta aquele que, segundo afirma, será seu livro de despedida — uma série de sonetos formando um único poema, sobre "Babilônia": como imaginar possa a poesia de Schmidt ainda atingir um ápice, após os fracos poemas ora estampados em livro?

No volume inteiro — quarenta e três poemas ao todo, uns poucos sonetos, algumas peças longas, como "O Rei" — pouca coisa que chame a atenção do leitor. Em "O Rei", inspirado por um espetáculo da fabulosa Ópera de Pequim há tempos realizado entre nós, salva-se a última de oito partes — mais por motivos de ordem psicológica que propriamente artística. Salvam-se sobretudo duas velhas imagens, de qualquer maneira belas e perfeitamente adequadas ao momento:

"O vento estival brinca com as barbas
[reais,
Como se afagasse um trigal ma-
[duro"; (a)

"No leito real sua alma pousou leve
Como a borboleta descansa nas anê-
[monas". (b)

Velhas imagens, em verdade, do tipo que nossos românticos esgotaram, nas décadas que vão de 1830 a 1870.

No poema "A Mãe Cansada", sobre antiquíssimo tema — aqui sugerido apenas pelo vocábulo *Magos* — Schmidt põe na boca de Maria a embalar seu Filho:

"Que me importa o teu mistério!"

E não deixa de ser comovente a observação.

"Fragmento do Poema A Ilha da Noite" é outra peça importante apenas pelo que nos traduz do estado de espírito do próprio poeta, muito embora termine por um grupo de versos de razoável beleza:

"Mas eis que tua voz, desconhecida,
[nasce
Do seio noturno e, como um pássaro
Que agitasse as suas asas molhadas,
Devolve-me aos olhos a esperança
[das lágrimas".



Formalmente mais interessantes os poemas "Invejo-te, Rosa" e "A Face" — despidos embora de conteúdo poético digno de estima.

Nos poemas mais longos, como "O Natal do Outro Lado", "Felizes os que Dormem", sobretudo "A Volta do Pai", o que se vê é um longo resvalar para a expressão prosaica, uma dolorosa escassez de matéria poética a adensar os versos largos e que saem uns de dentro dos outros em torrentes como jatos de água fria no ânimo de quem os lê. Em "A Volta do

Pai" tentou Schmidt repetir o êxito de "A Volta do Filho Pródigo", sem conseguir.

A verdade é que a poesia de Schmidt — outrora envolta em densa camada de mistério — descambou agora para a pura prosa, para a prosa trivialíssima e amorfa. Veja-se, despido de sua estrutura técnica, esse trecho do "Poema de Natal":

"A idéia de escrever um poema de Natal traz-me à lembrança o poeta Ungaretti, na sua casa em Roma, via Remuria, 3. Vejo-o impassível, o rosto difícil de florir um sorriso, com os seus olhos que parecem cansados de contemplar o fundo do mar. Ungaretti é um pássaro revoando, volteando, girando e, de súbito, molhando as largas asas duras nas águas onde pousa e, às vezes, se move a imagem do seu filho perdido".

Note-se a pobreza imaginativa do Schmidt atual, apelando eternamente para o mesmo vocabulário poético de fácil efeito (pássaros de asas molhadas, seio noturno, vozes que chamam, etc.).

Mais dois exemplos do prosaísmo schmidtiano:

"Quero cantar as virtudes e os defeitos do povo lusíada, a quem devemos, nós brasileiros, alguns maus hábitos e tantas coisas boas que possuímos, a quem devemos esta possibilidade de grandeza que é o Brasil. Estes oito e meio milhões de quilômetros quadrados, unidos, cozidos, não se sabe bem como, por uma linha invisível, mas forte" ("Poema a Portugal"); e principalmente:

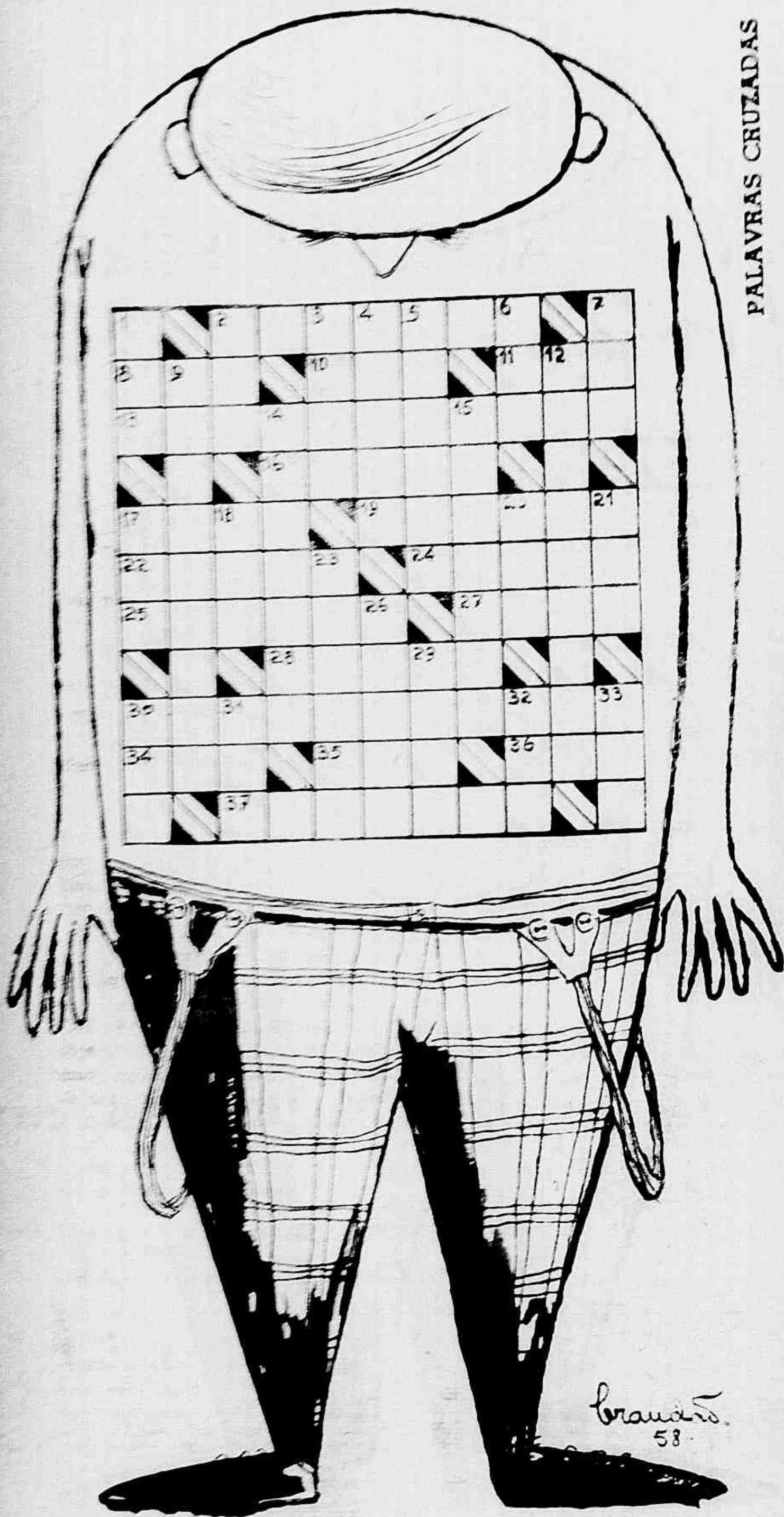
"Na verdade não sei porque surgiu agora Inácio Bittencourt. O que veio ele fazer nesta folha de papel em que eu começava a escrever as primeiras palavras de um artigo sobre a política do petróleo?"

Aliás, o próprio Schmidt reconhece ter sido abandonado pela Poesia — e quando a ela se refere, é sempre em tempo pretérito:

"Poeta fui. E cantava quando triste".

Com "Aurora Lívida" — para concluir — assistimos ao fim de uma trajetória. Nesses poemas velhos sem essência que os vivifique, se luz alguma existe, não será decerto a claridade inconfundível e límpida da aurora. Mas os tons bruxoelantes e incertos de um sol que esmaece nalgum tristonho ocaso.

(1) — Augusto Frederico Schmidt: "Aurora Lívida". Poesia. Organização Simões Editora. Rio de Janeiro, 1958. Capa de Reis Júnior. 116 páginas.



PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 25

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: ara — aral — cala —
 Pal — pal — ramalhões — em — ar
 — Au — se — acrílico — ta — Ob — já
 — al — amarelo — ara — ora —
 last — most — ala

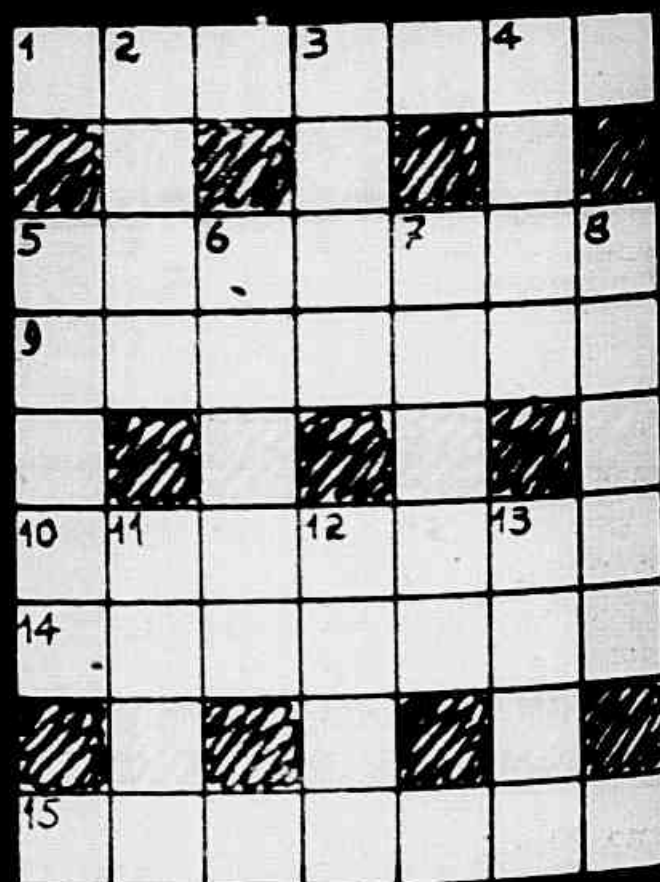
VERTICAIS: aram — al — Ac — alar
 — aram — amarelo — amarelo —
 ara — má — raça — raça — daili — se

re — anal — adar — emas — só — arar
 — ta — ua.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: aramar — açama — em
 — aram — mor — ara — brincar — ram
 — aca — aral — Om — varas — amarra

VERTICAIS: Ra — açã — maracá — amá-
 raco — ramarama — lembrava — mora-
 ram — rimara — lar — sr.



COMO ENSINAR ÀS CRIANÇAS QUANTO VALE O DINHEIRO

QUEM PERGUNTA é uma mãe e já está desesperada com os pedidos constantes de um filho de 10 anos. Diz ela que o filho "parece não compreender que dinheiro se ganha à custa de suor".

Creio que com relação ao caso nada seria melhor do que o estabelecimento de uma mesada para o garoto. Com meus próprios filhos se dava o mesmo. Este ano, na estação de águas, passei a dar diária a cada um. E com surpresa os vi, à hora de dormir, fazendo planos para o dia seguinte, adaptando os prazeres que poderiam usufruir na medida de sua realidade financeira.

Foi muito mais econômico para mim e lhes serviu de lição. Hoje parece que entendem melhor o valor do dinheiro. Uma mesada é uma ótima lição de economia.

COMO DETERMINAR A MESADA A DAR A CRIANÇA?

Se você pretende que ele compre sapatos, livros, passagens e sorvetes com o dinheiro deve estabelecer um quantum capaz de cobrir todas as despesas. Mas se aspira somente a atender às suas despesas extras — faça as contas na base de um sorvete por dia, um ou dois cinemas por semana... Mas há um ponto que deve ficar bem claro nesta história de mesada: uma vez estabelecida, ela não deve ser cortada de forma alguma. Castigos serão à base de outras causas. A mesada deve ser uma certeza na vida da criança. Ela poderá fazer planos, economias, gastos — certa de que o dinheiro vem.

Calcule sua aflição se, repentinamente, o marido lhe dissesse: de hoje em diante não haverá mais dinheiro para despesas domésticas... O menino acostumado a ter o seu dinheiro assume compromissos e faz programas que devem merecer nosso respeito.

"ELES TROCAM OS OBJETOS ENTRE SI E DEPOIS BRIGAM, IGNORANDO AS TROCAS"

Isto é um acidente perfeitamente normal na vida das crianças. Eles trocam no momento em que parece a eles ser interessante o câmbio. Mas na hora em que se torna desagradável a ausência do objeto, querem-no de volta. E aí surgem brigas terríveis entre irmãos... brigas que nos cabe suportar com paciência pois significam que a consciência do "meu" e do "seu" está surgindo por ali.

A noção de propriedade é, a princípio, muito primitiva. Feita à base da força física, do desejo imediato, vai se tornando aos poucos disciplinada, socializada. Mas isto custa muita experiência desagradável às crianças.

"E QUE FAZER PARA QUE ELES DEIXEM DE BRIGAR?"

Uma frase de um psicólogo, um dia me serviu de consólo diante da mesma pergunta... Dizia ele — "Seus filhos brigam? Ótimo; são normais"...

Sim; normais são os meninos que brigam, que lutam pelo que é seu e pelo que desejariam que fôsse de sua propriedade... Brigam por um papelzinho, por um cigarro apagado, por uma fruta que logo abandonarão. Implicam uns com os outros, ameaçam-se, dizem-se coisas desagradáveis. Mas a família é o cenário onde se faz neste mundo a aprendizagem para a vida mais ampla, onde se aprende a reagir para se afirmar depois, lá fora, a personalidade. Natural que neste cadinho haja ebulições. **CONVERSE COM SEUS FILHOS** — É o melhor meio que se encontra para diminuir as reações agressivas. Palestras de mãe para filhos, deitados na cama larga, histórias, contos educativos. E veja bem se não dá, você mesma, no trato com seu marido, o exemplo para as brigas dos meninos.



VEIO DE WASHINGTON

O SINAL VERDE

PARA O GOLPE DE 37

Rafael
Corrêa de
Oliveira

EM 1941 DIZIA-ME o sr. Lawrence Duggan, chefe da Secção Latino-Americana do Departamento de Estado, durante um almoço em Washington:

— “Se Vargas continuar a “jogar” com Hitler e Mussolini, os Estados Unidos tomarão tôdas as medidas necessárias à segurança do Continente”.

O pensamento do jovem e brilhante diplomata me pareceu tão claro que na primeira oportunidade, por intermédio de um portador de confiança, escrevi ao sr. José Américo uma carta confidencial sobre o assunto. Admitia eu como inevitável a ocupação militar do Brasil se os Estados Unidos entrassem na guerra e a ditadura Vargas continuasse ligada à aventura fascista.

Mais tarde, já em 1942, quando o sr. Getúlio Vargas fôra constrangido pelos acontecimentos a tomar posição contra a Itália e a Alemanha, tive a oportunidade de um novo encontro com Lawrence Duggan, a quem me queixei da humilhação imposta ao ditador brasileiro, em Natal, quando por aquela cidade passou, com destino à África, o presidente Roosevelt.

Em águas brasileiras o presidente dos Estados Unidos se hospedara a bordo de um “destroyer” norte-americano. Em terras brasileiras, passara revista às tropas num veículo norte-americano, cercado de militares e guardas de seu país. A fotografia que documentava a revista apresentava o sr. Getúlio Vargas numa posição secundária, por trás do presidente Roosevelt.

Lawrence me ouviu pacientemente, mas foi rude e absolutamente franco na pergunta com que “respondeu” às minhas queixas:

— “E você queria que nós confiássemos a Vargas a segurança do presidente dos Estados Unidos?”

O leitor, após este depoimento, pensará que o sr. Getúlio Vargas era hostilizado pelo governo norte-americano, porque se fizera ditador em 1937. No entanto, a verdade é bem outra.

Em 1937 a conspiração fascista enfrentava, no Brasil, duas dificuldades: a) uma de ordem interna representada pelo governo de S. Paulo; b) outra de ordem externa oferecida, possivelmente, pela democracia norte-americana.

A primeira foi removida com a traição do sr. Cardoso de Melo Neto à candidatura de seu chefe e amigo, o saudoso brasileiro Armando de Sales Oliveira. A segunda se transformou em apoio decisivo do sr. Sumner Welles, subsecretário do Departamento de Estado, cuja política foi sempre favorável às ditaduras subservientes da América Latina.

Os entendimentos de Getúlio com a embaixada dos Estados Unidos, aqui, no Rio, chegaram a excelente resultado. De Washington veio a luz verde para o golpe de 1937. Sumner Welles sempre fôra um agente intervencionista dos Estados Unidos nas Repúblicas da América Latina. E a sua filosofia de ação diplomática nos países do hemisfério, poderia ser resumida neste conceito: “É muito melhor, para nossos interesses, um ditador passivo do que simulacros de regimes constitucionais com nacionalistas e comunistas fazendo agitações”.

No caso particular do Brasil, Welles achou que Getúlio devia continuar para que não caíssemos nas mãos de um dos candidatos à sucessão. O sr. Armando de Sales Oliveira era considerado elemento do “grupo britânico” de S. Paulo, e o sr. José Américo de Almeida um simples demagogo com apoio de nacionalistas e esquerdistas.

As combinações se fizeram, com a exclusão completa do sr. Oswaldo Aranha, que foi surpreendido pelo golpe. Mas o sr. Welles estava bem informado, tanto assim que lhe coube acalmar os receios da imprensa, em Nova Iorque e Washington. Supunham os jornais americanos tratar-se do expansionismo hitlerista no Continente. Daí as suas críticas ao movimento de 10 de novembro. A embaixada do Brasil se mantinha silenciosa. O mesmo ocorria com o Consulado Geral em Nova Iorque. Por isso, antes que se cristalizasse na opinião pública um sentimento de hostilidade à nova ditadura sul-americana Sumner Welles distribuiu um comunicado aos jornais explicando a situação e afirmando que um fato de caráter puramente interno na política brasileira não afetaria as relações entre as duas maiores repúblicas continentais. Numa palavra: o comunicado deixava perceber que os “interesses” dos Estados Unidos só teriam a ganhar com a ditadura



Entre o eixo (Dutra) e os aliados (Aranha) o coração de Vargas balançou para o lado de cá : 1942.

de Vargas. E um argumento dessa natureza é sempre definitivo na opinião pública americana.

Mas, logo depois, o Departamento de Estado começou a compreender que a ditadura brasileira se encaminhava para o eixo Roma-Berlim. E, nesta hipótese, já a "democracia" se inquietava.

O governo Vargas era homogêneamente fascista, mas, para evitar uma crise com os Estados Unidos, convinha "despistar"... A nomeação do sr. Oswaldo Aranha, para o Itamarati, teve êsse objetivo. E foi realmente uma dádiva dos deuses porque conseguiu impedir a loucura da intervenção brasileira na guerra ao lado de Hitler e Mussolini.

O sr. Getúlio Vargas, como todos nós sabemos, era um homem profundamente ignorante de problemas internacionais. Só lhe interessava a conservação do poder. E como o grupo militar dominante vestia o figurino nazista, e lhe afirmava a invencibilidade de Hitler, o nosso ditador iria à guerra contra ingleses e franceses se o esforço desesperado do sr. Oswaldo Aranha não impedisse, protelasse por algum tempo, — até um mais firme desenvolvimento da política norte-americana, — a calamidade a que nos quiseram arrastar.

O Serviço Secreto dos Estados Unidos tinha conhecimento de todas as conversações de Getúlio e dos militares fascistas com os embaixadores alemão e italiano. Não fôra a posição geográfica do Brasil, e, talvez, nem mesmo o sr. Oswaldo Aranha evitasse a nossa entrada na guerra contra as democracias. Tão comprometidos estavam o ditador e seus mais íntimos colaboradores nessa obra tresloucada, que após a derrota de Hitler e Mussolini os arquivos das embaixadas italiana e alemã no Rio foram destruídos, — o primeiro por um incêndio "oportuno" e o segundo pela Polícia Civil, sob instruções de João Alberto.

Apesar de todas essas circunstâncias, que denunciavam a infidelidade de Getúlio à causa dos aliados, o governo dos Estados Unidos continuou a sustentar a ditadura. E mesmo quando Sumner Welles deixou o Departamento de Estado e o sr. Cordell Hull resolveu estimular os movimentos democráticos no Ocidente, como uma política de oposição às ditaduras comunistas, a tendência dos homens de negócios e polí-

ticos norte-americanos era favorável à continuação de Getúlio no governo. O próprio vice-presidente Wallace chegou a perguntar-me se não havia um meio de Getúlio eleger-se.

A 10 de abril de 1944, na véspera de sair dos Estados Unidos, encontrei-me com Lawrence Duggan, em Washington. Ele se mostrava bem informado da situação brasileira. E, para meu espanto, defendia a permanência de Getúlio no governo. Maior surpresa tive ainda quando diplomatas da União Soviética opinaram do mesmo modo. Um deles, na residência de amigo comum, mostrou-se profundamente irritado quando sustentei a necessidade de restabelecer, no Brasil, a ordem democrática.

— Que ordem democrática? — perguntava o louro bolchevista.

— A liberdade de pensamento, o voto livre, o direito popular de eleger o governo.

— Isto é fantasia. A reação dominará no seu país com auxílio do capitalismo internacional. O governo eleito será conduzido pela corrupção inevitavelmente num país pobre. A queda de Vargas não altera em nada, para melhor, a situação das massas brasileiras. Se Vargas estiver disposto a resistir à intervenção do Departamento de Estado e do capital colonizador, só há uma atitude decente para os patriotas: sustentar Vargas.

Eu insisti na minha tese: os homens que combatiam a ditadura eram patriotas, dignos, incapazes de transigir com os interesses nacionais. outra solução além de Vargas, mesmo com Luís Carlos Prestes na cadeia.

Despedimo-nos de mau humor. E agora, ao recapitular estas Mas o russo e sua esposa, uma senhora morena de olhos negros, originária da Macedônia, não admitiam, para o Brasil, memórias, recorde ainda as últimas palavras que ouvi de Lawrence Duggan:

— Tirar Vargas para quê? Para entregar o Brasil àquela gente velha de 1930? Isso nunca!

O presidente Roosevelt, todavia, continuou na sua política; pelas soluções eleitorais, que prejudicariam fatalmente o expansionismo comunista, como aconteceu em todos os países onde foram possíveis essas soluções, — no Brasil inclusive...

Prestando contas aos fluminenses:

MELHORAM AS FINANÇAS DO ESTADO DO RIO



O governador Miguel Couto Filho lendo sua mensagem na Assembleia Fluminense.

A MENSAGEM LIDA recentemente pelo governador Miguel Couto Filho perante a Assembleia Legislativa do Estado do Rio é na realidade, documento de mais alta significação para a vida administrativa fluminense. Neste documento, o chefe do governo, falando sem artifícios de linguagem, refere-se à grande obra que vem realizando sem alarde e sem recorrer aos habituais empréstimos internos ou externos, acrescentando que, ao adotar uma política de rigorosa compressão de gastos, foi possível vencer o fantasma do "déficit" orçamentário, encerrando-se o exercício financeiro de 1967 com um saldo de dinheiro da ordem de Cr\$ 118.163.533,00.

Continuando na sua impressionante exposição em torno de qual faremos a seguir pequenos mais importantes comentários, e depois de reafirmar a satisfação com que cumpria seu dever cívico, analisou o governador Miguel Couto Filho o clima de tranquilidade que envolve o Estado do Rio e agradeceu sinceramente a eficiente colaboração que vem recebendo dos demais poderes, das autoridades e do povo em geral.

ASSISTÊNCIA À LAVOURA

O amparo às fontes de produção e a proteção às riquezas naturais mereceram especial cuidado do governo fluminense. Depois de inaugurar a "Bacia de Reflorestamento" iniciou-se o ataque às doenças e pragas que atacam os rebanhos e as culturas. O serviço de moto-cultura do

D.A.E.L. presta assistência direta aos lavradores, vendendo-lhes máquinas, sementes, adubos ao preço do custo. Atendendo a antiga aspiração dos produtores de leite, o governo está passando as suas mãos o patrimônio e o controle da comissão estadual para a industrialização do leite (C.E.C.I.L.).

O ESTADO QUE MAIS PAVIMENTOU

O Estado do Rio manteve-se à frente das demais unidades da Federação, sendo considerado o que mais pavimentou. Num triênio, apenas, foram pavimentados 249 kms de rodovias, conservados 4228 e reconstruídos 49 kms, abrangendo 98 localidades. 19 municípios tiveram suas rodovias através de convênios. A ligação Niterói — Campos, que recebeu do atual governo o maior impulso, estará concluída até o mês de junho vindouro juntamente com outra importante rodovia — Cachoeiras de Macacu — Friburgo. Depois de inaugurar o trecho pavimentado São Pedro d'Aldeia — Macaé, intensifica-se a pavimentação dos trechos Campos — Itaperuna, Cordeiro — Bom Jardim, Cachoeiras de Macacu — Parada Modelos, União e Indústria — São José do Rio Preto.

MEIO BILHÃO PARA A ÁGUA

Meio bilhão de cruzeiros foram investidos nos serviços de saneamento nesse triênio. 18 serviços de abastecimento d'água foram entregues às populações do interior. O de Duque de Caxias — o maior de todos depois do de Niterói — em rápido andamento, absorverá cerca de 200 milhões de cruzeiros.

A LUTA PELO QUILOTE

A fome de energia elétrica atingiu a todo o Estado, obrigando o governo a criar e pôr em execução um plano de eletrificação. 31 cidades e distritos já receberam os benefícios da iluminação pública e dentro em breve 325 outras localidades serão aquinhoadas com idênticos serviços, por conta do governo estadual.

REFINARIA DE PETRÓLEO

O esforço do governo fluminense permitiu a instalação, em Duque de Caxias, da maior refinaria de petróleo do país, cuja construção já foi iniciada e está orçada em 55 milhões de dólares. Concluída, vai faturar 45 milhões de cruzeiros diariamente.

OS TEMAS DE EDUCAÇÃO

O ensino no Estado do Rio — disse o governador — ganhou impulsos surpreendentes, como mostram os números estatísticos. O atual governo instalou 178 novas escolas, construiu 58 prédios escolares com 338 salas de aula, criou mais 18 grupos escolares, 10 estabelecimentos de ensino normal, 10 ginásios estaduais, enquanto cresceu de 30 para 54 o número de jardins de infância; 580 cargos de professor primário e 59 de professor de ensino profissional. 249 cursos da campanha nacional de educação de adultos, 13 de iniciação profissional, 52 escolas supletivas estaduais e 43 cursos subvencionados ministram ensino a adultos.

UNIDADES MÉDICAS HINERANTES

Ao abordar o setor Saúde e Assistência, ressaltou, de início, o governador do Estado do Rio a criação de 18 unidades médicas itinerantes — as primeiras que se estabeleceram no país — para atender a zona rural. Estão providas de uma equipe técnica completa e medicamentos que vão ao encontro do homem do campo. A incorporação, ao patrimônio do Estado, do Instituto Vital Brasil — entidade de renome internacional — com todo seu acervo científico e bens adquiridos à família do grande dentista, é medida que dispensa comentário.

ELES CAIRÃO NESTA ORDEM

ESTÃO CONTADOS os dias do general Fulgêncio Batista. A grande ofensiva que Fidel Castro vem preparando por meio de ataques-relâmpagos, acabará pondo fim a mais uma ditadura; reduzindo a três o número das tiranias na América Latina.

• No Paraguai, o general Alfredo Stroessner dificilmente conseguirá deter a violenta onda de protesto popular, ora dirigida pelo padre Ramón Talavera. O padre Talavera, notável orador popular, não exige outra coisa senão o respeito às leis e à Constituição. Ninguém negará a realidade: por enquanto o ditador paraguaio fez com que a polícia (infiltrada de inúmeros elementos peronistas, entre estes o torturador Queraltó, da tristemente célebre "Aliança Nacionalista"), auxiliada pelos choques do Partido Colorado (fração pró-Stroessner) paralisasse o movimento popular, mas esta tática, já empregada por Perón, ao iniciar a luta contra a Igreja e os sacerdotes, deu os piores resultados.

Na cidade paraguaia de Encarnación, onde o padre Talavera pronunciou um dos seus últimos discursos, a polícia amparada pelos partidários do ditador (católico, como também Perón se dizia católico), agrediu os que ouviam o sacerdote, apedrejando, em seguida, a Catedral.

Tudo isto demonstra, quase matematicamente, que os movimentos políticos — sejam eles peronistas ou "colorados" — que se originam nas mesmas correntes reacionárias, chegam ao mesmo fim, e que sua derrota se torna certa e implacável.

Com a queda de Alfredo Stroessner a América do Sul estaria — finalmente — livre de ditadores.

LUÍS E TACHITO

DOIS DELES, porém, os últimos, ficariam ainda em pé: um na América Central, o segundo nas Caraíbas. O primeiro, Luís Somoza Debayle, ditador da Nicarágua, não conseguirá

BATISTA

STROESSNER

SOMOZA

TRUJILLO

Por muito favor Trujillo deu precedência a Deus

manter-se no poder por muito tempo, e sua queda realizaria o grande milagre: constituir-se no Istmo centro-americano uma frente comum de cinco países democráticos, pondo definitivamente fim aos mal-entendidos, às lutas fratricidas e às provocações na região.

Luis Somoza, filho mais velho do falecido ditador Anastácio (Tacho) Somoza, herdou a coroa paterna em 1956, quando o velho tirano foi morto pelo patriota Rigoberto López Pérez. Houve quem acreditasse que a morte de Tacho significaria, automaticamente, a queda da tirania, mas isto não se deu, pois o regime autoritário baseava-se na "Guardia Nacional" (Exército), que conseguiu dominar a situação, colocando o vice-presidente, que era o próprio filho do presidente ainda agonizante, na presidência, e instaurando no país um regime de terror.

A segunda razão pela qual a dinastia Somoza conseguiu ficar no poder, são os desentendimentos e a divisão existente nas fileiras da oposição.

De fato, os adversários dos Somoza (I e II) não conseguiram, até agora, constituir uma frente única, e as mais poderosas frações, em Honduras, Costa Rica, Salvador e no México, vivem brigando entre si, enquanto a oposição existente no país, na clandestinidade, não consegue chegar a um entendimento. Figuras como a do general Carlos Pasos e do jornalista Pedro Joaquim Chamorro poderiam servir à realização de um acordo temporário, visando à derrota da cambaleante ditadura.

Observadores políticos imparciais destacam os seguintes fatos, demonstrando inofensivelmente que este ano será o último da ditadura somozista:

1. Aumento dos desentendimentos entre os dois irmãos, Luis e Tachito, o primeiro presidente da República, o segundo chefe supremo das Forças Armadas. Enquanto Luis é partidário de uma lenta democratização do sistema político e de uma anistia, Tachito é nitidamente favorável a uma ditadura calcada naquela que seu pai implantou no país. Basta dizer que a "Lei de Imprensa", promulgada pela iniciativa de Luis,

foi combatida por seu irmão, que somente gosta de jornalistas no cárcere.

2. Outro sintoma demonstrando os desentendimentos na família Somoza é a eliminação da família Sevilla Sacaza de todos os cargos de importância, exceto o de embaixador em Washington, ocupado por Guillermo, cunhado do atual presidente e decano do corpo diplomático latino-americano na capital norte-americana. Guillermo Sevilla Sacaza, marido da filha preferida de Tacho, era o chefe de um clã familiar que agradava ao sogro, mas não agrada aos cunhados. Vários Sevilla Sacaza ocupavam pastas ministeriais e cargos de responsabilidade na diplomacia — que perderam, um por um, desde o fim de 1956.

3. Durante os últimos seis meses foram realizadas vultosas operações bancárias entre Washington e Manágua, sendo que grandes depósitos em dinheiro e valores, pertencentes aos irmãos Somoza, e a sua mãe, dona Salvadorita Debayle de Somoza, foram retirados do país, e transferidos para os Estados Unidos. Operações como estas jamais foram realizadas durante a vida do chefe da família, que, com mão de ferro e notável talento de administrador, conseguiu transformar a pequena república numa enorme fazenda particular, em que cada funcionário era, ao mesmo tempo, um funcionário particular do "jefe".

4. Desde a morte de Tacho Somoza, foram descobertos nada menos de três complôs na Guardia Nacional, visando, sem exceção, a derrubada da ditadura e sua substituição por uma junta militar. Um dos complôs, no qual tomaram parte oficiais superiores, previa o bombardeio do Palácio Presidencial, se o presidente não concordasse em asilar-se imediatamente numa embaixada, para obter salvo-conduto, deixando o país num prazo de 24 horas. Naturalmente que entre as recém-realizadas operações bancárias e este complô havia uma ligação muito mais íntima do que poderia parecer à primeira vista. Em consequência, os Somoza viram-se obrigados a proceder a radicais expurgos na "Guardia Nacional", fato que causou bastante descontentamento entre os privilegiados da ditadura.

5. Entre as medidas de segurança adotadas pela família Somoza, estaria figurando também a retirada (sigilosa) do país do cadáver do general Anastácio, e sua conservação em lugar ignorado. Esta medida não deve aparecer como extraordinária, se se tomar em conta o fato de que Perón também tencionava retirar da Argentina o cadáver de Evita, e que, após a revolução antiperonista, o caixão com os restos mortais da mulher do ditador desapareceu misteriosamente, raptado provavelmente por um "comando" revolucionário.

Se os primeiros quatro itens podem ser facilmente comprovados, este último pode ser, a rigor, considerado ainda como boato, embora partindo de fonte tão intimamente vinculada a certos círculos de Manágua que dificilmente cometeria um engano.

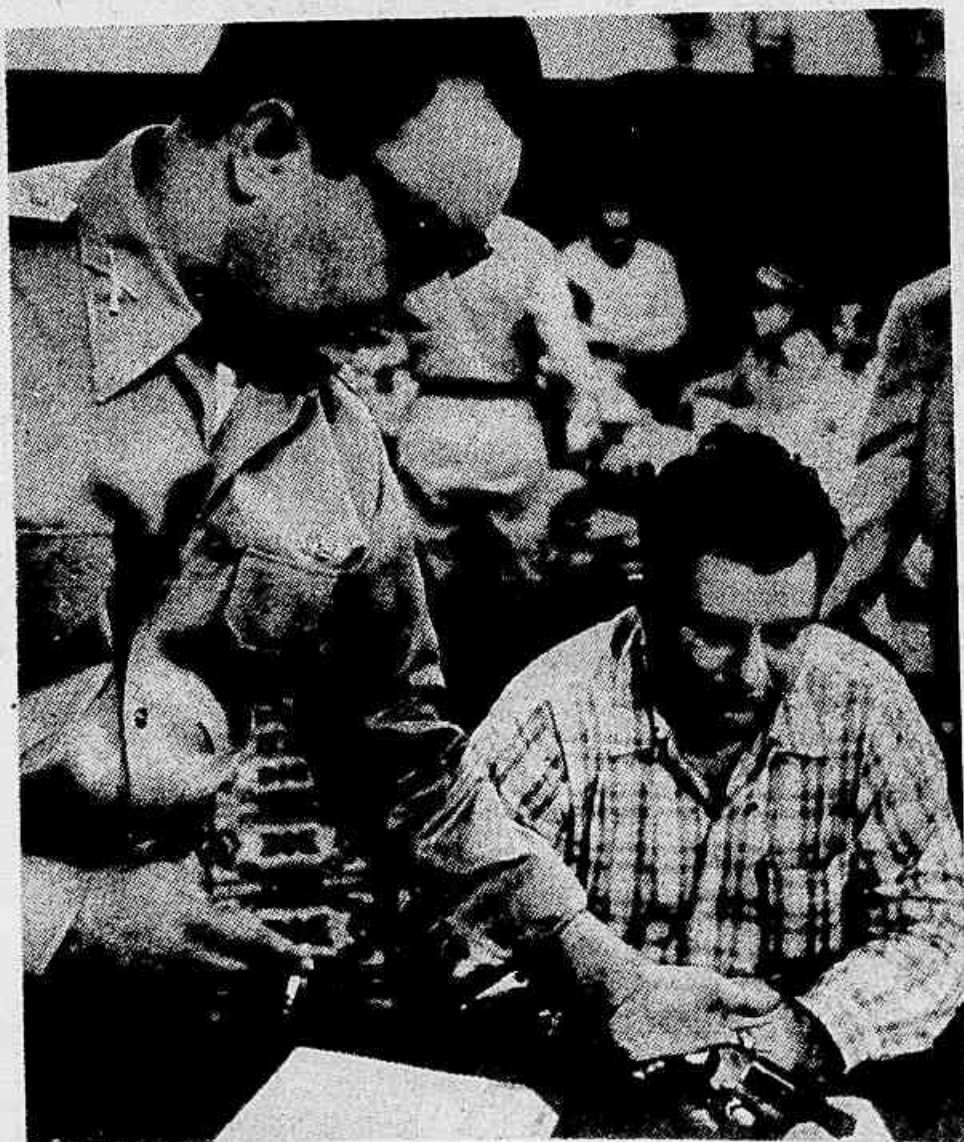
TRUJILLO, O BENEFATOR

A TIRANIA DOMINICANA chegou a tal grau de perfeição, que há quem diga que o país dos Trujillo não passa de uma prisão com azulejos.

A República Dominicana é apenas nominalmente república. De fato, trata-se de monarquia que ainda não ultrapassou certas características da idade média.

Durante quase três décadas, o generalíssimo e doutor Rafael

Tachito Somoza mostra o revólver ao mano Luis



BATISTA
STROESSNER
TRUJILLO



Leonidas Trujillo y Molinas, Benefactor da Pátria Grande, Pai dos Pobres, Primeiro Jornalista, Primeiro Professor e Reformador das Finanças Públicas, não tem feito outra coisa senão fortalecer seu poder da maneira mais absoluta.

"Trujillo y Dios" foi, por muito tempo, o lema do "Benefactor", que somente com dificuldade aceitou o pedido do Núncio Apostólico e de seu particular amigo, o cardeal Spellman, de transformá-lo em "Dios y Trujillo".

Este lema, esculpido em pedra ou gravado em metal, pode ser visto em todas as repartições públicas, em todas as escolas, da mesma maneira como as palavras "Trujillo nos dio agua" podem ser vistas em cima de cada fonte e de cada bebedouro.

Quando o carro do Benefactor, usando pesada chapa de ouro, atravessa as ruas de Ciudad Trujillo a cem quilômetros horários, mesmo sem levar a preciosa carga do chefe, todos os cidadãos têm que parar respeitosamente, saudando "el coche del jefe". O poder deste é tão ilimitado, que cada funcionário da "república", antes de assumir as suas funções, tem que entregar sua renúncia assinada sem data, para que o Benefactor possa dela usar, no instante em que melhor lhe parecer. Do mais humilde contínuo do Palácio do Governo, até os ministros de Estado e o embaixador em Paris e Washington, todos têm suas renúncias assinadas sem data e carinhosamente guardadas num volumoso fichário que constitui uma espécie de sentença de morte, da qual o monarca dispõe como bem entende.

OPOSIÇÃO ESMAGADA

Vivendo e governando neste ambiente, Trujillo conseguiu:

1. Assassinar, dentro e fora do país, todos os seus adversários políticos como também seus inimigos pessoais;
2. quebrar a resistência da oposição, liquidando os partidos e seus líderes. Alguns (poucos) deles vivem isolados e sempre perseguidos em Havana, São João de Porto Rico, na Cidade do México, e em algumas capitais centro-americanas. Suas atividades, porém, são bastante tímidas, pois todos eles se recordam dos atentados que custaram a vida de Sérgio Bencosme, "Pipi" Hernandez, Andres Requena e, mais recentemente, do professor espanhol Jesus Gellindez, desaparecido misteriosamente em pleno coração de Nova Iorque;
3. comprar a consciência de vários dirigentes do movimento oposicionista, transformando-os em seus auxiliares, dando-lhes rendosos cargos na diplomacia ou na administração. Significativo é o caso do escritor Hector Incháustegui Cabral, autor de vários artigos e poemas antitrujillistas, que chegou, após vender-se, a ocupar a embaixada dominicana na capital do México, onde dirigiu uma rede de pistoleiros.

Hoje, destacam-se especialmente três dirigentes antitrujillistas: Juan Bosch, conhecido escritor, um dos maiores contistas da América Latina e decano da luta antitotalitária nas Caraíbas; Nicolau Silva (ou Silfa) e German Ornes, este último ex-colaborador do tirano, que com ele rompeu espetacularmente por causa de um erro de revisão saído em seu jornal (El Caribe). Em vez de escrever, em baixo de uma fotografia representando um grupo de escolares, que se tratava de crianças "depositando um ramo de flores na estátua do Benefactor", saiu impresso o seguinte: "Escolares depositando um ramo de flores no túmulo do

Benefactor" O escândalo foi enorme, e o auxiliar de Trujillo transformou-se em "conspirador"...

CEM ANOS TALVEZ

APESAR DE TUDO, Trujillo não cairá tão facilmente. Eis as razões mais importantes de seu poder absoluto:

1. Toda a família Trujillo ocupa cargos de maior importância no país. Enquanto, para descansar, o Benefactor colocou seu irmão Hector (El Negro) na presidência, seu filho Ramfis vem sendo cuidadosamente formado para suceder ao pai e ao tio. Todas as atividades políticas, militares, industriais e comerciais do país são controladas por familiares de Trujillo, chegando a tal ponto que um dos seus irmãos é dono dos cassinos, outro dos prostíbulos, e sua filha Flor de Oro proprietária da maior buate da capital, o célebre "Do-Ré-Mi".

2. A oposição no interior do país foi liquidada de tal maneira que ninguém mais tem a coragem de ouvir uma emissora estrangeira.

3. Espiões do "Benefactor" encontram-se em cada repartição pública, em cada escola, em cada fábrica, informando diariamente à polícia de tudo que ouvem.

4. Geograficamente, a República Dominicana encontra-se em situação muito privilegiada, pois a ilha "Espanhola" onde ela é localizada, ao lado do Haiti, não pode ser alcançada do exterior, a não ser com muita dificuldade. Conforme ficou provado durante a "Operação Luperón", somente um desembarque anfíbio em grande escala poderá ter certo êxito, já que o Exército dominicano, instruído por oficiais alemães, é atualmente o mais poderoso das Caraíbas.

5. Os grupos exilados acham-se bastante divididos, vários deles infiltrados pelos poucos comunistas dominicanos, alguns dos quais, após o fim da segunda guerra, colaboraram com o "Benefactor", que fingiu uma democratização da vida política.

6. As grandes potências, especialmente os Estados Unidos, tratam a tirania dominicana com luvas de pelica, chegando isso a tal ponto que até o assassinio de um cidadão norte-americano (o piloto Gerald Murphy, provável e involuntário raptor de Gallindez) não foi devidamente esclarecido pelo FBI. Vários políticos norte-americanos, como Franklin Roosevelt Jr., são assalariados de Trujillo, o mesmo acontecendo com outros figurões, conforme provaram recentemente o deputado Charles O. Porter e o jornalista Jules Dubois.

7. Capacidade de infiltração dos agentes e diplomatas trujillistas nas grandes organizações (OEA, ONU, FAO, SIP, etc), sempre sob a máscara do "anticomunismo" e da defesa da "civilização cristã".

8. Falta total de armas, como também de navios e aviões, nas fileiras antitrujillistas, coisa absolutamente indispensável, já que um ataque maciço e eficaz somente poderá ser tentado do exterior. Uma ação suicida partindo do interior parece quase impossível, tal o grau de terror em que vive o povo dominicano.

Dentro desse quadro os Trujillo têm, conforme declarou destacado dirigente da oposição, o poder garantido por mais cem anos — o que, sem dúvida, representa alguma coisa. Mas o quadro também pode mudar.

RIO - SÃO PAULO

DEZ MIL

TELEFONEMAS

POR DIA



QUARENTA ANOS DEPOIS da inauguração das três primeiras linhas telefônicas Rio — São Paulo, que permitiam apenas 60 telefonemas em 24 horas, ao preço de mais de um dólar por cada três minutos de conversa, a Companhia Telefônica inaugurou um serviço de micro-ondas entre as duas cidades, cujos 180 circuitos permitirão 10 mil telefonemas por dia, a menos de um dólar por cada três minutos.

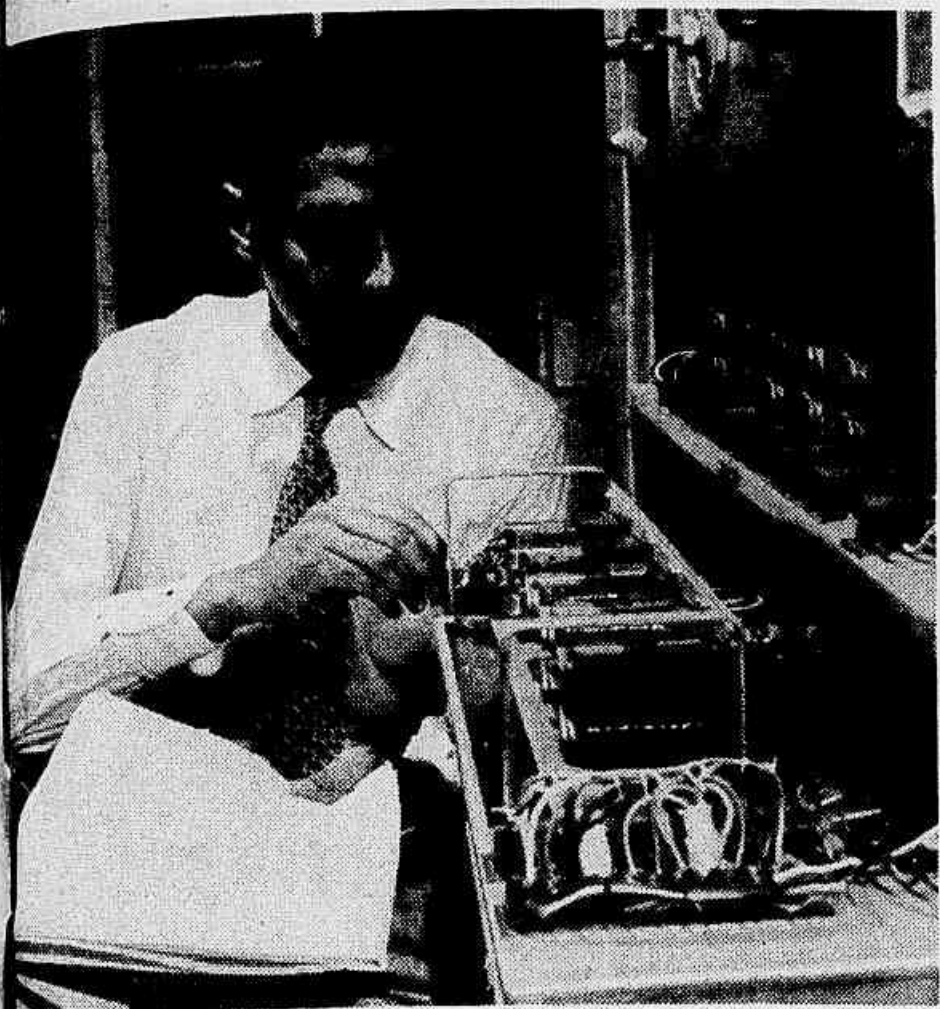
A INAUGURAÇÃO: Dia 1 de março, na estação inicial do Rio (Monte do Centenário, Duque de Caxias) que se liga à Central Interurbana por um novo cabo coaxial. Estavam presentes o representante do ministro da Viação, sr. Cleonir Leite, o general Mourão Filho, o diretor da DCT, coronel Alberto Bitencourt, outras autoridades e dirigentes da Companhia Telefônica, jornalistas e convidados. O sr. Pedro Barnabé Castanheira falou em nome da empresa, sobre a significação do melhoramento.

O SERVIÇO: Operando inicialmente com 180 circuitos, o sistema de micro-ondas servirá

Na inauguração do sistema de micro-ondas o sr. Cleonir Leite, do Ministério da Viação; Carlos Rios Filho, da DCT; general Mourão Filho, da Comissão Técnica de Rádio; e coronel Alberto Bitencourt, da DCT.

Um exame rigoroso foi feito em todo o sistema. A inauguração se fez depois de





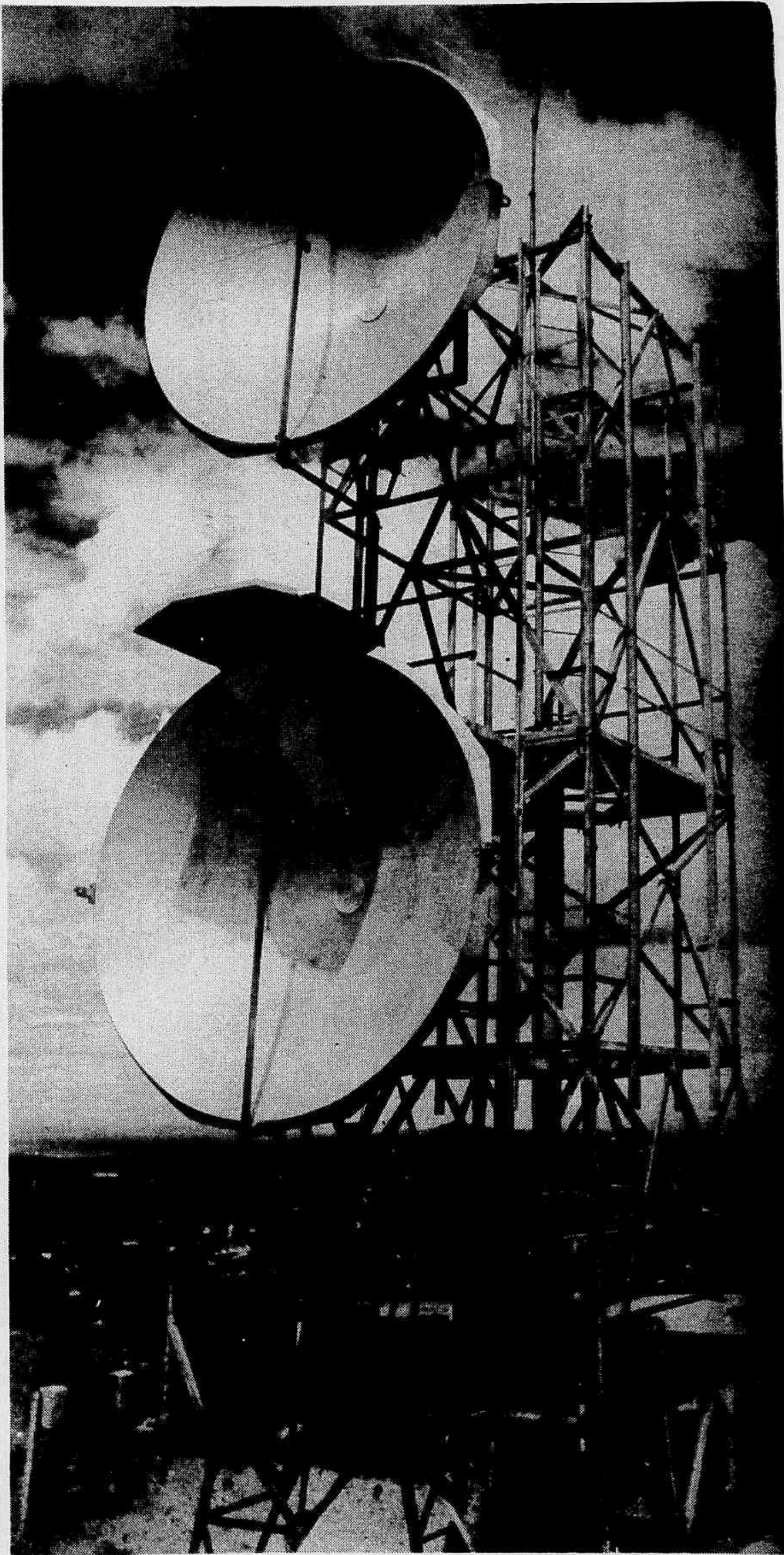
A alimentação de força das estações é retificada por equipamento de alta precisão.

à ligação Rio — São Paulo, beneficiando ainda o tráfego de passagem de Minas, Espírito Santo e Estado do Rio. Com o acréscimo de equipamentos poderá permitir, no futuro, até 3 600 conversações simultâneas. Assegura completa nitidez, evitando as interferências, chiados, estática, etc. nas linhas. O novo sistema já foi adotado entre São Paulo e Campinas.

O FUNCIONAMENTO: A voz, ao atingir o equipamento interurbano, transforma-se em sinais radiofônicos de onda supercurta (cêrca de 7 centímetros) que, amplificados, são retransmitidos de estação a estação até a localidade terminal. Além dos centros do Rio, São Paulo e Campinas, sete estações foram construídas ao longo do Vale do Paraíba. Aparelhamento especial de rádio e geradores de energia completam o equipamento.

O CUSTO: A CTB gastou 300 milhões de cruzeiros com o projeto Rio — São Paulo, excluindo o aumento das despesas com o acréscimo de pessoal especializado. O serviço é o primeiro desta importância na América Latina.

tudo rigorosamente testado.



Tôrre inicial do sistema. Número total das tôrres: onze.

ugura-
fônicos
nas 60
mais de
nversa,
n ser-
idades,
telefo-
r cada

ço, na
cenário,
ral In-
stavam
ro da
Mourão
to Bit-
tes da
convi-
a falou
ção do

e com
servirá

depois de





Ibrahim Sued acordou no dia do casamento e foi tirar os calos. Café e telefonemas nos intervalos.

SOCIAIS

IBRAHIM TIR



"Estou sem fome hoje".



"Telefonaram para o sr. E reclamaram convite".

EMBORA AINDA não tenha terminado o mês de março, o casamento Ibrahim Sued — Glorinha Drummond foi registrado como o "acontecimento social do ano".

Ele mesmo fez o registro assim: "Casaram-se no dia 19 de março, na Capela da Reitoria da Universidade do Brasil, o sr. Ibrahim Sued — o colunista social número um da América do Sul — e a srta. Glorinha Drummond — ex-Miss Elegante Bangu do Clube Naval. Quem os casou foi D. Hélder Câmara, arcebispo-auxiliar do Rio de Janeiro".

Lady Maxwell informa:

Ibrahim Sued me disse que "o casamento não prejudicará minhas funções de colunista social (minhas, dêle). Pelo contrário, aumentará minha produção".

Maria da Glória (Glorinha) Drummond Sued me disse: "Quero ter quatro filhos e só não vou ter mais porque na época de hoje é impossível".



Guarda-roupa de solteiro: fim aos 32 anos.

TIROU OS CALOS PARA CASAR



Glorinha acordou resfriada e sem fome também. Foi à missa e comungou.

Ela recebeu muitos presentes e telegramas

A noiva comungou resfriada

CENTENAS DE MULHERES, que formavam a maior parte da multidão que ficou dentro e fora da Capela para assistir ao casamento, cercaram o carro da noiva, obrigando-a a ficar pelo menos cinco minutos sem poder saltar.

Essas mesmas mulheres, depois que Glorinha saltou, disseram que ela "não ficou muito 'karr' de barraca. É que chovia muito e para não molhar seu vestido de noiva (que custou Cr\$ 150 mil) Glorinha atravessou o pátio da Capela sob uma barraca de praia.

Ibrahim, ao casar, abandonou definitivamente as "saías curtas". Segundo ele, "saías curtas" é assim um sábado, quando a pessoa pode sair, sem compromissos, beber um uísque, namoriscar...

Marcado para as 17,30 horas, o casamento só começou às 19, mas desde as 15 centenas de pessoas se aglomeravam em frente e nos arredores da Capela, na Praia Vermelha. As mulheres treparam até nos gradis do muro da Universidade, gritando a todo instante, na suposição de que a noiva estivesse chegando.

Nas ruas General Severiano e Pasteur, o trânsito ficou interrompido, congestionando-se muito mais por causa da chuva.

As mulheres elegantes, de vestidos azul, vermelho e amarelo nas modas "saco" e "trapézio", na maioria, tinham de se molhar nas poças formadas junto à Capela. Seus chapéus





Glorinha descansa antes de ir para a Capela

Preparando-se para o vestido de noiva: Ibrahim já estava na Igreja.





Ibrahim Sued chega à Capela.



Sr. Sanchez Galdeano e uma senhorita.



"Maitre" Luis, Pomona Politis e pianista Sacha.

No casamento Sued: de porteiro de "Boite"

eram arrancados pelos guarda-chuvas dos populares. Os poucos guardas da Polícia Militar não puderam conter as mulheres fora e dentro da igreja e desistiram da vigilância quando mais se aproximava a hora do casamento.

Ibrahim Sued chegou às 17.30 horas, muito aplaudido. Depois dele, o público gostou mais do marechal Dutra, do sr. Herbert Moses, presidente da A.B.I. (Ele disse: "Eu não sou o Ibrahim"), do cantor Canby Peixoto (que entrou abraçado com a "vedete" Wilma Carla) e do prefeito Negrão de Lima.

O prefeito acenou para a multidão que gritava: "Água, água" e disse rindo e olhando para o céu e a chuva: "Olhem a água aí".

As 18.15 horas chegaram as "demoiselles d'honneur", a menina Isa Cloris Drummond (de 9 anos) e a srta. Tani Galdeano (de 15 anos). As 18.20 chegou a noiva, no "Cadillac" tipo presidencial chapa D.F. 1-21, do sr. Eduardo Bahari. Ela se atrasara por causa do trânsito e da chuva. Assim que a noiva chegou, o povo invadiu a igreja.

Entre os convidados via-se o compositor Bororó, os srs. Tancredo Neves, Vitor Nunes Leal (representando o presidente da República), Ciro dos Anjos, Oswaldo Pereira, Pessoa de Queiroz, João Neves da Fontoura, Jorge Prado, Marcondes

Ferraz Adolfo (ex-porteiro da "boite" Vogue) e o pianista Sacha.

Não foram convidados por Ibrahim Sued os cronistas do Rio. Só os dos Estados.

Ninguém viu para quem a noiva atirou o buquê. As mulheres gostaram mais dos vestidos das sras. Teresa Sousa Campos e Lourdes Catão; foi muito comentada a bengala do embaixador dos Estados Unidos; e os cumprimentos aos noivos na Capela (não houve recepção) duraram até às 20 horas.

Depois do casamento, os noivos foram trocar de roupa na casa de uma das irmãs de Glorinha e seguiram para Petrópolis. Domingo, à tarde, pegaram um avião para a Europa. Visitarão Paris, Roma, Zurich, Lisboa e Côte d'Azur e irão também a Nova Iorque.

Glorinha Sued disse depois do casamento que estava muito cansada e que aproveitaria seu tempo em Petrópolis para "dormir muito".

O sr. Juscelino Kubitschek não pôde ir ao casamento porque o protocolo não permite: presidente da República só vai a casamentos quando é padrinho.

Entre os telegramas recebidos pelo casal foram anotados os dos srs. Juracy Magalhães, Jacques Kleim, Prado Kelly,



Sras. Sousa Campos e Lourdes Catão.



Príncipe D. João.



Glorinha Drummond chega à Capela.

e" a Ministros

Elza Maxwell, Amaral Peixoto, embaixadores Fraga Castro e Antônio Faria, Carlos Lacerda e Danton Coelho. Ali Khan foi convidado em Paris, mas não mandou telegrama porque está na ONU e não deve ter recebido o convite.

Foram padrinhos no civil: os casais Antônio Sanchez Galdeano e Fernando Aguinaga (do noivo) e o casal Carlos Goulart, a sra. Maria da Conceição Drummond e o sr. Alberto Sued (da noiva). No religioso: o casal Joaquim Guilherme da Silveira e o casal Gilberto Marinho (da noiva) e a viúva Cantídio Drummond, sr. Eduardo Bahout e casal Roberto Marinho (do noivo).

Ibrahim Sued no casamento religioso vestia fraque curto, com paletó dois botões cinza-escuro e calça cinza-claro de "pois" inglês, ao invés de listras, e colête branco. O vestido da noiva, criação da sra. Cândida Lúcia, sob a supervisão da sra. Mena Fiala, da Casa Canadá, era de "Tule de Points d'Esprit" bordado de sombra, todo branco, com detalhes azuis. Ela calçava sapatos azuis. O "tule" francês tinha 80 metros e a crina 450, para formar a barra. Levava um véu sobre o rosto, com diadema de rosas artificiais azuladas e flores de laranjeira e buquê de angélicas.

No dia do casamento, Ibrahim Sued acordou resfriado às 11 horas. Vestido de pijama e sem escovar os dentes, recebeu

Sasso, seu calista há oito anos, para tratar dos pés. Todo seu apartamento de solteiro ("Vou me desfazer dele porque é preciso") estava desarrumado. Ibrahim levantava-se várias vezes para atender e dar telefonemas. Ele dormira com o telefone desligado para não ser incomodado. Ao meio-dia, Ibrahim foi tomar banho de "sauna" no Copacabana-Palace Hotel (que fica em frente ao seu apartamento): queria se desintoxicar. À tarde, recebeu Oswaldo, seu barbeiro, e depois de vestir o fraque foi para a Capela.

I.S. estava contente porque a temperatura havia caído. Ibrahim Sued tem 32 anos, começou muito cedo no jornalismo, primeiro como fotógrafo, depois como cronista social na "Vanguarda"; foi para o "Diário da Noite" e hoje está em "O Globo" e escreve também para as revistas "Manchete" e "Querida". Tem um emprêgo no Montepio da Prefeitura. Durante a lua-de-mel, Ibrahim Sued vai fazer reportagens. "Não sou tão rico assim para deixar de trabalhar".

Glorinha Sued, que também estava resfriada no dia do casamento, não dormiu na noite da véspera "porque estava muito cansada e preocupada". As 6 horas da manhã ela foi à missa na Igreja N. S. Copacabana e comungou. Ao voltar para casa, passou no sapateiro para pedir que seu sapato nupcial ficasse pronto logo. Chegou em casa às 9 horas e



A caminho do altar o casal Sued.

Do altar ao beijo foram poucos passos

foi dormir. Acordou às 11 horas, comeu fruta de conde, um pãozinho e algumas uvas. Conversou com a **REVISTA DA SEMANA** primeiro sem pintura e vestindo um "peignoir" azul-marinho com bolinhas brancas, depois com um vestido de algodão azul-claro com quadradinhos brancos. Não almoçou porque não teve fome nem tempo. Revelou que não trabalhará mais. Ela era funcionária do gabinete do ministro da Educação e dava aulas como Assistente Social.

O novo apartamento do casal tem 2 salas, 3 quartos, banheiros, cozinha e demais dependências. Entre a compra e decoração do apartamento, os enxovais e a viagem de lua-de-mel, Ibrahim Sued gastou cerca de seis milhões de cruzeiros.

O romance dele com ela durou 20 meses (12 de namoro e oito de noivado, uma vez rompido). Quando começou o namoro ela estava flertando com os milionários Tito Zarvo e Edmond Rotschild.

Para a lua-de-mel, Ibrahim Sued levará dez ternos e sua mulher viajará com 19 vestidos, 30 pares de sapatos, seis chapéus e algumas dúzias de peças íntimas. Os vestidos foram feitos na costureira Mary Angélica.

Entre os presentes recebidos pelo casal estão uma geladeira, do sr. Sanchez Galdeano, uma televisão do sr. Joaquim Guilherme da Silveira, cinzeiro de prata inglesa do sr. Jorge Guinle, cômoda colonial do sr. Oswaldo Penido, relógio de parede do sr. José Maria Alkmim e cigarreira de prata do embaixador Macedo Soares.

Pessoas que reclamaram convite a Ibrahim: a cantora Linda Batista e a cronista Maluh de Ouro Preto. No dia do casamento, Ibrahim telefonou para as duas e disse que "de modo algum poderia ter-se esquecido de mandar convites para elas. Afinal, vocês são minhas amigas e a Maluh foi quem primeiro me falou da Glorinha".

Porque eram muitos, os presentes de casamento tiveram de ser guardados no apartamento de Ibrahim, no de Glorinha e na casa de suas irmãs.

Entre os convidados que não foram ao casamento estavam os generais Denis e Lott e a atriz Kim Novak.

Ibrahim ganhou uma cigarreira dourada com seu nome escrito na tampa com o mesmo tipo de letras em que aparece na sua coluna "Reportagem Social".

Do sr. Roberto Marinho, diretor do jornal onde trabalha, Ibrahim diz que ganhou um presente "muito valioso".

Ibrahim Sued faz cerca de 120 mil cruzeiros de ordenados mensalmente. Glorinha ganha quase 20 mil.

Cinco costureiras trabalharam no vestido de noiva de Glorinha. Durante a semana do casamento ela teve de provar o vestido dez vezes. Na véspera, posou para os fotógrafos e cinegrafistas. "Foi o dia em que fiquei mais cansada", ela disse.

"Time" e "Life" foram as revistas estrangeiras de maior circulação que fotografaram o casamento, que foi também filmado para cinema e televisão.



Os noivos dizem "sim" a D. Helder Câmara. As alianças m...





Vinte meses de namôro e noivado para o beijo de núpcias.

Suor de Glorinha ficou no lenço de Ibrahim. Comunhão de bens



as m
aram de dedo.

RECADO AO PRESIDENTE

DESTINADA A SERA no Nordeste, encerram as atividades e as representações de região a soma de providências destinadas a manter as suas condições de desenvolvimento e de saúde.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA nomeou o ministro da Viação na comissão de obras e medidas. Algumas delas já foram tomadas, como a criação de serviços públicos em caráter de emergência para colação de documentos, estudos sobre o estado de conservação, a elaboração de medidas visando a garantir o atendimento de regiões e a assistência material a quem não possa trabalhar nas obras públicas e assistência à saúde das populações atingidas.

há duas medidas de ordem econômica, que agora se tornam urgentes: a reestruturação da política governamental em relação aos pecuaristas nordestinos, e a expansão imediata da indústria de minérios.

Vejamos como se apresentam os dois problemas. Após aquela selva de valorização e que foram conduzidos os pecuaristas pelos financiamentos do Banco do Brasil, no Estado Novo, vieram as medidas de desvalorização, mas com a brava resistência que determinou crise profunda na economia da criação nacional. O Congresso, através de leis sucessivas, retirou aos pecuaristas, concedendo-lhes reajustamento de suas dívidas como única forma de lhes permitir enfrentar a desvalorização oficial e repentina de seus rebanhos. No Nordeste, vieram outra crise simultânea: a seca de 32, que dizimou grande parte do gado, diminuindo o patrimônio dos pecuaristas, e obrigando-se, durante meses, a gastar seus últimos centavos na tentativa de salvar o rebanho.

Ao Executivo compete executar a lei, e as responsabilidades financeiras que lhe foram atribuídas seriam cobertas pela arrecadação do "imposto da pecuária" criado. Mas ele foi adiado: como houve — e é inevitável e melancólico que tenha havido — casos de abuso e fraudes na distribuição daqueles benefícios, o ministro Alvimar recomendou aos representantes da União que recorressem ao efeito de veto as decisões de reajustamento. O Congresso, por nova lei, dispôs expressamente esse recurso, mas não mudou a interpretação de que a lei não podia ter efeitos retroativos. Consequências: os pecuaristas não receberam as aplicações da União, salvo um pequeno grupo determinado pelo ministro da Fazenda, sem crédito sendo congelado no Banco do Brasil, mais de 20 mil processos estão na gaveta da Justiça, que não os decidirá sendo no espaço de alguns anos, e cada pecuarista tem de pagar uma despesa de advogado, etc. junto aos tribunais do Estado, ao Tribunal Federal de Recursos, ao Supremo Tribunal Federal, e, mesmo quando obtém decisões favoráveis, e até unanimemente, em todas essas instâncias, a União ainda precisa ação rescisória, uma demanda de alguns anos, que ao ministro Alvimar custa

uma ordem, e ao pecuarista custa sacrifícios irreparáveis de dinheiro, tempo, energias e esperanças.

Pois, no caso do Nordeste, acrescenta-se, agora, na viação desses pecuaristas este quadro: o gado morrendo à falta de pastagem e de água, os criadores gastando os últimos centavos alugando pastos em regiões distantes, e, ainda assim, tendo de contratar advogados no Rio para lutar judicialmente com a União, que se recusa a aceitar o reajustamento concedido pelo Congresso Nacional, em lei, pelas várias instâncias da Justiça, em decisões, mas não aprovadas pelo nosso sábio ministro da Fazenda.

O SEGUNDO PROBLEMA é o da indústria dos minérios, principalmente da scheelita. Esta é uma história que a Nação vai ouvir estareçada, a história da espoliação de alguns deturpadores de riqueza amagados pelo egoísmo de especuladores internacionais e pela incrível incompetência do governo brasileiro. Mas, fiquemos na situação atual: a scheelita caiu, no mercado americano, de 150 para 50 cruzeiros, preço de quilo. O custo de produção é bem maior. Feitos todos os apelos, há um ano, divulgadas todas as promessas do governo, nenhuma providência foi tomada efetivamente. Pois até o relatório organizado pela CACEX, com sugestões práticas para solução imediata, ficou reduzido a uma publicação de caráter técnico, sem consequências neste país insensato. E milhares de trabalhadores foram desempregados. E algumas minas fecharam e outras estão por fechar. Perdemos divisas na exportação, perdemos os cofres públicos impostos, perdemos os produtores o seu longo esforço de 15 anos, perde a economia nordestina uma das raras fontes de riqueza que independem de inverno.

DAQUI, COMO DA tribuna da Câmara, digo ao presidente da República: o problema da seca não é só o de serviços para os trabalhadores agrícolas desempregados. É também o da economia da região, que se desorganiza e perde substância por muitos anos. Examine o governo, no conjunto das providências tomadas e a tomar, estes dois aspectos graves e melancólicos:

1. Se por um lado, pretende ajudar o nordestino na luta contra a calamidade, por outro lado, ajuda a calamidade a destruí-lo, trazendo-o à barra dos tribunais porque teve o desplante de recorrer, para salvar-se, aos benefícios normais da lei.

2. Se o inverno impossibilita as culturas agrícolas, aproveitemos, no Nordeste, as condições ainda parcialmente irreveladas do seu solo, ajudando a indústria de minérios a sobreviver, quando ela dispensa o inverno e apenas pede a colaboração do governo, em termos da maior modéstia.

SOMOS MUITO DESCRENTES dos apelos feitos ao governo. Mas, nordestinos, somos daqueles que não desistem e ainda esperam contra todas as expectativas e contra os próprios desalentos.

ALUIZIO ALVES

**Juntos pela primeira vez
todos os novos
humoristas do Brasil**

REVISTA DA
Semana

DE ABR

**NÚMERO
ESPECIAL
DE HUMOR**

**MARIUS
CLAUDIUS
RAF
AMBROZIO
JAGUAR
BRANDÃO
DIAS PINO**

Convidados especiais

VÃO GÔGO - ZIRALDO - FORTUNA - BORJALO

REVISTA **Feminina** "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Um maravilhoso
presente que o
"Diário de Notícias"
está oferecendo
às suas leitoras
todos os domingos

A «Revista Feminina» do «Diário de Notícias», impressa em rotogravura e em cores, é o mais completo retrato do mundo feminino. A Moda, a Beleza, a Elegância, as últimas sugestões dos mais famosos figurinistas, tudo isso é encontrado nas páginas da

REVISTA FEMININA

que faz parte
da edição dominical do

Diário de Notícias

